

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
SAMP/F1

Dissertação de Mestrado
em Psicopatologia e Psicologia Clínica


**A Patologia Borderline a partir do Negativo
e através do Rorschach**

Fernando de Almeida Leite de Sampaio

**Orientação de:
Prof. Doutora Emília Marques**



Lisboa 2007

 ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de
Documentação
Registo: 17812
Data: 03/11/2008
Tel.: 21 691 17 50 • bibispa@ispa.pt

Agradecimentos:

À Prof. Doutora Emília Marques
pela orientação paciente, sábia e preciosa
e pelo muito que me ensinou.

Aos meus pais.

Resumo

Este estudo tem como objectivo, usando o Rorschach como instrumento, observar as manifestações do negativo e do negativismo na patologia borderline.

Tendo sido feita uma revisão bibliográfica –Kernberg, Brown, Bergeret, A. Dias, entre outros- considerou-se que a patologia borderline constitui um fenómeno complexo e plural situado entre as fronteiras da neurose e da psicose. Dá conta de um impasse no desenvolvimento que impediu o acesso à constância de objecto (Kernberg, 1975/2001) ou à posição depressiva (Brown, 1987), impossibilitando a integração das pulsões e do Eu, o acesso ao objecto total, à representabilidade. O sujeito revela, por isso, um vazio ruidoso, um narcisismo hemorrágico e destrutivo, uma doença do ideal, relações objectais anaclíticas e uma crispação constante com o meio.

Na literatura -Guillaumin, Green, Missenard, Bion, A. Dias, entre outros- verificou-se ainda que uma grande negatividade afecta a patologia borderline. E no que se refere ao negativo, foram-lhe apontados dois destinos: um estruturante e outro destruturante, ou negativista. O negativo estruturante, promovendo as funções de ligação e vinculação, preside à integração das pulsões, do Eu e do objecto, conduzindo à genitalização, à simbolização; o negativismo, anulando o desejo e atacando as ligações e vinculações, as funções de síntese, provoca a destruturação psíquica. Neste sentido Green enfatizou a função ligante e negativante dos mecanismos primários e do recalçamento, sugerindo que regulam o desejo (impondo uma triagem implacável e silenciosa entre o aceitável e o não-aceitável) em função das exigências da realidade. Os mecanismos primários, contudo, quando são colonizados pela pulsão de morte, passam a desempenhar uma função desorganizante e destrutiva através de ataques sistemáticos às ligações e vinculações. Bion, por sua vez, tendo como modelo uma relação continente-conteúdo, falou do processo de estruturação mental. Enfatizou a capacidade negativa do sujeito, a (in)capacidade para modificar a frustração num pensamento a fim de simbolizar a ausência. Esse trabalho de significação, quando conseguido, dá conta de um negativo estruturante. No entanto, como acontece na situação borderline, pode ficar inacabado devido a uma perturbação da capacidade de simbolização. Neste caso, em vez de símbolos são produzidos objectos assimbólicos (A. Dias, 2004) ou pré-símbolos (Brown, 1987), por-

tadores de preocupações pré-genitais. Dão conta de um negativo estruturante bloqueado. O problema, porém, surge quando, face à frustração, o sujeito realiaza uma fuga psíquica pela negação da realidade. Os objectos bizarros produzidos, representantes do desmentido, dão conta internamente da dor indomável do desamparo, sendo, por isso, evacuados.

O Rorschach, de acordo com a literatura –Chabert e E. Marques, entre outros-, permite o acesso à realidade íntima do sujeito e à sua singularidade. Revela-se particularmente sensível às dificuldades de elaboração da perda/ausência pelo borderline, tornando possível a observação do negativo (estruturante) e do negativismo. Ao negativo estruturante estão associados dois modos de funcionamento: um pólo mais evoluído, corolário de um espaço psíquico criativo e ligado à simbolização, e um pólo menos evoluído e promotor de um espaço psíquico adaptativo e conformista associado à produção de assimbolos. O negativo estruturante é expresso no Rorschach através de imagens bem vistas, dando conta da constituição de um continente separado (uma apreensão com boa qualidade formal) e do estabelecimento de uma relação continente-conteúdo positiva. O pólo mais evoluído, que conduz à simbolização, não se revela presente no protocolo analisado. O pólo menos evoluído, promotor de um espaço mental conformista, está presente no protocolo, mas não de forma significativa. Revela-se em imagens inteiras, mas estas são emocional e sexualmente neutras e revelam preocupações pré-genitais, consequência da pressão dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos. Este pólo, apesar de ser o mais progrediente do sujeito, revela que a capacidade de simbolização está perturbada e, por isso, dá conta que não acedeu às identificações secundárias.

O negativismo apresenta também dois modos de funcionamento: um evacuativo para o exterior e outro retraído e deprimido. Um e outro revelam-se no Rorschach por imagens mal vistas, dando conta da inexistência de um continente separado e uma relação continente-conteúdo negativa. Disso é testemunho imagens inquietantes, desvalorizadas, abandonicas, insificientes e narcísicas presentes em abundância no protocolo. Se o espaço evacuativo é insignificante, o espaço retraído e deprimido revela-se presente de forma significativa no protocolo, constituindo o funcionamento mais regrediente e desorganizado do sujeito. Dominado pelo ódio e pela culpa e gerido por mecanismos dispersivos e destruturantes, este espaço é produtor de objectos bizarros, representantes do desmentido e provocadores de sofrimento indomável, tornando o sujeito incapaz de

viver na ausência. São de destacar ainda, como lugares de expressão do negativismo, as apreensões em detalhe branco(Dbl) e os determinantes cinestésicos de conteúdo humano projectivo (K e kp).

Para terminar, O Rorschach revela-se um instrumento capaz de ser enriquecido com novos conceitos e com grandes potencialidades clínicas, pois fala a mesma linguagem e dá conta da singularidade do sujeito.

Palavras chave:

- Borderline, patologia limite
- Negativo, negativismo, negatividade, desamparo, perda, ausência
- Rorschach

Índice

Introdução	7
1 - A perturbação borderline	16
O conceito	17
A evolução dinâmica do conceito.....	19
Aspectos estruturais e dinâmicos da (des)organização borderline.....	21
a) Em momento incerto	21
b) Pluralidade de causas?.....	22
c) Entre a dispersão e a integração	25
d) Entre a dependência e a independência: o anaclitismo ou a patologia das relações objectais	29
e) Entre o controlo onipotente do objecto e o pensamento simbólico	33
2 - O negativo	38
A construção de um conceito	39
O trabalho do negativo: lugares, expressões, destinos	44
3 – A patologia borderline a partir do negativo.....	66
Introdução	67
Do desamparo à (des)estruturação psíquica: o trabalho da pulsão de morte	67
Entre o negativismo do sujeito e o negativismo do objecto primário.....	75
4 – O problema a estudar	82
5 - O Rorschach como Método	90
5.1 – O instrumento	91
Introdução	91
O Rorschach.....	94
A construção da representação de si e as representações de relações	99
As representações de relações	104
A simbolização no processo resposta Rorschach.....	106
5.2 - O Rorschach e a patologia borderline	109
Introdução	109
O funcionamento borderline	113
6 – Os procedimentos.....	123
Parâmetros para uma análise cartão a cartão	128

7 - O sujeito em estudo	143
8 - Análise do protocolo	146
Um protocolo borderline.....	147
Representação de si	147
Análise cartão a cartão	150
9 - Discussão	178
Introdução.....	179
A – O negativo estruturante	180
A1 – Espaço criativo	180
A2 – Espaço conformista	181
B - O negativismo destruturante.....	187
B1 – Espaço evacuativo	187
B2 – Espaço retraído	189
Conclusões	197
BIBLIOGRAFIA	218
Anexo I.....	221
Anexo II	223

Introdução

O fenómeno borderline surgiu cedo na Psicanálise. Aquando da introdução da segunda tónica e da última teoria das pulsões, Freud deu-se conta da possibilidade de existência de uma deformação do Eu para evitar a fragmentação e descreveu a clivagem (Green, 1993). Nos anos trinta e quarenta verificou-se que determinados pacientes, apesar de insuficientemente doentes para serem designados de esquizofrénicos, eram demasiado perturbados para serem tratados de neuróticos. No entanto, sem que tenha havido uma preocupação em compreender e descrever o fenómeno, salvo raras excepções, as preocupações teórico-clínicas centravam-se fundamentalmente na neurose e na consequente interpretação terapêutica dos fenómenos transferenciais e contratransferenciais (Gabbard, 1992).

Os anos sessenta foram marcantes na viragem clínica e teórica dos fenómenos borderline. Verificou-se um interesse acentuado na atenção a estes fenómenos e na busca de novos conceitos que permitissem, por razões clínicas, aceder a uma compreensão cada mais vez aprofundada e aproximada da complexa problemática em jogo. Com efeito, o elevado insucesso terapêutico dava conta de uma patologia indomável à metodologia clínica vigente e os conceitos teóricos clássicos não permitiam uma compreensão aprofundada dessas perturbações. Estes pacientes apresentavam grandes dificuldades nos fenómenos transferenciais e recusavam a interpretação da transferência. Afirmar que se tratava de uma reacção terapêutica negativa com origem nas tradicionais “resistência”, para além de focalizar o ónus do insucesso no paciente, não parecia constituir uma explicação adequada e suficiente a uma patologia que com facilidade desembocava em “catástrofe psíquica” (R. Kaës, 1987). Impunha-se o duro e doloroso, mas desafiante, trabalho do questionamento da teoria e das

metodologias clássicas, através de novas investigações clínicas, a fim de que se pudesse realizar as transformações teóricas e metodológicas necessárias à compreensão e à clínica das novas realidades patológicas.

A patologia borderline parecia dominada por uma negatividade generalizada que (des)estruturava estes pacientes. Com efeito, entre outros, Kernberg (1986; 2001) enfatizou a presença de um vazio ruidoso, de uma patologia do narcisismo e de uma doença do ideal, bem como de uma tonalidade depressiva acompanhada de uma constante conflitualidade com o meio. Ao contrário das classificações clássicas conhecidas onde sobressaía uma etiologia individual, a patologia borderline parecia apresentar uma transmissão inter subjectiva e transgeracional (o negativo da geração anterior aparecia como patologia na geração seguinte). O conceito de Inconsciente, por isso, apesar de ter sido negativamente qualificado na segunda tópica, não parecia ser suficientemente abrangente para compreender e interpretar a complexidade deste fenómeno patológico, nomeadamente da negatividade que a caracterizava. As dificuldades que muitos desses pacientes revelavam em pensar não eram também suficientemente explicadas através dos conceitos neuróticos de “interdito” e de “inibição” (Kaës, 1987; Missenard, 1989).

Vários autores (pós-freudianos -Guillaumin, Kaës, Green, Missenard, Rosalato, entre outros- e pós kleinianos -Bion, nomeadamente), face à insuficiência dos conceitos clássicos para traduzir a realidade psíquica dolorosa e catastrófica destes pacientes, viram-se confrontados com o desafio de rever e expandir a teoria analítica com novos conceitos que lhes permitissem aceder melhor aos fenómenos psíquicos e, desta forma, realizar as transformações necessárias na abordagem clínica a fim de obter melhores resultados (Guillau-

min, 1987; Green, 1993). Propuseram uma linguagem capaz de conter o negativo e a negatividade através de conceitos como: defeito, falta, o falho, ausência, ruptura, parte excluída, diferença, silêncio, incognoscível, não dito, irrepresentável, inominável, vazio, negativo, negatividade, não-seio, não-mãe ... uma linguagem capaz de dar conta da natureza do funcionamento borderline (Guillaumin 1987; Green 1993). Esta linguagem negativa, se permite compreender as hesitações ou incapacidades do pensamento, dá conta também das sombras, de vozes silenciadas, de “objectos” perdidos, de abismos escavados, de vazios sem fundo, de dores inomináveis... Os novos conceitos permitiram a expansão do Inconsciente no para aquém e no para além da sua natureza pulsional, enriquecendo-o com novas dimensões e perspectivas. Parece também que têm o poder de vestir a ferida in-cicatrizável da condição humana, a in-suportabilidade do desamparo, a condição de ser in-acabável, a dor inolvidável da in-completude (Guillaumin, 1987; A. Dias, 1999).

Poderá o Rorschach, no estudo do funcionamento borderline, ser sensível à linguagem do negativo e da negatividade que o caracteriza e, deste modo, revelar o papel que esta desempenha e o modo como ela (des)organiza a referida estrutura psíquica? Responder a esta questão é o que pretende o presente estudo. Isto é, pretende-se verificar, através da metodologia Rorschach, a forma como a linguagem do negativo e da negatividade dá conta do funcionamento psíquico nos sujeitos borderline. Se isso for conseguido, estaremos frente a um instrumento que poderá fornecer parâmetros não só para a compreensão dos pacientes mas também para potenciar os métodos de abordagem clínica, podendo constituir-se, por isso, como um instrumento útil e valioso no estudo e na clínica da patologia borderline. Estamos, portanto, frente a um estudo Rors-

chach e teremos por base um protocolo de um sujeito borderline. Desta forma, seguiremos os estudos realizados por Raush de Trauenberg e de Chabert para a compreensão do Rorschach, bem como os estudos mais recentes de E. Marques.

O Rorschach é uma metodologia que, pela sua complexidade e sensibilidade, permite, dentro da lógica e linguagem analítica clássica, dar conta da riqueza psíquica do sujeito, sendo pertinente o seu uso na investigação científica e na observação clínica. É susceptível também, para além do seu uso normal, de ser enriquecido com novos conceitos e de suportar novas abordagens em função do estudo de novos fenómenos psíquicos, da produção de novos objectos. Impõe-se, por isso, como um instrumento científico pertinente na produção de novos conhecimentos (Chabert, 1983/1998, 1998/2000; E. Marques, 1999). Acreditamos que o Rorschach, depois de enriquecido e modificado, constituirá a metodologia adequada aos objectivos do presente estudo e ao objecto que queremos estudar: o funcionamento do sujeito borderline a partir do negativo.

Para que isso seja possível, porém, é necessário que o Rorschach dê conta do negativo e da negatividade, ou seja, é necessário torná-lo sensível aos novos conceitos. A literatura refere que os objectos ou significados criados no processo-resposta Rorschach, através de uma transposição conteúdo manifesto-conteúdo latente que a teoria psicanalítica suporta, permitem aceder à realidade interna do sujeito, à sua verdade psicológica (E. Marques, 1999; Chabert, 1983/1998, 1998/2000). A literatura também nos dá conta de que a situação Rorschach constitui uma situação disruptiva: o sujeito vê-se constrangido a ter de produzir significados a partir de uma mancha sem contornos definidos e sem uma significação expressa. Isto é tem de dar sentido à frustração, mobilizando a sua função alfa (E. Marques, 1999). O sujeito borderline terá de mobilizar os

objectos internos e as relações que com eles estabelece para fazer face à fluidez de contornos e ausência de significado, testando deste modo a solidez dos objectos internos ou pondo a nu os vazios deixados por estes. A forma como o sujeito se organiza ou desorganiza dentro do espaço psíquico para fazer face ao novo objecto Rorschach e ao disruptivo que o caracteriza, levando ou não à construção de novas integrações, articulação, transformações, criações, ligações e vínculos, acreditamos que nos poderá dar conta da natureza e das características do trabalho do negativo.

Para que possamos alcançar o nosso objectivo, impõe-se, primeiro, a compreensão da patologia borderline⁽¹⁾. Esta, segundo a literatura, parece apresentar algumas características particulares: um impasse no desenvolvimento do Eu, angústia de perda do objecto, a predominância dos mecanismos de defesa primários, nomeadamente a clivagem como mecanismo principal, a relação anaclítica como modo de relação de objecto e a conflitualidade agida (Bergeret, 1991; Kernberg 1986, 2001). O impasse referido parece dever-se à não aquisição da função de síntese pelo Eu, devido à não elaboração da posição depressiva, e à consequente manutenção dos mecanismos dissociativos da posição esquizo-paranóide. Desta forma, o sujeito borderline não constrói um objecto total e ambivalente, ficando dificultada a síntese do Self. A empatia com o objecto torna-se impossível, dificultando o estabelecimento de relações humanas duradoiras e ricas. O sujeito borderline tem, por isso, uma necessidade obsessiva e ansiosa do objecto, vivendo no terror de o perder porque o necessita como suporte, como segunda pele. Esta dependência, porém, é senti-

¹ - O conceito "borderline" é compreendido no seu significado mais abrangente, como contentor das manifestações psíquicas entre as fronteiras da neurose e as da psicose, e no sentido que Kernberg lhe atribui: "*organização borderline da personalidade*".

da, ao mesmo tempo, como muito perigosa porque pode conduzir à fusão. Como consequência, para preservar o sentimento de independência em relação ao objecto só resta a agressão, o uso do ódio como separador. A ausência do objecto torna-se, por isso, insuportável e a luta contra a depressão apresenta-se como uma constante. (Brown, 1987; Bergeret, 1991; Kernberg, 2001). Com efeito, este mal-estar permanente dá conta, afinal, da incapacidade do sujeito borderline em elaborar a ausência do objecto, o desamparo, a frustração no sentido de Bion (A. Dias, 1999). Como consequência, o seu mundo interno é assimbólico. Apresenta um défice da função alfa e uma sobrecarga de elementos beta, resultando daí um excesso de identificação projectiva como mecanismo evacuativo (A. Dias, 2004).

Este breve apontamento conduz-nos à questão do negativo e da negatividade na patologia borderline, atrás referida. Mas será essa negatividade uma consequência dos factores apontados, ou situar-se-á a montante e ao longo do processo da construção psíquica? Defende A. Dias (1999) que a estruturação psíquica é correlativa da capacidade de estruturar o negativo. Neste sentido, a construção do sujeito e do(s) objecto(s), do Eu e do não-Eu, da subjectividade e da inter subjectividade, parece depender da capacidade do sujeito em elaborar a ausência/perda, a falta, a separação, o desamparo. O trabalho do negativo, como defende Green (1993), parece ser um processo silencioso e persistente, da ordem da sombra, um trabalho que dá conta do desejo e está presente à elaboração das pulsões, suas vicissitudes e destinos, revelando-se de forma particular nos mecanismos de defesa. Parece presidir aos processos que realizam a substituição do objecto externo pela sua representação no interior do psiquismo, à construção de uma realidade interna para fazer face às vicissitudes do objecto

(ausência, dependência, perigosidade), aos processos de identidade e identificação. Parece que existem, no limite, dois destinos para este trabalho de bastidores: um destino estruturante e um destino negativista destruturante. O primeiro dá conta da capacidade de viver com o desamparo, com a ausência/falta através da criação de objectos internos securizantes, ou, segundo uma linguagem bio-niana, pela instalação da capacidade de simbolização. Desta forma, o sujeito revela-se capaz de distinguir o dentro do fora, o interno do externo, o Eu do não-Eu, instaura uma “ordem das coisas”, a individuação e a diferenciação. O segundo, pelo contrário, dá conta de uma incapacidade para suportar o desamparo, para viver na ausência/falta, tornando-se esta um lugar vazio, frio e reivindicativo. Este destino negativista é promotor de uma realidade psíquica esterilizante, podendo esta orientar-se para o desértico psicótico ou permanecer sob uma forma mais benigna, mas violenta, como é o caso da patologia borderline. Sob uma ou outra forma, o negativismo é perturbador (senão mesmo impedidor) da capacidade de simbolização, promotor de uma (con) fusão entre o dentro e o fora, entre o externo e o interno, entre o sujeito e o objecto, impossibilitando os processos de individuação e diferenciação de chegarem a bom porto.

Parece ser pertinente, depois de tudo o que ficou dito, o “Estudo do funcionamento da patologia borderline a partir do negativo e através do Rorschach”. A patologia borderline, refractária ainda hoje aos esforços terapêuticos, impõe-se de forma onipotente, incontida e recorrente no sistema de saúde pública, provocando grandes gastos nos limitados recursos existentes e desgaste elevado nos técnicos, sem esquecer os prejuízos sociais, familiares e pessoais provocados pela destrutividade que a entranha. Ter à mão um instrumento capaz de dar conta dos modos de (des)estruturação e funcionamento borderline

e discriminar factores psíquicos (de bloqueio) relevantes aí presentes, no contexto de uma linguagem teórico-clínica e metodológica comum, poderá permitir não só uma melhor escuta e compreensão da ressonância íntima dos pacientes (os lugares do irrepresentável onde o pensamento bloqueia) mas também a adequação da abordagem clínica em função de uma melhor eficácia terapêutica. Neste estudo, deste modo, o primeiro e o segundo capítulos serão ocupados, respectivamente, com uma breve revisão bibliográfica da patologia borderline e do negativo. Na continuidade destes, o terceiro capítulo consistirá numa integração do negativo na patologia borderline a fim de pôr em realce factores relevantes capazes de pôr à prova a metodologia Rorschach. O quarto capítulo desenvolverá o objectivo do presente estudo, tendo em conta o negativo do borderline e o Rorschach. No quinto capítulo será apresentada a metodologia, onde será enfatizado o método projectivo como método clínico para depois discutir a especificidade e riqueza do instrumento Rorschach no acesso à verdade psíquica do sujeito e a sensibilidade da metodologia Rorschach à patologia borderline. Nos capítulos seguintes falar-se-á dos procedimentos e do sujeito a estudar, far-se-á a análise dos protocolos e a discussão e, por fim, elabor-se-ão as conclusões.

1 - A perturbação borderline

O conceito

O termo *borderline* foi formulado por Hughes em 1884 (in A. Dias, 1984, p.55) e vulgarizado nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX por Eisenstein (Bergeret, 1992, p.127) e por Knight (in A. Dias, 1984, p. 56). Aparece na literatura com dois sentidos predominantes: um sentido restrito, como é a opinião inscrita na DSM-IV, usado para designar uma perturbação específica de personalidade –a personalidade *borderline*; e um sentido abrangente postulado, na sequência de Eisenstein e Knight, por Grinker e colegas (1968; in Gabbard, 1992, p.247), Kernberg (1975/2001), Masterson (1987), L. J. Brown (1987) e Bergeret (1991), entre outros. Face à ausência de um consenso, compreende-se que alguns tenham o termo *borderline* como ambíguo e confuso, ou que outros o transformem numa espécie de caixote do lixo da psicopatologia, arrumando aí as perturbações que não podem ser encaixadas de forma precisa no quadro da nosografia clássica (G. Painchaud & N. Montgrain, 1991; Gabbard, 1992).

Para os defensores da ideia abrangente, perspectiva que este trabalho segue, o termo *borderline* integra um conjunto diversificado de entidades situadas entre a neurose e a psicose que foram sendo descritas por vários autores com nomes diversos: personalidades “as if”, estrutura pré-esquizofrénica da personalidade, caracteres psicóticos, estados fronteiros, esquizofrenia pseudo neurótica, esquizofrenia ambulatória, estruturas esquizóides da personalidade, etc. (Kernberg, 1975/2001). Esta diversidade revela que a situação *borderline* é um fenómeno sintomatologicamente plural que pode ser organizado em grupos coerentes e num “contínuum” entre manifestações mais regressivas junto à psicose e manifestações mais estruturadas junto à neurose (Brown, 1987). Foram Grinker & colegas (1968; in Gabbard, 1992, p.247; e in

A. Dias, 1984, p.56) quem fez a primeira proposta de organização do “spectrum” borderline. Também mais recentemente A. Dias (2004) propôs três grupos: um grupo caracterizado pela relação objectal de dependência, um segundo com o predomínio das perturbações de pensamento (presença de lacunas no processo de simbolização) e um terceiro com situações mistas.

A perturbação borderline parece ser um “território conquistado a pulso”. Começou como linha de fronteira e foi ganhando espaço e identidade. Apesar de receber influência das patologias que a confinam, preserva as suas características próprias. Assim, face ao disruptivo, sob o efeito do álcool ou de droga, pode entrar nas franjas do delírio e recorrer a manobras defensivas regressivas, abeirando-se da psicose, ao contrário do psicótico, facilmente recupera com a ajuda de terapias breves estruturadas e mantém a prova de realidade. Pode, pelo contrário, travestir-se de neurose, apresentando manobras defensivas e sintomatologia aparentada, mas, novamente face ao disruptivo e nomeadamente a técnicas de diagnóstico não estruturadas como é o Rorschach, recorre ao uso de defesas primitivas e adopta o pensamento segundo o processo primário, podendo mesmo chegar a perder momentaneamente a prova da realidade. Pode ainda apresentar sintomatologia similar às perturbações caracteriológicas (Kernberg, 1975/2001; Gabbard, 1992; Brown, 1987). Estas metamorfoses parecem dar conta ainda do duplo registo que caracteriza o funcionamento do Eu borderline: um registo funcionalmente adaptativo quando não se verifica qualquer conflito; e um registo anaclítico ou narcísico que promove o recurso ao pensamento primário quando surge a frustração, o disruptivo, a conflitualidade (Bergeret, 1991).

O fenómeno borderline parece apresentar-se como uma perturbação em suspenso entre a psicose que ultrapassou e a neurose que não alcançou. Não tem, na

opinião de Bergeret (1991), a estabilidade própria de uma estrutura, como é o caso da psicose ou da neurose, mas é uma *anestrutura* que se apresenta *organizada*, apesar de, como defendem Lang e colegas (1987), se caracterizar por uma *instabilidade estável* ao longo de todo o seu percurso.

A evolução dinâmica do conceito

Freud (in A. Dias, 1984, p.55), aquando da introdução da segunda tópica e da última teoria das pulsões, deu-se conta da existência de uma deformação no Eu não inserível na neurose nem na psicose. Descreveu-a depois como mecanismo de *clivagem* usado pelo Eu para evitar a fragmentação. Deutsch (1924; in A. Dias, 1984, p.56) descreveu as personalidades “as if” e, para além de lhes associar a deformação do Eu e do Supereu, enfatizou a presença de uma patologia das relações objectais, classificando-as de superficiais e infantis. Reich (1925; in A. Dias, 1984, p.56), por sua vez, apontou o carácter impulsivo e a hostilidade pré-genital, bem como a imaturidade de alguns pacientes.

Nos anos trinta e quarenta houve autores que verificaram a existência de determinados pacientes que não se ajustavam ao tratamento psicanalítico clássico. Eram demasiado perturbados para serem classificados de neuróticos e tinham sérias dificuldades na transferência e contratransferência, mas também não apresentavam critérios suficientes para serem incluídos na psicose. Os autores, porém, mais preocupados com os fenómenos transferenciais, salvo raras excepções, não deram atenção ao estudo destes sujeitos.

Os anos cinquenta, sobretudo os anos sessenta, foram tempos de viragem no estudo sistemático e consistente do fenómeno borderline. Assim, Stern (in A. Dias, 1984, p.56) enfatizou a grande vulnerabilidade dos pacientes à frustração, a tendência para a depressividade e auto compaixão, os sentimentos de insegurança e inferioridade e a grande hipersensibilidade, apontando ainda a presença de um fundo narcísico. Knight (in Gabbard, 1992, p. 246), realizando estudos sistemáticos, enfatizou a perturbação egóica e sustentou a dificuldade dos sujeitos em fazer planos realistas e em defender-se dos impulsos primitivos. Anotou ainda a predominância do pensamento primário, bem como a presença de relações objectais perturbadas.

Com Kernberg (1975/2001; in Gabbard, 1992, p.248) a investigação deu um salto qualitativo. Seguindo um enquadramento psicanalítico, tomou como referência teórica a “Psicologia do Ego” e a “Teoria das relações objectais”. Criou o conceito de «*organização borderline da personalidade*» e propôs que fossem englobadas nele as entidades que apresentavam um fundo borderline comum, apesar das diferenças sintomatológicas existentes entre elas. Defendeu, em consonância com a literatura, que esse fundo comum era caracterizado por uma fragilidade egóica típica, pelo uso de defesas primitivas e por relações objectais perturbadas. Enfatizou que, para além da sintomatologia requerida ⁽²⁾, a debili-

² - Kernberg (1975/2001) refere que o borderline apresenta sintomatologia neurótica no início. Esses sintomas e a caractereologia que os acompanha, no entanto, apresentam características próprias que apontam para a patologia limite. No que se refere à sintomatologia, apresenta como principais sintomas:

- ansiedade flutuante crónica e difusa;
- neurose multisintomática com a presença de fobias múltiplas, sintomas obsessivo-compulsivos, hipocondria, tendências paranóides definidas e relativamente fortes e nítidos traços hipocondríacos que não sejam secundários a uma reacção intensa de ansiedade;
- tendências sexuais perverso-polimorfias;
- as estruturas clássicas da personalidade pré-psicótica: personalidade paranóide, personalidade esquizóide, personalidade hipomaniaca e organização ciclotímica da personalidade;
- neurose impulsiva (manifestação de um modo crónico e repetitivo de um impulso destinado a gratificar necessidades instintivas) e adições (álcool, drogas, obesidade psicogénica, cleptomania ...);

dade egóica é um factor decisivo na realização do diagnóstico, devendo, por isso, ser cuidadosamente observada.

Bergeret (1991) deu também um precioso contributo para a compreensão da organização borderline. Defendeu a existência de um «*tronco comum*» ao nível da organização do Eu. Esse tronco comum dá conta de um bloqueamento no desenvolvimento afectivo do Eu que o obriga a fixar a clivagem como mecanismo de defesa privilegiado e a desenvolver relações objectais anaclíticas. O conceito de “anaclitismo”, talvez o mais emblemático de Bergeret, revela dependência do objecto externo devido à inexistência de um objecto interno ambivalente e narcisicamente securizante. Tem subjacente, por isso, a ansiedade de perda de objecto, que constitui a ansiedade dominante, e dá conta um fundo depressivo e narcísico.

Aspectos estruturais e dinâmicos da (des)organização borderline

a) Em momento incerto

Kernberg (in Gabbard, 1992, p.255), tendo subjacente o esquema evolutivo de Mahler, defende que a perturbação borderline tem origem numa fixação na fase de separação-individação, mais concretamente na sub-fase de reaproximação entre os 16 e os 30 meses, que impede o Eu de evoluir para a fase da constância do objecto e concluir a sua própria integração e a integração do objecto interno e externo, total e ambivalente. Masterson (1987; In Gabbard,

- perturbações caracteriológicas de nível inferior (patologia caracteriológica severa com carácter caótico e impulsivo).

Para fazer diagnóstico é necessário a presença de pelo menos dois sintomas, sendo melhor a presença de três.

1992, p.256) segue a opinião de Kernberg; Bergeret (1991) defende que esse bloqueio se deu na altura da abordagem do Édipo; e Brown (1987), adoptando os conceitos de Klein, enfatiza a transição entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva e, para realçar a importância desse momento no processo evolutivo, designa-o de *posição transitiva* e relaciona-o com o espaço e o objecto transitivos de Winnicott. Na sua opinião, o sujeito borderline regride ao funcionamento esquizo-paranóide quando está prestes a entrar na posição depressiva e, por isso, a sua história não dá conta de ter usado o objecto transitivo, ficando, desse modo, prejudicada a instalação do processo de simbolização.

Em resumo, a literatura, apesar das poucas referências apontadas, não permite formar consensos acerca do momento etiológico da patologia borderline. Com efeito, há autores que, defendendo a teoria de uma fase específica, apontam uma origem pré-genital, podendo esta ser mais ou menos precoce, e outros que enfatizam a fase edipiana (Lang, Grotstein & Solomon, 1987). Há outros, porém, como é o caso de Gunderson (1987) e Giovacchini (1987), que, criticando a teoria da fase específica, são de opinião que a perturbação borderline se vai desenvolvendo progressiva e lentamente ao longo das diversas fases do desenvolvimento.

b) Pluralidade de causas?

O bloqueio evolutivo do Eu deve-se, na opinião de Kernberg (1975/2001), à agressividade constitucional da criança, particularmente à forte pulsionalidade de natureza pré-genital em que sobressai a agressividade oral, bem como a fortes frustrações objectais, nomeadamente à indisponibilidade emocional

materna ou a graves problemas de maternagem. Em idade tão precoce a criança tem grandes dificuldades em suportar o disruptivo sem a ajuda adequada do adulto. Essas dificuldades tornam-se ainda maiores quando não é constitucionalmente favorecida. Neste sentido, experiências de frustrações extrema despertam ainda mais intensa agressividade (primária e secundária), agressividade esta que acaba por contaminar não só as identificações pré-genitais, mas também as edipianas, contaminando a percepção do objecto e as relações objectais.

Masterson (1987; Gabbard, 1992, p.256), desvalorizando a agressividade constitucional da criança, enfatiza a agressividade materna. Defende que as mães de borderlines, também borderlines, vivem conflituamente o crescimento de seus filhos e transmitem-lhes subliminarmente a mensagem de que não devem crescer se quiserem preservar o suporte e o amor materno. Esta teoria foi fortemente criticado por ser considerada culpabilizadora das mães.

Giovacchini(1987), pondo também o acento no materno, defende que as mães dos sujeitos borderlines os tratam como seus objectos transitivos e, por isso, não lhes permitem separar-se e crescer, tentando, desse modo, exercer um controlo onnipotente sobre eles. Por detrás destas fantasias inconscientes parece haver um medo das mães em sofrer represálias e de serem destruídas se perderem o controlo onnipotente sobre os seus filhos e estes se separarem e crescerem.

Gunderson (1987) critica a insistência de Kernberg na agressividade constitucional da criança. É de opinião que a patologia borderline se deve ao inconsistente e inadequado envolvimento parental (não apenas da mãe), no que

refere ao suporte, atenção e protecção ao longo de todas as etapas do desenvolvimento.

Brown (1987), em consonância com a sua posição kleiniana, postula que a regressão ao funcionamento esquizo-paranóide, na altura da posição transitiva, se deve a uma forte ansiedade persecutória.

Bergeret (1991), por último, defende a teoria do trauma. Filiando-se na teoria clássica da escola francesa, postula que o bloqueamento evolutivo na altura da abordagem do Édipo se deve a um trauma de natureza afectivo-sexual (sedução sexual, por exemplo) surgido subitamente no meio. A criança desenvolve-se normalmente até ao momento do trauma, mas psicologicamente imatura e sem mecanismos de recalçamento vê-se incapaz de negociar essa situação triangular súbita, fortemente frustrante e pulsionalmente avassaladora. Vivenciando-a como um perigo real de perda de objecto, regride e recorre às defesas primárias para restabelecer a paz interna e evitar a realidade dolorosa. Face à frustração sentida, realiza então uma fuga para a frente e sobrevoa superficial e rapidamente o Édipo, sem dele tirar benefícios ao nível das identificações edípicas, das defesas e das relações objectais, entrando depois numa latência precoce e por tempo indeterminado.

A pequena resenha dos autores apresentados, apesar de não permitir formar consensos, parece sugerir a ideia de que o sujeito borderline sofre de uma grande intolerância à frustração, quer devido a dificuldades constitucionais, nomeadamente à forte agressividade pré-genital, quer devido a frustrações causadas pelo meio, provocadoras estas também de uma grande agressividade. Essa intolerância parece ter como consequência uma constante e reiterada fragi-

lização do desenvolvimento egóico a que o bloqueamento evolutivo não deve ser alheio (Kernberg 1975/2001; Gabbard, 1992; Lang, Grotstein & Solomon, 1987).

c) Entre a dispersão e a integração

Ausência das funções de síntese - Numa leitura mais aprofundada Kernberg (1975/2001) defende que o bloqueio evolutivo priva o Eu das importantes funções de síntese e impede a sua integração definitiva e a instituição do objecto total, interno e externo, narcisicamente securizante. Sem um Eu e um objecto total integrados, não parece ser possível a construção de fronteiras estáveis e seguras entre o Eu e o objecto, mas permanecem dinâmicas simbióticas que implicam manobras defensivas drásticas, como é a clivagem e restantes mecanismos primários, e fortes investimentos pulsionais, como é a manutenção da agressividade e do ódio pré-genitais.

O Eu, refere Kernberg, tem de superar duas etapas integrativas no seu processo evolutivo. Na primeira deve alcançar a autonomia primária, libertando-se da fusão do objecto e estabelecendo uma primeira separação rudimentar Eu/não-Eu, interno/externo, dentro/fora, sujeito/objecto. Na segunda deve realizar a integração das identificações e introjecções derivadas das pulsões libidinais e agressivas, a síntese dos “bons” e “maus” objectos e das introjecções “positivas” e “negativas”. Na conclusão desta segunda etapa, o Eu, tendo integrado as suas componentes positivas e negativas e constituído o objecto interno integrando suas partes “boas” e “más”, atinge importantes níveis de coesão, coerência e estabilidade interna, bem como maleabilidade adaptativa frente ao real, que lhe permitem demarcar fronteiras claras e estáveis entre Eu/não-Eu, sujeito/objecto, dentro/fora, interno/externo.

Na opinião de Kernberg o sujeito borderline ultrapassa a primeira etapa. Apesar de algumas dificuldades, ao contrário do psicótico, alcança a autonomia primária e, por isso, conserva mais ou menos intactos os limites do Eu e a prova da realidade. Porém não conclui a segunda etapa. A fixação na sub fase de reaproximação não lhe permite alcançar a constância do objecto, ficando impossibilitada a síntese dos derivados das pulsões libidinais e das pulsões agressivas. O Eu não se constitui como uma estrutura coesa e o objecto permanece dissociado em suas partes parciais e contraditórias. Fica em suspenso, desta forma, a conclusão do processo integrativo e a construção de fronteiras estáveis Eu/não Eu, sujeito/objecto, interno/externo, dentro/fora. Verifica-se ainda que a agressividade pré-genital e o ódio estão ao serviço dos mecanismos dissociativos. Não tendo alcançado a separação definitiva Eu/objecto, a agressividade e o ódio desempenham a importante função de separar e impedir a fusão Eu/objecto, tentação permanente devido à sedução que o objecto exerce (Chabert, 1998/2000).

Brown (1987), partindo da opinião de que os conceitos kleinianos são clarificadores deste processo integrativo, defende que é a posição depressiva que possibilita a instalação das funções de síntese ao substituir os mecanismos de dispersão da posição esquizo-paranóide por mecanismos de integração de natureza neurótica. O sujeito borderline, porém, quando está a entrar na posição depressiva regride defensivamente e adopta o funcionamento dissociativo da posição esquizo-paranóide, ficando impossibilitada a síntese das pulsões, a integração do Eu e do objecto, bem como a síntese do Self. A empatia pelo objecto torna-se, desta forma, uma miragem e o caminho para a difusão identitária fica em aberto (Brown, 1987; Painchaud & Montgrain, 1991).

A clivagem, sua função e limites - Os mecanismos dissociativos esquizo-paranóides constituem um instrumento imprescindível no desenvolvimento precoce do Eu: impedem a generalização da ansiedade, permitem fazer face à frustração e facilitam a formação de um núcleo egoico central à volta de introjecções positivas, protegendo-o das investidas persecutórias dos “maus” objectos. Num quadro normal, as defesas primárias (clivagem, identificação projectiva, desvalorização, idealização, onnipotência, negação) evoluem para mecanismos de recalçamento, bem mais adequados aos objectivos psíquicos das fases mais avançadas do desenvolvimento. Essa evolução parece ser concomitante com a instalação das funções de síntese e é fundamental para o desenvolvimento do Eu, para a sua integração e coesão, bem como à instituição do objecto total e ambivalente (Brown, 1987; Kernberg, 1975/2001; Bergeret, 1991).

No borderline, porém, o bloqueamento do processo integrativo (devido à incapacidade para tolerar a frustração) provoca uma fixação crónica da clivagem e transforma-a em defesa principal do Eu para impedir a generalização da ansiedade e proteger as identificações e introjecções positivas. A clivagem é consequência da situação patológica, mas ao tornar-se a defesa privilegiada do Eu perpetua de forma crónica, activa e conflitual a dissociação dos estados contraditórios e parciais do Eu e do objecto. A função da clivagem, porém, é limitada e restrita. Tem como finalidade manter activamente separadas as qualidades afectivas opostas das identificações e das introjecções, ou, como dá conta Bergeret (1991), refere-se ao objecto e apenas deforma o Eu. A clivagem tem como consequência perversa a manutenção da agressividade e do ódio pré-genital. É a prin-

cipal causa da labilidade egoica e fundamental agente de relações objectais patológicas (Brown, 1987; Painchaud & Montgrain, 1991; Kernberg, 1975/2001).

A clivagem potencializa os seus efeitos com a ajuda de outras defesas primárias. A *idealização primitiva* permite a criação de imagens objectais boas e poderosas que são utilizadas como defesa contra os maus objectos que a *desvalorização* reforça ou produz. A *omnipotência* permite manipular magicamente o objecto conforme as necessidades do Eu; e a *identificação projectiva* permite evacuar as partes agressivas do si-mesmo, os maus objectos. A *negação*, por último, reforça a clivagem ao impedir a ligação emocional entre estados opostos e permite desvalorizar sectores da experiência subjectiva ou externa e impede, deste modo, o seu reconhecimento intelectualivo ou a sua ressonância emocional (Kernberg, 1975/2001).

Como a situação borderline é plural, havendo sujeitos com funcionamento mais perto da psicose e outros mais perto da neurose, Brown (1987) defende que as lógicas regressivas e os mecanismos dissociativos, que dão conta da presença do pensamento primário, são usados mais sistematicamente pelos sujeitos mais seriamente perturbados, enquanto que os sujeitos menos afectados recorrem mais a mecanismos aparentados aos neuróticos. Refere ainda que muitos sujeitos recorrem a defesas maníacas para dominar o objecto de que dependem, e outros usam fantasias mágicas para reparar os objectos danificados pela identificação projectiva. Mas todos recorrem às defesas primárias, quando surge a ansiedade provocada pelos impulsos contraditórias resultantes das relações objectais, frente ao medo de perda de objecto, ou quando têm dificuldade em exercer o controlo onnipotente do objecto.

A instabilidade egoica - A instabilidade egoica é uma consequência da clivagem e, ao mesmo tempo, alimentam-se uma da outra. A instabilidade egoica dá conta da grande fragilidade do Eu face ao disruptivo e fundamenta a *difusão da identidade*. Revela-se de “formá inespecífica”, no dizer de Kernberg (1975/2001), na «*falta de tolerância à ansiedade*», pela «*falta de controlo dos impulsos*» e pelo «*insuficiente desenvolvimento dos canais sublimatórios*» (opus cit. p.34). Um mínimo de acréscimo de ansiedade faz transbordar o copo, tornando insuportável a mínima frustração. Mas, para o autor, a forma mais expressiva da instabilidade egoica é a patologia das relações objectais que se revelam intensas, dramáticas e quezilentas. Dão a oportunidade ao sujeito de ter um palco onde representar externamente o conflito psíquico interno, como sugerem Painchaud & Montgrain (1991) ao dizerem que o sujeito borderline não constrói um sintoma, como acontece com o neurótico, nem um delírio, como sucede com o psicótico, mas age o conflito no exterior, no “teatro” das relações humanas, vivendo relações objectais perturbadas.

d) Entre a dependência e a independência: o anaclitismo ou a patologia das relações objectais

A clivagem, ao perpetuar a dissociação entre os derivados pulsionais contraditórios, obriga o Eu a deformar-se e a estabelecer relações objectais parciais, conflituais e altamente ansiogénicas, onde lavra livre e generosamente uma forte impulsividade pré-genital. O Eu, ao expulsar para o exterior através da clivagem e da projecção as componentes odiadas de si-mesmo e os maus objectos, protege a parte boa de si-mesmo e os bons objectos e evita a generalização da

ansiedade no seu interior, mas cria, ao mesmo tempo, um mundo perigoso pejado de objectos que a partir do exterior são vividos como altamente persecutórios. Qualquer frustração passa a ser sentida como agressão e vivenciada com grande violência, provocando facilmente a passagem ao acto. Como se isso não bastasse, pode surgir um forte sentimento de maldade interna e o sujeito é levado a introjectar os maus objectos evacuados, alimentando, deste modo, o sentimento de indignidade e de ser desprezível, sendo levado a punir-se a si mesmo pela auto-agressão ou auto-destruição (Kernberg, 1975/2001).

A inexistência de um objecto total e ambivalente impede o Eu de ter uma modulação normal das disposições afectivas e de estabelecer uma diferenciação entre elas. Impede-o ainda de adquirir a capacidade de se deprimir, de se preocupar pelo outro, de sentir culpa em relação aos objectos, dificultando a capacidade de avaliar os outros com realismo e a possibilidade de estabelecer relações empáticas. As relações de objecto resultantes são superficiais e infantis e constituem um terreno propício à irrupção crónica de estados afectivos primitivos em que as pulsões agressivas pré-genitais se manifestam de forma intensa, reforçando deste modo a onipotência e a megalomania. O Supereu, como consequência, não vai além de uma estrutura rudimentar, ficando favorecido o ideal do Eu que, através dos mecanismos de idealização, se reforça pela criação de imagens de objecto idealizadas, poderosas e onipotentes (Kernberg, 1975/2001). Com efeito, Bergeret (1991) é de opinião que o ideal do Eu é o verdadeiro pólo à volta do qual se organiza a personalidade.

O sujeito borderline, como não tem um objecto interno securizante e capaz de suportar as projecções, vive narcisicamente “pendurado” no objecto externo através de uma relação de dependência-domínio. Esta dependência

anaclítica do objecto, defende Bergeret (1991), não tem nada a ver com a fusão psicótica, mas, incapaz de incluir o terceiro, é vivida a dois. Dá conta de uma luta desesperada contra a depressão, face à ansiedade permanente de perda ou abandono do objecto e de um narcisismo hemorrágico. O objecto desempenha, por isso, a função de ego auxiliar, de segunda pele, defende A. Dias (2004). É vivido como absolutamente necessário. A sua ausência ou indisponibilidade emocional é provocadora de grande ansiedade, de frustração, raiva, sentimentos de impotência ou derrota. Porque dele depende narcisicamente, mostra-se sedutor e manipulador; reivindica a sua presença permanente, culpabiliza, acusa; faz-se de vítima, revelando uma necessidade premente e permanente de respeito e atenção, de suporte e afeição (Bergeret, 1991; Painchaud & Montgrain, 1991).

A necessidade narcísica do suporte do outro, que quase o obriga a uma presença física permanente, tem, porém, como reverso o temor do aniquilamento fusional. Desta forma, as relações objectais adquirem uma natureza paradoxal que se expressa em afectos contraditórios vividos de forma alternada segundo um modelo de tudo ou nada. À reivindicação da presença e do afecto do outro pode seguir-se, devido a alguma frustração simples, a demonização ou a completa desvalorização do outro, agredindo-o de forma grosseira e sem qualquer tacto. A aproximação demasiada provoca grande ansiedade e, por isso, os compromissos amorosos estáveis são evitados e dinamitados pelo ódio e pela agressividade, resultando daí relações objectais sadomasoquistas (Bergeret, 1991; Painchaud & Montgrain, 1991).

O objecto é sedutor por natureza. Contra a sedução do objecto o sujeito borderline usa o ódio e a agressividade, que servem também como factor de

separação entre o Eu do objecto, contrariando, deste modo, os dinamismos simbióticos existentes. Com efeito, as fronteiras entre o Eu e o objecto, entre o dentro/fora, são muito frágeis e porosas, como seria de esperar pelo facto de o processo de separação/individuação não ter sido concluído. Deste modo, o reportório paranóide parece ter como objectivo recriar a fantasia da autonomia, assustar quem facilmente pode frustrar e exercer o controlo onnipotente do objecto para evitar medos paranóides primitivos associados à projecção dos maus objectos. Quando as tentativas de controlo e manipulação do outro fracassam e não consegue os seus intentos de gratificação desejada, tende a realizar um retraimento narcísico e a recriar na fantasia essas relações objectais para expressar as suas necessidades. Resiste, por isso, mal às frustrações actuais, pois recordam frustrações antigas. (Kernberg, 1975/2001; Bergeret, 1992; Painchaud & Montgrain, 1991).

No que se refere às relações objectais precoces, a agressividade pré-genital, sobretudo de natureza oral, contamina as figuras parentais e as relações com estas, contaminando os processos identificatórios precoces e os edipianos. A imagem da mãe é sentida como potencialmente perigosa e associada a sentimentos paranóicos. O ódio que lhe é dirigido contamina também a figura paterna, reduzindo as possibilidades de um recurso alternativo ao auxílio paterno, quer nos conflitos pré-genitais quer nos edipianos. Desta forma, o casal parental pode aparecer em imagem combinada e com natureza persecutória, dando às relações sexuais, sobretudo às relações heterossexuais, um carácter perigoso e agressivo. Face ao ódio e aos temores orais, o sujeito precipita-se precocemente na situação edipiana, mas a agressividade pré-genital faz também com que o processo fracasse (Kernberg, 1975/ 2001).

e) Entre o controlo onnipotente do objecto e o pensamento simbólico

Os sujeitos borderline, não tendo de enfrentar situações conflituais ou que provoquem ansiedade, revelam-se adaptados e com um funcionamento mental próximo do neurótico, mas recorrem ao pensamento segundo o processo primário quando enfrentam o disruptivo (Kernberg, 1975/2001; Brown, 1987; Bergeret, 1991). Este duplo funcionamento, ao contrário de representar uma vantagem, revela a presença de dificuldades ao nível do pensamento, na sua estruturação precoce (Brown, 1987).

O pensamento tem como ponto de partida, na opinião de Bion, a capacidade inata do sujeito em tolerar a frustração (uma realização negativa, ou seja, a ligação entre uma pré-concepção e uma frustração, ou, por outras palavras, a não satisfação imediata, pelo objecto, de uma necessidade) e tem como suporte os cuidados maternos de uma “mãe suficientemente boa”. O objecto primário que inicialmente empresta ao bebé a sua mente para transformar as frustrações e dar-lhes um sentido alterando-lhes a direcção do afecto, deve depois ser internalizado como modelo de funcionamento mental. Nesta perspectiva, o objecto primário suficientemente bom exerce a função de continente para a raiva, a ansiedade, o medo da morte, isto é, para as frustrações que a dependência absoluta do objecto provoca e que o bebé é incapaz de suportar e, por isso, necessita evacuar. Essas frustrações da fase precoce são vividas pelo bebé como “coisas em si”, como elementos beta que não servem para ser usados pelo pensamento. Destinam-se a ser projectados. É função da “rêverie” materna, através

de uma relação continente-conteúdo, metabolizar essas “coisas em si”, essas projecções por mais destrutivas que sejam e devolvê-las desintoxicadas, com sentido, toleráveis para a mente rudimentar do bebé para que este as reintrojecte de novo. O bebé introjecta ao mesmo tempo a função continente e identifica-se à função alfa materna, constituindo o seu próprio aparelho de pensar (Zimmerman, 1995; Grinber, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991).

Brown (1987) defende que na idade mais precoce (no autismo primário e na simbiose) a mente do bebé é musculada e a sua forma de funcionamento é evacuatória. Na posição transitiva verificam-se grandes transformações, mas a projecção permanece como mecanismo principal. Só com a posição depressiva é que se dá a substituição da identificação projectiva pela função alfa e, desta forma, se inicia o processo de simbolização e verifica a autonomia do sujeito. O bebé ao internalizar a função continente materna e identificar-se à sua função alfa, adquire um lugar de projecção e um mecanismo transformador dos elementos beta em elementos alfa, prontos a entrar no processo de simbolização e a ser usados pelo pensamento. Todo este processo fica perturbado e complicado, sendo os elementos beta transformados em objectos bizarros, se o objecto primário for incapaz de conter e metabolizar as projecções do bebé por mais violentas que sejam, ou se ele próprio for agressivo ou frustrante.

O problema da situação borderline é que o objecto é traumático (A. Dias, 2004), frustrante e emocionalmente indisponível (Kernberg, 1975/2001; Brown, 1987), um continente inadequado e sem capacidade de “rêverie” (Zimmerman, 1995; A. Dias, 2004). A este facto está ainda associada uma excessiva agressividade constitucional, baixa tolerância à frustração, ou ansiedade persecutória interna do bebé (Kernberg, 1975/2001; Brown, 1987); bem como o facto de o

sujeito borderline não ter instaurado a posição depressiva, mas permanecido, na opinião de Brown (1987), na posição transitiva e de recorrer às defesas primárias. Como consequência, não se dá a internalização de uma “mãe suficientemente boa”, mas antes a de um objecto parcial, um objecto clivado em suas componentes afectivas contraditórias; verifica-se a internalização de uma função continente inadequada e defeituosa, porosa ou distorcida, ou, como afirma A. Dias (2004), «a identificação à função continente não (ficou) completamente feita» (opus cit. p.62), verificando-se apenas a construção de um «rudimento» (opus cit. p.67); e não se dá a identificação à função alfa, prevalecendo a identificação projectiva sobre aquela (A. Dias, 2004). Neste sentido, Brown (1987), no seguimento de Giovacchini, defende que o sujeito borderline adquiriu um “introjecto funcional”³ (opus cit. p. 164), limitado e defeituoso, parcial e vazio, ficando prejudicadas as identificações precoces, bem como a percepção do objecto (objecto visto de forma parcial) e, deste modo, a sua representabilidade; e, no seguimento de Grotstein e Meltzer (opus cit. p. 168) defende que revela uma “identidade adesiva” (que se forma a partir da ausência de um contacto prazeroso da mãe com a pele do bebé, da falta de um colo caloroso), denunciando as fragilidades da função continente e apontando para a necessidade permanente do suporte objectal.

Na opinião de A. Dias (2004) a função continente constitui-se como pele mental na periferia do aparelho psíquico. A função continente e a função alfa originam o processo de simbolização, organizando, desta forma, o espaço mental, as fronteiras do Eu e a coesão do Self. A função continente e a função alfa

³ - O “introjecto funcional” é uma internalização da “mãe suficientemente boa” a partir do qual se desenvolvem as identificações infantis. A identificação com o introjecto funcional é a base das funções executivas do Eu.

proporcionam ainda a ligação da energia psíquica e permitem a passagem do processo primário ao processo secundário. Mas, como ficou referido, a função continente é rudimentar no sujeito borderline e a identificação projectiva predomina sobre a função alfa; o aparelho de pensar permanece por construir e o espaço mental por organizar, pois o sujeito é assimbólico ficando, por isso, dependente do suporte mental do outro. O objecto externo, devido à falta de um objecto interno, é usado como segunda pele «*no sentido mental do termo*». «*A primeira deveria ser a função continente*»... «*Daí a importância que essas pessoas atribuem à perda de objecto, à ausência de objecto, mas daí também a narcisação do objecto*» (opus cit. p. 70) de qualquer objecto que cumpra essa função alfa supletiva. Se não cumpre essa função, sofrerá uma evacuação de rai-va narcísica e será substituído. A ausência de resposta do objecto é, por isso, devastadora e tem como efeito um surto de loucura, isto é, a psicotização do borderline. É que este não pode ficar sem objecto: um objecto que lhe “restaure” a pele mental, que lhe contenha a experiência primária, que lhe metabolize os elementos beta projectados, que não permita o rompimento da película do Self (A. Dias, 2004). Deste modo, Brown (1987) sugere que o sujeito borderline permanece a um nível pré-mental e que este é de cariz onnipotente e dominado por mecanismos defensivos dissociativos que o impedem de olhar o objecto na sua totalidade e de o re-presentar. Desenvolve, por isso, um pensamento pré-simbólico onde os factores dispersivos tornam impossível a evocação de uma imagem interna de objecto. Uma simples e banal separação de objecto transforma-se numa experiência insuportável de perda de objecto. Face a este narcisismo negativo e destruidor só resta o controlo onnipotente do objecto para evitar tanto sofrimento. E tudo isto porque, como refere A. Dias (2004), o sujeito é

assimbólico, isto é, não elabora a frustração construindo um símbolo, nem produz teorias aprendendo com a experiência, mas vive na acção. Esta condição assimbólica torna-o dependente do outro e dá-lhe um narcisismo de fundo destrutivo, consequência de uma sobrecarga de elementos beta não passíveis de transformação, de serem pensáveis, mas que só podem ser evacuados, sugerindo que a parte psicótica da personalidade desempenha um importante papel nestes sujeitos.

2 - O Negativo

A construção de um conceito

O *negativo* é um conceito recente na psicanálise. Tem origem nas preocupações teóricas e clínicas de alguns autores pós-freudianos (Guillaumin, R. Kaës, Green, Missenard, Rosalato, Francis Pasche, J. Gillibert, entre outros) e pós-kleinianos (Bion, nomeadamente) que, a partir dos anos sessenta do século XX, começaram a dar mais atenção aos fenómenos borderline, face ao frequente fracasso terapêutico (Guillaumin, 1987; Green, 1993). A teoria e a abordagem clássicas, construídas sobre os fenómenos neuróticos e análise da transferência, não permitiam aceder a uma compreensão aprofundada da patologia borderline nem a uma abordagem terapêutica eficaz. O elevado fracasso clínico não podia ser olhado apenas como reacção terapêutica negativa e não parecia ser suficientemente explicado pelo recurso à afirmação clínica de que se tratava de “resistências”. Na verdade, os analisandos recebiam mal as interpretações e estas eram tanto mais mal recebidas quanto mais coerentes e penetrantes fossem (J. Cornut, 1987). Esse facto parecia associado à verificação de que o paciente borderline era mais dado à projecção do que à transferência e usava mais frequentemente as defesas primárias, nomeadamente a clivagem, do que o recalcamen- to. As suas dificuldades ao nível do pensamento também não encontravam inteira justificação nos conceitos de “interdito” e “inibição”. Neste sentido, o lugar “Inconsciente” não parecia suficientemente abrangente para incluir a negatividade que caracterizava a referida patologia. Colocar o ónus do fracasso no paciente não se mostrava acertado e o fundamental da problemática não parecia ter sido atingido.

Os autores, face às dificuldades teórico-clínicas sentidas, voltaram-se para a exploração desse vasto e complexo campo clínico pejado de figuras e lugares psíquicos desconhecidos. Procuraram conceitos novos que permitissem acessar e conter os novos fenômenos e fazer as transformações metodológicas e clínicas necessárias (Guillaumin, 1987; Kaës, 1987; Missenard, 1989). As investigações realizadas, face à presença de um vazio ruidoso e de uma patologia narcísica, bem como à tendência para a depressividade e para a conflitualidade frequente com o meio, conduziram, através de oscilações e contradições, à proposta de uma linguagem do *negativo* e da *negatividade* ou *negativismo*. Esta foi expressa em conceitos como: ausência, separado, falta, falho, silêncio, desconhecido, ruptura, excluído, o outro, não-dito, não pensado, desejo do não desejo, alucinação negativa, transferência negativa, reacção terapêutica negativa, degrau zero do funcionamento psíquico, não-seio, não-Eu, não-mãe, irrepresentável, inominável, incognoscível, vazio, negativo, negatividade, (de)negação ... Uma pluralidade de conceitos que dão conta de uma lógica do terminável e do interminável, do falho no saber e o não-saber sobre si mesmo, o obscuro da experiência de si (Guillaumin, 1987; Missenard, 1989).

O negativo e a negatividade, em oposição ao positivo, isto é, ao manifesto, ao exposto, ao visível ou ao sintoma, parecem apontar para uma experiência psíquica de excessos. Excessos que se manifestam por uma falta, um estorvo, um atraso, uma interrupção, uma impossibilidade, uma perda de força ou energia, uma importância menor nas relações, nas operações, nos mecanismos psíquicos (Rosalato, 1987). A linguagem do negativo e da negatividade parece, assim, constituir-se como uma nova linguagem do inconsciente. Guillaumin (1987) vai um pouco mais longe e defende que é uma linguagem mais apropria-

da para traduzir as realidades psíquicas do que o termo inconsciente. Permite aceder às fronteiras da experiência, ao lugar onde o Eu desabrocha ou, pelo contrário, se enclausura no não-Eu, lá onde tira sub-sistência e ex-sistência, onde ganha sentido. É ainda uma linguagem que não cessa de se procurar a si mesma para melhor traduzir as realidades psíquicas intraduzíveis e irrepresentáveis (Guillaumin, 1987). Permite, na narrativa dos pacientes, uma escuta mais atenta dos lugares onde o pensamento hesita, onde a experiência negativa se bloqueia, onde provoca uma desligação ou desorganização (J. Kristeva, 1989). Dá conta, por isso, da «*radical originalidade epistémica da Psicanálise*» (Guillaumin, 1987, p. 21).

A linguagem do negativo e da negatividade, apesar de ser nova, não é uma nova teoria. É, na perspectiva de Green (1993), uma interpretação inédita da teoria e dos grandes conceitos clássicos; ou, no dizer de Amaral Dias (1999), um regresso a Freud, não para o repetir mas para o reler e repensar. Na verdade, o negativo atravessa transversalmente a teoria e os conceitos de Freud.

Quando o pai da psicanálise falou de “actos falhados”, trabalho do luto, melancolia, cena primária, castração, Édipo, pulsões, inconsciente, desejo, reacção terapêutica negativa, alucinação negativa, recalçamento, clivagem, (de)negação ... etc, sem ter consciência do facto, falou do negativo através de uma linguagem nova e ousada para o seu tempo. Falou de figuras e lugares que revelam o in-cognoscível nas dinâmicas intra psíquicas. Seguir o mestre não consiste, por isso, em fixar a linguagem tornando-a dogma inviolável, mas em reinventá-la para melhor aceder ao irrepresentável da verdade psíquica do sujeito. Com efeito, Freud, ao fundar a Psicanálise sobre o in-consciente, instalou o

seu pensamento sobre o negativo e no seu método clínico deixou-nos uma abordagem singular para a ele aceder. Foi cientificamente rigoroso e fez da Psicanálise a ciência da suspeita, mas, ao ter como objecto de estudo o “não-saber” -o falho, o lugar vazio do conhecimento- pôs a Psicanálise sob permanente suspeita (Guillaumin, 1987; Green, 1993; A. Dias, 1999). O método e o pensamento psicanalíticos constituem, no dizer de Guillaumin (1987), um «operador lógico negativo» e a Psicanálise dá conta de uma «organização lógica da negatividade». Freud é, por isso, um homem do seu tempo que, através da Psicanálise, viveu e interpretou de forma inédita a negatividade⁴ infiltrada nas múltiplas facetas da cultura e da vida social e política dos finais do século XIX e primeira parte do século XX (Guillaumin, 1989). E a sua interpretação, refere Green (1993), não ficou a dever nada a Hegel, pai do negativo no pensamento. A Psicanálise é, desde a origem (e o próprio Freud disso deu exemplo pelas várias reformulações teóricas que realizou tornando insustentável a ortodoxia fixista), uma ciência aberta à expansão do saber e à inclusão de conceitos novos, como sucede com a linguagem do negativo e da negatividade. É capaz, por isso, de sustentar um pensamento sobre o irrepresentável, o ausente, o falho, o inominável, a ferida in-cicatrizável presente na intimidade da vida psíquica (Guillaumin, 1987).

O trabalho do negativo, à semelhança do inconsciente onde mora e a cuja natureza pertence, segue a lógica da sombra e parece dar conta do desejo. Não se mostra à luz do dia, mas, a partir dos lugares escuros onde mora, faz sentir a

⁴ - Temos de referir que Lacan foi o “representante” do pensamento hegeliano na Psicanálise. No entanto, Green (1993) defende o negativo na Psicanálise seguiu, na senda de Freud, um caminho autónomo em relação a Hegel e apesar de Lacan. O pensamento dos diversos autores referidos é disso testemunho, bem como Winnicott na sua breve referência ao negativo e Bion.

sua presença e exige o quinhão que lhe é devido. A linguagem pulsional permite observá-lo como um processo de bastidores, silencioso e persistente, implacável e determinado, revelando-se como uma dinâmica fecunda que permite a elucidação do desejo na relação com o Outro e com o desconhecido, presente à fundação e desenvolvimento do Eu (Rosalato, 1987; Green, 1993). Dá conta de um para alguém e de um para além das pulsões, contribuindo para a expansão dos territórios onde mora e para a iluminação desses lugares sombrios e originários onde o Eu desabrocha, ou, pelo contrário, os lugares onde o Eu se enclausura no não-Eu, onde se esvazia ou se aprisiona (Guillaumin, 1987). Pela sua natureza ubíqua, o trabalho do negativo está presente à elaboração das pulsões, às suas vicissitudes e destinos, revelando a sua (in)capacidade de conter a irrepresentabilidade da insatisfação que a ausência do objecto provoca, do desejo e suas vicissitudes, dos processos que conduzem à representação, ao pensamento (Guillaumin, 1987; Green, 1993). A linguagem bioniana parece ser, neste aspecto, adequada à compreensão do negativo, pois, ao focalizar o trabalho vincutivo que o sujeito e o objecto materno realizam entre si e os seus efeitos na construção psíquica, dá conta do vazio, das experiências de perda, da frustração, da ausência ou da falta que a descoberta do outro implica e a conseqüente necessidade de a(s) (re)pensar. Neste sentido, revela o lugar (vazio) do outro à espera de ser pensado e conduz à capacidade de simbolização, ou, pelo contrário, à vivência de um vazio reivindicativo e gélido que a referida ausência parece rasgar e deixar em aberto (Green, 1993; A. Dias, 1999; Kaës, 1987; Joan & Symington, 1999).

O negativo, na opinião de Guillaumin (1989), parece apresentar três conotações interligadas entre si: uma dá conta do ausente da(na) representação,

isto é, de representabilidade; outra refere-se a um destino infeliz ou nocivo do funcionamento psíquico; e a terceira, mais geral e constituindo uma espécie de fundo, dá conta do defeito, da falta, apresentando um sentido simultaneamente lógico e ontológico. Para Green (1993), por sua vez, é um conceito polissêmico. Pode significar o *oposto* ou o antagónico do positivo, sugerindo a recusa de um pelo outro, a luta de opostos. Pode significar o *simétrico*, sendo, neste caso, uma simples relação de contrários de valor equivalente, mas invertidos, a partir de um ponto neutral que os une e separa. O negativo pode significar também o *estado* a que uma coisa ou fenómeno pode aceder. Podemos ter nesta significação a relação entre o real e o imaginário, consciente e inconsciente, podendo ser contidas aqui do lado do negativo as noções de ausente, latente, esquecido, recalcado, etc. O negativo pode ainda dar conta de uma dimensão mais radical que, não sendo de forma alguma desprezável, reenvia para o aniquilamento, para a morte: o *nada* (Green, 1993). Tendo em conta esta referência, deve dizer-se que Bion distingue entre *nothing* (nada) e *no thing* (não-coisa), dando conta de duas condições ligadas ao objecto: o aniquilamento e a ausência.

O trabalho do negativo: lugares, expressões, destinos

Sendo o negativo da ordem da sombra e protagonista nos bastidores psíquicos, como desvendá-lo por detrás dos disfarces que usa e alcançar os esconderijos onde se refugia? Como compreender os processos que tece e verificar os destinos que traça, desde a implacável compulsão à repetição até aos sinais mais discretos de um instante fugaz (Green, 1993)?

Freud deu conta da natureza evasiva e invasiva do negativo através do conceito de in-consciente. É um conceito que serviu inicialmente para dar guarida ao separado, ao recalcado, mas que depressa se viu ampliado em seu sentido e qualidade e transformado em arena onde se digladiam EROS e THANATOS, pulsões de vida e pulsões de morte. Não é, portanto, o repouso ou a quietude que encontramos nesse lugar recôndito do psiquismo, mas uma actividade intensa e conflitual com dinâmicas e lógicas de organização, desorganização e reorganização próprias que resultam de interesses e em interesses inconfessáveis que pressionam e influenciam de forma silenciosa, implacável e decisiva a vida psíquica.

Neste sentido, defende A. Dias (1999) que o negativo da primeira tópica dá conta do “falho” na comunicação através do lapso, do disruptivo no discurso, do equívoco, do esquecimento... ecrãs da insatisfação do desejo recalcado. O lugar vazio da insatisfação é então o lugar da “coisa” porque, não estando ela aí, é precisamente aí que ela se revela pressionando através do desejo. Este negativo segue a lógica da *insatisfação* e tem no recalçamento o modo de expressão e o seu destino.

No negativo da segunda tópica, no dizer do mesmo autor, a *insatisfação* cede lugar ao *desamparo* fundado na separação radical do objecto que o nascimento provoca. Este lugar vazio, lugar da ausência, da separação, parece seguir a lógica da pulsão de morte que postula o retorno ao nada para fugir à insuportável dor original provocada pela “ceasura” primordial do nascimento. O objecto, primariamente percebido como um objecto perigoso e enlouquecedor porque separador, apresenta-se como o lugar da ausência, do desamparo, do

não-objecto, um lugar negativo por excelência e insuportável, mas essencial. Ser capaz de o estruturar parece ser um problema fundamental, defende A. Dias (1999), pois dá conta da estruturação do psiquismo, da possibilidade de ser ou não-ser, de existir ou não-existir, tornando o sujeito apto a viver na ausência ou condenado a persistir na falta e dar voz à “querulância” (A. Dias, 1999), ou à dor sem nome, na opinião de Fleming (2003).

Tendo como referência a teoria pulsional, a resolução do desamparo parece estar ligada à estruturação do desejo. Com efeito, este está associado à estruturação psíquica, pois a estruturação do desejo tem como consequência a integração das pulsões e a resolução da ausência do objecto através da representação (A. Dias, 1999; Green, 1993; Zimerman, 1995; Chabert, 2000). O desejo, resultando da insatisfação pulsional provocada pela ausência/falta ou falha do objecto, constitui-se internamente como um movimento à busca do objecto na perspectiva de uma satisfação prazerosa (Fairbairn, 1944). Essa procura interna desejante, que dá conta da negatização da pulsão, não tem como fim o objecto real, mas, com o suporte do objecto externo, assenta na memória de experiências prazerosas suficientemente repetidas, como revela a realização alucinatória do desejo. Ou seja, dá conta de um trabalho do negativo criativo e estruturante que, negando a ausência do objecto, o deforma e transforma, constituindo-o como um objecto interno capaz de apaziguar a pulsão. Instaura, ao mesmo tempo, um *Eu-purificado*, núcleo estrutural do psiquismo e necessário a toda a evolução (Green, 1993). Este trabalho parece ter como suporte mecanismos de prazer/desprazer, na perspectiva de Freud, ou de incorporação/excorporação, na perspectiva de Green, através dos quais é expulso para o exterior o desprazer, a

dor, a angústia, a fim de ser criado e protegido o núcleo central e estrutural do psiquismo.

Para que «*a estruturação do desejo humano*» se realize, defende Green (1986, p.491), é «*inevitável, necessário e indispensável*» o recalçamento. Ligado ao princípio da realidade e protótipo de um trabalho do negativo bem conseguido, o recalçamento, resultante da evolução das defesas primárias, dá conta de uma exigência silenciosa de recusa e exclusão, do “sim” e do “não”, no interior do psiquismo a fim de impor uma triagem às pressões do desejo. As representações prazerosas, mas indesejáveis ou inaceitáveis segundo exigências das instâncias morais, são separadas da pulsão que as originou e expulsas para o inconsciente a partir de onde, na clandestinidade, pressionam e conflituam (Green, 1993; Laplanche & Pontalis, 1990). Como consequência, o recalçamento, ao permitir a integração e a estruturação do desejo, parece dar conta de um lugar vazio que, revelando simultaneamente o desejo e o objecto na sua ausência, desvela o Eu e funda o objecto (não-Eu), a subjectividade e a alteridade, o mundo interno e o mundo externo (Green, 1993; Chabert, 2000). O recalçamento apresenta assim três finalidades: «*dominar a violência pulsional...*», «*organizar o Eu pelo estabelecimento de ligações*»... e «*assegurar-se do amor do objecto e secundariamente do amor do Superego*» (Green, 1986, p.491).

No entanto, a questão da resolução do desamparo não parece ser tão linear como o exposto, nem o recalçamento dá conta da face mais escura e tenebrosa do trabalho do negativo no processo de estruturação psíquica que se situa

a montante. Parece ser necessário, por isso, discutir o papel da pulsão de morte⁽⁵⁾ e a função das defesas primárias.

Alguns autores, enfatiza Green (1993), consideraram a pulsão de morte desnecessária e outros recusaram-na afirmando tratar-se de um conceito inoperacionalizável porque não possuía um elemento de indício ou representante, à semelhança da sexualidade nas pulsões de vida. Argumentavam que a agressividade não podia ser tomada como tal pelo facto de estar também presente nas pulsões de vida e, por isso, não ser característica apenas da pulsão de morte. No entanto, Green (1993), Moury (1989) e Rosemberg (1987), entre outros, postulam que a pulsão de morte é um conceito operacionalizável e útil na compreensão da realidade psíquica. Defendem que a destrutividade, componente típica da pulsão de morte, não está do lado da agressividade ou da violência, mas que se revela por uma actividade permanente de desligação psíquica. Desta forma, a pulsão de morte não ataca directamente o Eu ou o objecto, mas os vínculos que ambos estabelecem entre si dando visibilidade à ausência, à separação, ao desamparo. Este facto concede-lhe uma função desobjectivante e dá-lhe um carácter psiquicamente destruturante, tornando-se presença do negativismo no miolo psíquico.

Contra a acção da pulsão de morte e a fim de defender o Eu precoce das angústias de vazio e aniquilamento, um conjunto de operações psíquicas negativas (recalcamento primário, projecção, rejeição, clivagem, recusa, (de)negação) é montado para resguardar os vínculos entre o Eu, incipiente e frágil, e o objecto, criando, desta forma, as condições necessárias à estruturação

⁵ - As pulsões de vida, defende Rosemberg (1987), dão conta de mecanismos ligação e estão associadas à estruturação psíquica

precoce do Eu e a possibilidade de este alcançar a autonomia primária (Moury, 1989; Green, 1993). Neste contexto, defende Rosemberg (1987) que a pulsão de morte, através da dialéctica que estimula internamente, desempenha um papel positivo na elaboração da conflitualidade e no trabalho do negativo. As defesas primárias, por sua vez, devem evoluir para mecanismos de recalçamento, mecanismos mais evoluídos e adequados às fases seguintes do desenvolvimento do Eu.

O problema, porém, coloca-se, defende Green (1993), quando, devido a razões atribuíveis ao sujeito e/ou ao meio, as defesas primárias, claudicando frente à pulsão de morte, são parasitadas por esta e transformadas em representantes seus e agentes do negativismo. Em vez de evoluírem como era esperado, verifica-se a sua fixação em diferentes momentos da evolução psíquica, ficando associadas ao modo de funcionamento patológico, como é o caso da associação entre rejeição e psicose, da clivagem e os estados limite, ou da recusa e a perversão. Deste modo, o trabalho do negativo, que era suposto estar ao serviço da elaboração das pulsões e da conseqüentemente estruturação psíquica, inverte-se e transforma-se em puro negativismo, impedindo a construção de uma barreira de contacto entre os processos primário e secundário. Os processos inconscientes, encontrando o caminho aberto, invadem o consciente e dificultam, podendo mesmo impossibilitar, a capacidade de reconhecimento, de pensamento, de simbolização, e os processos secundários são invadidos por uma lógica de desespero e violência. Os processos primários, que deveriam tornar presente a pressão do desejo no consciente, passam, pelo contrário, através dos mecanismos primários a ter a função de esconder e negar o próprio desejo pois este é agente de ligação. Como consequência, dá-se um bloqueamento da estruturação

psíquica, organiza-se um falso Self e verifica-se a impossibilidade de instauração de uma “ordem das coisas”, da individuação e da diferenciação. A satisfação, dificilmente alcançável, não cumpre a função de ligar significados nem indica o caminho a possíveis transformações, retirando, desta forma, a possibilidade de sentido ao interdito, a capacidade de o pensar, de o simbolizar, a possibilidade fantasmática. A resolução do desamparo torna-se impossível e o lugar da ausência transforma-se num vazio sem fundo, gélido e reivindicativo.

Voltando ao desejo, permanece a questão do objecto na referência do negativo. Para a teoria clássica a existência do objecto é função do desejo. Esta concepção no entanto parece ser insuficiente, como nos sugerem os contributos de Winnicott, através do conceito de “*mãe suficientemente boa*”, e os de Bion, através das noções de “*função continente*” e de “*rêverie*” na estruturação da “*função alfa*” e no suporte ao pensar e ao conhecer (Green, 1993; D. Zimmerman, 1995), bem como, já noutros contextos referenciais, as teorias do “*attachement*” (L. Gadeau, 1988). Com efeito, o objecto, para além de ser real, apresenta-se como necessário nos cuidados primários e impõe-se a si mesmo pelas contradições e ameaças em que se transforma para o Eu.

Ao corresponder às necessidades básicas suscitadas pela dinâmica pulsional, o objecto, através dos cuidados maternos, proporciona experiências reais de prazer que se constituem em traços mnésicos de satisfação que, através de mecanismos de incorporação, dão origem a um objecto interno prazeroso que servirá de estrutura enquadrante ao Eu (Green, 1988; 1993). O prazer desempenha uma função imprescindível em todo este processo, pois mobiliza o sujeito para a satisfação das necessidades vitais e, ao mesmo tempo, induz a possibilidade de repetição do prazer. Apesar de uma parte do prazer estar ligada à zona

erógena, sendo automática e constitucional, uma outra parte é projectada no objecto, sendo esperado que este corresponda reflexivamente e confirme o prazer. Desta forma, o prazer institui o objecto como dispensador de sensações agradáveis (o objecto interno e o objecto externo) e simultaneamente funda o Eu, ligando-os entre si, mas mantendo, ao mesmo tempo, o Eu equidistante do dentro e do fora, do enclausuramento asfixiante do objecto interno e da dispersão que o objecto externo provoca (Green, 1993).

Porém se as situações de ausência/falta do objecto forem demasiado prolongadas e persistentes e/ou o bebé não consegue internamente fazer-lhes face devido a problemas constitucionais, viverá esse sofrimento como se de um mau objecto interno se tratasse, tomando a ausência como realidade e não a conseguirá elaborar. O bebé desprotegido frente às exigências pulsionais vive o desprazer, a dor e a angústia de forma avassaladora. A pulsão de morte, encontrando um terreno propício e a impossibilidade de uma evacuação eficaz, expressa toda a sua destrutividade desvinculante e vai estendendo a sua influência a todo o aparelho psíquico, conduzindo a uma situação de catástrofe psíquica. Postula Green (1993) que, face a tais circunstâncias, nada impede que se verifique “uma realização alucinatória de dor ou desprazer” destruidora de toda a representação interna e responsável pela criação de um objecto interno mau (seio mau) com o qual o sujeito pode acabar por se identificar. A acção das pulsões destrutivas e as consequências de um entorno adscrito a uma “mãe suficientemente má”, como oposto ao conceito de Winnicott, ou de um objecto primário incontinente incapaz de rêverie, segundo os conceitos de Bion, impeditivo da instalação da função alfa e da capacidade de pensar, revelam então toda a força do negativismo. O sujeito vê-se incapacitado de estabelecer uma comunicação simbólica

sobre a ausência, como sugere A. Dias (1999), porque, não aceitando a condição de ter perdido o objecto, o lugar vazio da ausência está ocupado pela exigência imperativa de que o objecto faltante, vivido como mau objecto, cumpra as reivindicações impostas e a impor no futuro sob a forma de vassalagem escravagista. O trabalho do negativo, incapaz de resolver o desamparo, dá à ausência a condição de falta reivindicativa e transforma a negatividade na realidade psíquica do sujeito (Green, 1993).

O objecto é, como ficou referido, fundamental ao prazer e à estruturação deste, e é-o de tal forma que, em circunstâncias extremas, o sujeito encontra no seu próprio corpo um objecto substitutivo. No entanto, o objecto primário, incontrolável e imprevisível para o bebé, como defende Green (1993), nem sempre se encontra imediatamente disponível para responder às necessidades pulsionais. A sua não-resposta imediata é sentida como ausência/falta e provoca desprazer, dor, angústia. Se as frustrações provocadas pelo objecto não forem em demasia nem prolongadas no tempo e se não houver da parte do bebé perturbações constitucionais impeditivas, este, projectando no exterior o desprazer, mobiliza-se internamente e recorre às inscrições mnésicas de experiências satisfatórias alucinando-as para satisfazer as exigências pulsionais. A realização alucinatória do desejo funciona como um quase-objecto satisfatório alternativo e dá conta da constituição de uma representação interna do objecto construída sobre as experiências de prazer. É possível, então, ao bebé a construção do objecto transaccional e a aquisição da capacidade de estar só na presença da mãe, como sugere Winnicott.

Chegar aqui é consequência de um trabalho do negativo criativo que dá conta da estruturação do desejo, da estruturação do Eu precoce e do objecto

pela capacidade de atribuir ao lugar da ausência/falta um significado, um símbolo, como sugere o pequeno Hans, neto de Freud, com o jogo da bobine através da qual fazia aparecer e reaparecer o objecto materno (Green, 1993; A. Dias, 1999). No lugar do objecto, admitido como radicalmente perdido, o pequeno Hans passou a ter uma comunicação simbólica com o objecto. O símbolo, que é o nada em forma de pensamento, não substitui o objecto, apenas se inscreve no lugar da sucessão/cessação do objecto (A Dias,1999). Neste sentido, e tendo Bion como referência, pergunta Joan & Symington (1999): «*se não há a “coisa”, será a “não-coisa” um pensamento e será devido ao facto de haver uma “não-coisa”, que a pessoa reconhece, que “isso” tem de ser pensado?*» (opus cit.p.125). Referem estes autores que «*o pensamento é como que o negativo do objecto real*» (opus cit. p. 104), e que «*o fundamento do pensamento reside numa ausência*» (opus cit. 106). Por outras palavras, no lugar do objecto perdido instalou-se uma comunicação simbólica que tornou possível o pensamento como saída psíquica para a crise da ausência. Deste forma a presença do pensamento parece dar conta da instalação no sujeito de uma “capacidade negativa” que lhe permite modificar de forma positiva e aproveitável a experiência emocional dolorosa que a ausência do objecto provoca e, simultaneamente, resolver a ausência. Com efeito, «*o pensamento em si mesmo tem uma função construtiva; cria os elementos básicos da experiência num padrão com sentido*» (Joan & Symington, 1999, p.106)

Mas a ausência/falta do objecto (que sempre provoca desestabilização interna, frustração, dor) tanto pode evocar a criação de um pensamento, como pode resultar numa “coisa má”, num objecto mau e persecutório destinado a ser evacuado. A primeira via dá conta de uma capacidade de mobilização interna

que, ao colocar um pensamento no lugar da ausência, conduz ao crescimento mental pela capacidade de simbolização; a segunda revela um retraimento defensivo, uma fuga para o interior de si mesmo para evitar a realidade dolorosa, para evitar a agressão da realidade. Esta segunda saída conduz ao conceito de “parte psicótica da personalidade” (ou personalidade psicótica, no limite) formulado por Bion⁶ e compreendida como um modo de funcionamento mental ligado aos núcleos primitivos da personalidade.

O que é que leva o sujeito para um ou outro destino? Em Bion o pensamento tem como ponto de partida a frustração. Esta dá conta da “não coisa”, do lugar da ausência/perda do objecto. Ter ou não capacidade (inata) para tolerar a frustração surge como uma condição psíquica essencial, pois a frustração impõe-se como um problema a resolver. Existem duas opções psíquicas: a modificação da frustração pela construção do pensar e do pensamento ou a fuga (Zimmerman, 1995; Fleming, 2003).

Bion define o pensamento como a união entre uma pré-concepção -um pensamento inato e vazio- com uma frustração, isto é, como uma realização negativa. «*O modelo que proponho*», diz Bion, «*é o de um bebé cuja expectativa de um seio se une a uma “realização” de um não-seio disponível para a satisfação. Essa união é vivida como um não-seio, ou seio ausente dentro dele*». E o problema da frustração? Continua Bion, «*O passo seguinte depende da capacidade de o bebé tolerar a frustração*» ... «*Se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente o não-seio modifica-se em pensamento e desenvolve-se um aparelho para pensá-lo*» (Bion, 1994, p.129). Modificar a frustração significa,

⁶ - As referências ao pensamento de Bion têm como suporte L. Grinberg, D. Sor & E. Tabak de Bianchedi, 1991; Zimarmen, 1995; e Joan & Symington, 1999).

então, pensá-la, dar-lhe um nome, um significado; significa metabolizá-la num símbolo que re-presente a “não-coisa” no lugar onde o objecto está ausente, ligando, deste modo, as margens do espaço deixado vazio. O lugar vazio da ausência torna-se, deste modo, uma realidade reconhecida e suportada que potencializa a criatividade e a transformação psíquica, apesar da dor que provoca.

Mas se for insuficiente a capacidade para suportar a frustração, para suportar a “não-coisa”, se a intolerância predominar, só resta a fuga psíquica, uma fuga que nega a frustração, a ausência/perda do objecto para evitar a insuportabilidade da dor psíquica, passando a dirigir ataques destrutivos a todas as funções do Eu e aos vínculos que possa ter estabelecido, ao pensamento e à realidade. Assim, afirma Bion, *«o que deveria ser um pensamento –um produto da justaposição da pré-concepção e “realização” negativa - torna-se um objecto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação»* (opus cit. p. 130). Em vez de um aparelho de pensar, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva que actuará sempre de forma massiva (parece ser o mais adequado, já que os pensamentos são tratados como se fossem coisas-em-si, como objectos maus que é necessário evacuar). Deste modo, a psique, ficando dominada pela negatividade (pela pulsão de morte), funcionará com base no princípio de que *«evacuar um seio mau é sinónimo de obter alimento de um seio bom»* (opus cit, 130) e, como defende Green (1993) na sequência de Winnicott, o negativo transforma-se na realidade psíquica do sujeito.

A modificação ou a fuga, duas defesas contra a dor psíquica, dão conta das duas faces do trabalho do negativo. A primeira, expressão das potencialida-

des psíquicas criativas, torna possível ao sujeito conviver com a ausência, dando-lhe um significado, transformando-a num espaço de comunicação simbólica com o(s) objecto(s). Sobre o lugar da ausência constrói vínculos em que o conhecimento (K) predomina sobre o amor (L) e ódio (H). Fica aberto o caminho ao conhecimento dos objectos. A dúvida e o não saber tornam-se suportáveis. É possível suportar as mudanças psíquicas necessárias ao aparecimento de uma ideia nova (mudança catastrófica), ao crescimento mental. A mente pode ser vista como um espaço infinito e incognoscível, uma coisa-em-si, apesar da frustração que provoca, lançando o desafio a ser conhecida (Zimmerman, 1995; Fleming, 2003).

A fuga, por sua vez, que dá conta do negativismo, revela a impossibilidade de viver com a ausência. A “não-coisa” ocupa o lugar vazio do objecto ausente, satura o espaço onde a “coisa” era suposto estar, não restando espaço livre para o pensamento. Pensamento que, na perspectiva de Bion, é a única solução que permite resolver um problema na ausência do objecto. Deste modo, a capacidade de pensar fica hipotecada, tornando-se impossível dar significado à ausência, nomeá-la, ficando a equação simbólica a ocupar o seu lugar da simbolização. A rejeição da realidade para evitar a dor e o predomínio da onipotência conduzem a um vínculo $-K$ com a possível predominância do vínculo do ódio (Zimarmen, 1995; Fleming, 2003; A. Dias, 1999).

Bion levanta a hipótese de uma terceira variante, se a intolerância à frustração não for total. Neste caso, em vez da fuga, «*a personalidade desenvolve a onipotência como substituto da união da pré-concepção (ou da concepção) com a realização negativa*» (Bion, 1994, p.131. A onisciência impede a capacidade de aprender com a experiência, substitui-se à discriminação entre o ver-

dadeiro e o falso e impõe a sua percepção do moralmente certo ou errado (Bion, 1994).

Uma questão se coloca: que factores ou condições poderão potencializar ou não a (in)tolerabilidade do sujeito à frustração e, desta forma, a condicionar as vias da modificação ou da fuga? Parece que a tolerabilidade ou intolerabilidade à frustração depende de factores inatos, sendo importantes os excessos ou não de imperativos pulsionais, mas também de factores ambientais e são estes que aqui interessa enfatizar de forma particular.

Bion põe em destaque a função continente e a capacidade de “rêverie” maternas como factores essenciais que dão suporte à identificação que o bebé tem de fazer à função alfa materna para assim potencializar a tolerabilidade à frustração e tornar possível o processo de simbolização através do aparelho de pensar (Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Zimarmen, 1995). Bion, usando como metáfora a relação seio materno/bebé e tendo como suporte emocional os cuidados maternos, defende que uma “mãe suficientemente boa” constitui um continente psíquico (que designa com o símbolo ♀) onde o bebé pode projectar o ódio, o medo de morrer, as angústias, as frustrações, em suma, os conteúdos intoleráveis que o seu rudimentar e frágil aparelho psíquico é incapaz de conter e metabolizar. Pelo estabelecimento de uma relação continente-conteúdo ($♀ \leftrightarrow ♂$) e pela capacidade de “rêverie” que a mãe desenvolve a partir da sua função alfa, todos esses conteúdos intoleráveis são metabolizados e devolvidos de novo ao bebé de forma suportável. O bebé, ao reintprojectar os conteúdos desintoxicados, internaliza também o aparelho materno: a função continente e a função alfa, através da “rêverie”, adquirindo, ao mesmo tempo, a possibilidade de aprender com a experiência. Uma relação $♀ \leftrightarrow ♂$ se instala,

então, na mente do bebê, como suporte do aparelho de pensar, bem como a função alfa pessoal.

Mas tudo isso só é possível se a posição depressiva tiver sido alcançada, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, uma interação dinâmica entre o princípio dispersivo da posição esquizo-paranóide e o integrativo da posição depressiva (PS ↔ D) e com predomínio do princípio integrativo. Com efeito, a posição depressiva realiza a síntese das partes agressivas e libidinais do Ego e do objecto e permite a integração da ambivalência. Torna possível a capacidade de suportar as perdas, a depressão, a ausência, e contribui também, para além de outros factores, para a suportabilidade da frustração. O êxito da posição depressiva possibilita, ainda, a formação de símbolos os quais substituem e representam as perdas inevitáveis ao longo do desenvolvimento e permitem a capacidade de generalização, abstracção e criatividade

Da importante relação dinâmica ♀ ↔ ♂ não se dá apenas a acumulação de sentido, mas também se verifica o desenvolvimento da abstracção e da complexidade. O produto final, porém, deve ser mutuamente proveitoso. E para isso é também necessário que o continente não seja demasiado rígido ou poroso, ou que os conteúdos sejam demasiado explosivos (L. Grinberg, D. Sor & E. Tabak de Bianchedi, 1991; Zimarmen, 1995).

Um continente incapaz de conter e/ou sem capacidade de “rêverie”, porém, conduz a uma relação ♀ ↔ ♂ negativa que, incapaz de metabolização, acaba por devolver ao bebê os conteúdos ainda mais intoxicados e terríficos causando-lhe um terror sem nome. Não lhe possibilita a internalização de uma boa função continente, nem lhe facilita a identificação à função alfa materna, poten-

cializando ainda mais a intolerância à frustração e comprometendo o desenvolvimento de um aparelho de pensar, prejudicando o processo de simbolização (L. Grinberg, D. Sor & E. Tabak de Bianchedi, 1991; Zimarmen, 1995; e Joan & Symington, 1999).

A função alfa pessoal constitui-se como uma função da personalidade. Tem o importante trabalho de tornar tolerável a frustração à semelhança do que foi o trabalho materno, metabolizando as emoções dolorosas e as impressões sensoriais percebidas para as tornar pensáveis. Isto é, transforma os elementos beta em elementos alfa para serem usados pelo pensamento, quer no sono quer em vigília. Os elementos alfa, ligando-se entre si, constituem, por sua vez, a barreira de contacto que permite simultaneamente uma separação e um adequado contacto entre o sistema consciente e o inconsciente. Quando a função α falha ou não se estabelece, os elementos β tornam-se predominantes e, aglomerando-se, formam um ecrã de elementos β que, ao contrário da barreira de contacto, realiza uma comunicação directa entre consciente e inconsciente, entre o mundo interno e o externo, estabelecendo um vínculo psicótico. Desta forma, a capacidade de pensar fica perturbada e a simbolização fica comprometida ou impossibilitada, passando a ser usado o pensamento concreto onde as palavras são percebidas como coisas-em-si e a linguagem é uma espécie de passagem ao acto. Pode acontecer em situações de regressão patológica extrema que a barreira de contacto se fragmente e os elementos α , perdendo as suas características, se convertam em elementos β , surgindo no aparelho psíquico como objectos bizarros (L. Grinberg, D. Sor & E. Tabak de Bianchedi, 1991; Zimarmen, 1995).

Por último, a identidade constitui, no dizer de Green (1993) um importante lugar do trabalho do negativo, como sugerem as duas polaridades que a fundam: a pulsionalidade e o objecto, e o facto de a problemática identificatória dar conta de diferentes contradições.

Na teoria clássica a identidade era essencialmente um mecanismo de defesa. O objecto, compreendido como uma criação da pulsão, não pré-existia ao sujeito e, não tendo existência própria, não seria captável como outro-semelhante, como alteridade. O objecto, porém, apesar do sujeito o ignorar pré-existe-lhe e é condição fundamental para o desenvolvimento da pulsionalidade e garante da sua maturação. Regula o jogo dos objectos parciais com as zonas erógenas onde reina a pulsionalidade, e tem um papel oculto, silencioso e fundamental na diferenciação do Eu. O objecto é paradoxal para o psiquismo. Se é estruturante também é desorganizador; se é externo, também é interno; se é imprescindível à sobrevivência física, se gratifica e atrai, também frustra, cria dependência psíquica, é repulsivo e provoca ódio. Deve assegurar a prova da realidade, mas pode levar à fusão e à confusão interno/externo devido à sua presença no interior. O objecto é também plural. Para além do objecto primário, existem outros objectos significativos, nomeadamente o pai, que dão conta de outros tipos de investimento dentro de uma lógica complementar. A identidade apresenta-se, assim, como a modalidade de resposta do bebé às relações objectais únicas e importantes, mas também altamente perigosas e incontroláveis e dá conta de uma forte influência deste na estruturação, fazendo com que a ordenação do mundo interior se estabeleça no sentido intersubjectivo-intrapsíquico, e não o contrário. Não se trata tanto de uma assimilação, trata-se, sobretudo, a partir de uma ajuda externa, da construção de uma articulação

dentro/fora, introduzindo “no dentro” uma representação “do fora”, a fim de fazer frente aos problemas de dentro (àquilo que dentro escapa ao controlo do recalçamento, tornando-se desprazeroso e perigoso para a frágil e rudimentar organização psíquica) e aos problemas que vêm de fora. «*Por outras palavras*», refere Green, «*podemos dizer que se trata de pôr em relação dois modos de ligação (o intra psíquico e o inter subjectivo), a fim de enfrentar o duplo perigo de um excesso de desligação interna ou de desligação externa*» (opus cit. p.93). Verificamos neste processo que o objecto, no sentido de alteridade, provoca um trabalho do negativo do qual brota a identidade, trabalho esse silencioso e ilusionado com a ideia de fusão com o objecto e com a promessa de felicidade através da sua possessão, mas trabalho eficaz. A identidade aparece, então, como a resposta da negatividade à alteridade.

Qual a natureza dos vínculo ao objecto? Freud (cit. por Green, 1993, p.97), ao teorizar sobre o Édipo do menino defende a existência de um vínculo sexual à mãe e de um vínculo narcísico ao pai, modelo de identificação. O primeiro inscreve-se na linha pulsional e o segundo na linha dos ideais (ser como o pai para poder ter o que o pai tem). Green, retomando Freud, defende que a natureza desses vínculos, mesmo o de natureza sexual, pertence à categoria dos ideais. Esta interpretação, na sua perspectiva, reforça a lógica das relações pulsão-objecto e enfatiza o lado da identificação, ao passo que a interpretação na perspectiva sexual reforça o lado pulsional. Green defende, então, como hipótese que «*a idealização deveria ser considerada como um investimento pulsional negativado. O ideal é o tipo de trabalho do negativo que se instaura como modo de satisfação quando a pulsão não está completamente satisfeita, o que leva a um efeito paradoxal: em lugar das reacções habituais à ausência de*

satisfação (desprazer, frustração, raiva, cólera, impotência, etc.), assiste-se a uma denegação desta e ao aparecimento de uma espécie de contentamento como se a pulsão tivesse sido completamente satisfeita sob o modo duma perfeição ideal, ainda mais satisfatório do que se o tivesse sido realmente na dependência do objecto» (opus cit. p.100). O sujeito encontra, assim, uma forma de fazer face à insatisfação do objecto e prevenir o aparecimento da angústia. As duas modalidades vinculares são, por isso, diferentes e complementares. A primeira repousa sobre o gozo corporal (contacto imediato), a segunda na relação à distância (contacto mediato). O contraste compreende-se como contraponto do desejo e é um modo complementar do investimento pulsional. O Édipo resolve-se, por fim, numa dupla identificação que se liga às componentes positiva e negativa do desejo através das figuras parentais.

O trabalho do negativo, conclui Green, nunca recebeu tão grande ilustração. No início (na relação oral), “attachement” e identificação são a mesma coisa. A identificação impõe-se, por sua vez, como a única forma que permite aceitar o abandono do objecto. Em todo este processo, o investimento sexual e a identificação distribuem-se sem conflito sobre os dois objectos parentais como duas modalidades iguais, simétricas e opostas, como duas modalidades complementares.

No Édipo a identificação transforma-se sob o efeito dos desejos proibidos: o objecto de identificação (o pai) torna-se obstáculo à realização do desejo. Deste modo a resolução do Édipo cumpre-se pela identificação ao rival (ser como ele, apesar de não ter o que ele tem), ao mesmo tempo que se verificam concessões importantes em relação ao objecto relativas a desejos incestuosos. A identificação inverte, então, o sentido e serve-se do objecto rival para reforçar a

proibição do desejo ou recalá-lo. Duas medidas servem de consolo: uma realização adiada (“quando fores grande”) e uma realização deslocada (não com o mesmo objecto mas com outro semelhante). A identificação edipiana faz-se, deste modo, aos dois progenitores, verificando-se um equilíbrio dos desejos e uma dupla identificação. Pode verificar-se a identificação ao objecto de sexo oposto (que deveria ser objecto de desejo), como dá conta o Édipo invertido, devido a uma angústia de castração excessiva, à impossibilidade de renunciar ao objecto de desejo identificando-se com ele, ou ainda devido ao ódio e humilhação do rival recusando identificar-se com ele. Pode acontecer também uma identificação ao Ideal do Eu provocada pelo desligamento libidinal. Esta dá conta de uma vingança narcísica face à dupla identificação edipiana sob protecção do Supereu.

O que acabamos de verificar é a transformação, pelo trabalho do negativo, de um conceito –identidade– que toma sentidos diferentes, por vezes opostos, à medida do seu desenvolvimento. A satisfação da pulsão inicial, devoradora do objecto e que o faz desaparecer, transforma o sujeito em ser comum, um ser entre os outros que devorou. Assim, de uma fusão inicial com o objecto na fase de incorporação, há-de chegar à separação desse mesmo objecto pela transformação de parte desse objecto em partes do Eu, encontrando nesta solução uma forma de resolver a ausência. A consciencialização da ligação parental entre si –cena originária–, depois de provocar as rivalidades edipianas, acaba por conduzir ao abandono dos vínculos edipianos pela identificação. A dupla identificação, sedimento das imagos parentais, permite a expressão das pulsões pela via da bissexualidade. A negatividade habita o Édipo, nas suas duas facetas, positiva e negativa. A resolução edipiana tem como destino a fundação do Ideal

do Eu ou o Supereu, podendo surgir no coração do Supereu uma nova negativação através da ressexualização da moral instauradora do masoquismo originário (Green, 1993).

Tendo em conta o que ficou dito, podemos dizer que, no extremo, o trabalho do negativo tem dois destinos: um criativo, que dá conta de um trabalho do negativo bem conseguido, e outro negativista e esterilizante.

a) O destino criativo dá conta do reconhecimento da ausência/falta e da capacidade interna de lhe fazer frente pela criação de um objecto (interno e externo) a que o conceito de representação, segundo os termos clássicos, dá corpo; ou, em termos pós kleinianos e sobretudo bionianos, se expressa pela estruturação da capacidade de simbolização, da possibilidade de pensamento. Dá conta da função da «*realização alucinatória do desejo que está na base das teorias do sonho e da neurose*» (Green, 1993, p.244), da integração das pulsões, do reconhecimento do interdito e da alteridade, da construção de uma identidade; ou, então, da internalização da função continente e da capacidade de “rêverie” maternas pela estruturação da função alfa, pelo estabelecimento de uma relação continente-conteúdo, pela estruturação do aparelho de pensar pensamentos. Conduz à capacidade de adiar a realização do desejo, ao recurso aos objectos do mundo externo para alcançar a satisfação possível, à preservação da ligação ao objecto, à capacidade de suportar e viver com a ausência/falta, à presença de movimentos progredientes promotores da maturidade psíquica.

b) O destino destruturante, esterelizante, negativista, portador de atributos do “mau”, torna omnipresente as pulsões destrutivas que conduzem a uma fixação parasitária e esterelizante ao objecto primário e a ataques sistemáticos e

permanentes a todas as ligações e ao pensamento, impossibilitando a representabilidade e perturbando ou dinamitando a possibilidade de construção de relações profícuas aos objectos externos. Desta forma a identidade revela-se problemática e é possível verifica-se a presença de movimentos regredientes, o recurso ao pensamento primário, o uso privilegiado dos mecanismos de defesa primários sendo evidentes os mecanismos evacuatórios, a incapacidade de adiar o desejo, a exigência exagerada e reivindicativa de satisfação, a intolerância à frustração, a incapacidade para suportar a ausência/falta, sendo esta vivenciada como um lugar vazio insuportável, inultrapassável, irrepresentável e reivindicativo, um túmulo frio que abriga um objecto morto e exigente, causador de inveja, raiva e destrutividade, de uma dor sem nome (Green, 1988, 1993; Fleming, 2003). Na raiz deste negativismo, sendo também expressão dele, parece estar o disfuncionamento do sujeito, bem como o disfuncionamento do objecto primário. O sujeito parece ter sido, desde as fases mais precoces, incapaz de suportar e elaborar a frustração, recorrendo de forma crónica à evacuação psíquica através do uso sistemático da identificação projectiva. Este facto revela que foi incapaz de introjectar a função continente e de se identificar à função alfa materno, prevalecendo a função beta. O objecto materno, por sua vez, foi traumático, emocionalmente indisponível ou ausente; não desempenhou a função continente nem foi capaz, devido à disfuncionalidade da sua capacidade de “rêverie”, de metabolizar as projecções do bebé, apresentando-se como um modelo de identificação disfuncional e negativo (Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Green, 1993; Zimmerman, 1995).

3 – A patologia borderline a partir do negativo

Introdução

O negativo constituiu-se ao longo da segunda parte do século vinte como uma linguagem que parece (talvez mais adequada que a clássica para) conter e compreender a patologia borderline. Pôs a descoberto que o vazio, o narcisismo destrutivo e hemorrágico, a depressividade, a dependência e a crispação que afectam as relações objectais, a intolerabilidade ao disruptivo, as dificuldades de pensamento, etc., estão inseridas e são movidas por uma lógica de bastidores, silenciosa e implacável, a que preside a pulsão de morte. Com esta nova linguagem não só a clínica saiu beneficiada, pois permitiu modificar as metodologias de abordagem à situação borderline, mas também o paciente ao ser liberto do ónus de fracasso terapêutico. Também, a partir do contributo de Bion, deu conta da função destruturante que o objecto primário tem para o sujeito borderline (Guillaumin, 1987; Cornut, 1987; Kaës, 1987; Missenard, 1989, Green, 1993; Zimmerman, 1995; A. Dias, 1999).

Do desamparo à (des)estruturação psíquica: o trabalho da pulsão de morte

O desamparo introduzido por Freud na segunda tópica dá conta do negativo implacável da separação que a “ceasura” do nascimento produz (A. Dias, 1999). É uma condição da espécie, que o sujeito vive como ausência, como o lugar do não-outro. Ao dar visibilidade emocional à perda, o desamparo inaugura o sujeito, dá-lhe a consciência de ser separado, mas o preço é elevado, pois é

dolorosamente insuportável. O desamparo é, por isso, um problema a resolver, um problema que suscita a questão do “ser” ou “não-ser”, do “existir” ou “não-existir” (A. Dias, 1999). Desta forma, a estruturação psíquica do desamparo é incontornável e, como refere A. Dias (1999), «*a capacidade de estruturar o negativo é a capacidade de estruturar o psiquismo*» (opus cit., p.24).

Na estruturação do desamparo dois caminhos se deparam: a construção de um espaço psíquico rico, criativo e expandível, que dá conta da mobilização estruturante do desejo e da integração das pulsões, consequência de um trabalho do negativo bem conseguido; ou a construção de um espaço psíquico defensivo, contraído, sem espaço para o desejo e pulsionalmente desligado e dominado pela pulsão de morte, testemunho de um negativismo destruturante (Green, 1993).

A perda suscita o desejo e este, constituindo-se internamente como um movimento à procura do objecto, transforma-se no motor da estruturação psíquica conduzindo à representabilidade. É, desta forma, possível ao sujeito “ser” e “existir” psiquicamente separado. A ausência/perda do objecto torna-se aceitável e o prazer adiável e transferível para outros objectos (Green, 1993; A. Dias, 1999). Chabert (1998/2000) enfatiza o valor estruturante que a perda de objecto comporta e afirma que a aceitação dessa perda condiciona positivamente o acesso à representação psíquica e à preservação das representações.

A não aceitação da perda, porém, conduz à impossibilidade de viver na falta, como defende A. Dias (1999), dificultando ou impossibilitando a estruturação psíquica. Neste sentido Chabert (1998/2000) enfatiza que a não aceitação

da perda dificulta ao sujeito o acesso à representação psíquica e impossibilita a preservação das representações. A razão de ser destas dificuldades está no facto de a pulsão de morte se instalar no miolo psíquico e passando a liderar todos os processos anula o desejo, impede a instalação das funções de síntese, obstaculiza a construção de vínculos entre o Eu e o objecto e bloqueia as funções egóicas, impondo-lhes a selectividade pelo negativo. Perturba, deste modo, os processos identificatórios e a capacidade de representabilidade, ou de pensar em linguagem bioniana, pois perpetua o uso do processo primário a par do secundário e infiltrando este (Green, 1993; A. Dias 1999).

O que é que o sujeito borderline faz com o desamparo? Como é que o trabalho do negativo resolve a separação? Como se (des)estrutura a ausência?

Bergeret (1991) defende que a angústia típica do sujeito borderline é a angústia de perda de objecto. O sujeito vive na dependência anaclítica e sem o objecto mergulha na depressão. Faz dele a sua segunda pele. Na sua ausência vê-se despido, desprotegido, dolorosamente desamparado. Não suporta a solidão. Qualquer situação real ou fantasiada de separação provoca-lhe grande ansiedade, depressão e agressividade contra o objecto faltante ou seus representantes. Dramatiza, por isso, as relações humanas tornando-as permanentemente crispadas. Tenta prender o objecto a si para que este não lhe escape, mas ao mesmo tempo agride-o para se defender do aniquilamento fusional. O Sujeito borderline revela-se, desta forma, incapaz de estruturar a ausência e parece dominado pelo negativismo (A. Dias, 1999, 2004).

Esta fenomenologia negativista borderline tem na retaguarda um trabalho de bastidores que impediu o acesso à genitalidade, ou, segundo a linguagem

kleiniana, a instalação da posição depressiva e, por isso, a não internalização de um objecto inteiro, estável e ambivalente para re-presentar internamente o objecto perdido no exterior. Sem essa representação interna o sujeito ficou privado da fonte de narcisismo positivo e nutriente, ficou sem uma âncora para a vida psíquica, necessitando de recorrer e depender do exterior para suprir essas falhas. Sem objecto interno, a estruturação psíquica bloqueou e a separação definitiva do Eu foi suspensa, ficando as fronteiras Eu/não-Eu, sujeito/objecto instáveis, permeáveis e fluidas. A capacidade de representabilidade, por sua vez, ficou perturbada impossibilitando a estabilidade e a preservação das representações. Os objectos internos apresentam-se, por isso, sem coesão, precários e instáveis em seus limites. Não tendo internalizado o objecto, o sujeito ficou ainda privado da possibilidade de fazer luto, incapaz de empatia e impossibilitado de poder modelar as relações objectais, prejudicando gravemente a estruturação psíquica e as relações objectais (Brown, 1987; Kernberg, 1975/2001; Chabert, 1998/2000).

É certo que o sujeito borderline, tendo em conta a linguagem kleiniana, dá conta da presença de um (pré)objecto interno, mas este é parcial e clivado em suas componentes afectivas, boas e más. A internalização deste pré-objecto é constitutiva do desenvolvimento e pertence à posição esquizo-paranoíde. Nesta o sujeito internaliza as partes boas do objecto a fim de constituir um bom objecto interno e projecta as más no exterior para defender o bom objecto internalizado dos ataques persecutórios das partes projectadas (Brown, 1987). Sobre o bom objecto instaura um “Eu purificado”, fundamento da estruturação psíquica (Green, 1993). O auxílio de um objecto primário “suficientemente bom”, para-

fraseando Winnicott, é fundamental para que este processo identificatório primário tenha sucesso.

O problema da situação borderline é que o objecto parcial não evoluiu para a condição de objecto total como seria de esperar. A sua preservação crónica parece dar conta que o trabalho do negativo provocou uma inversão de percurso. Brown (1987) defende que se deu uma regressão ao funcionamento esquizo-paranóide quando o sujeito, estando na posição transitiva, se preparava para entrar na posição depressiva. Essa regressão, que parece dar conta da acção da pulsão de morte, foi defensiva e revela o fracasso do Eu face às exigências internas e externas. Desta forma, o objecto parcial e defensivo, instável e fluido, dá testemunho de um Eu, não completamente separado, inseguro, frágil e instável. Com efeito, as partes boas e as partes más do objecto são internalizadas ou projectadas de forma alternada e de acordo com exigências internas que nada aproveitam ao Eu, mas que apenas dão conta da sua fragilidade e instabilidade, da sua impotência e dependência (Green, 1993; Kernberg, 1975/2001).

A existência de uma pré-representação (objecto parcial) revela contudo que o sujeito ultrapassou a fusão psicótica e alcançou a autonomia primária (Kernberg, 1975/2001). Parece revelar que o negativo fez caminho no sentido da complexificação psíquica e proporcionou que o sujeito atingisse o primeiro patamar do processo de reconhecimento da perda de objecto e estruturação da ausência. O sujeito pôde, por isso, aceder à prova da realidade e ao uso, embora restrito, do pensamento secundário, pois mantém simultaneamente o pensamento primário. Mas a manutenção reiterada do objecto parcial, revela que o processo de separação-indivuação não terminou e por isso o sujeito não alcançou o segundo e último patamar do reconhecimento da perda de objecto e a

consequente estruturação definitiva da ausência. A separação definitiva transformou-se, desta forma, numa miragem e tornou-se impossível a aceitação da perda/ausência. O Eu assim bloqueado em sua estruturação pela inversão do trabalho do negativo não alcançou a coesão esperada nem a autonomia devida, permanecendo instável e com as portas abertas à difusão identitária. As consequências da cronicidade do objecto parcial e do bloqueamento do Eu são, como não podia deixar de ser, arrasadoras, pois não só perturbam gravemente a capacidade de representabilidade, como também provocam a dependência mútua sujeito-objecto, perpetuando a fragilidade e instabilidade egoica e objectal, bem como o estabelecimento de fronteiras fluidas, instáveis e permeáveis Eu/não-Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto. O processo de reconhecimento da perda de objecto e sua aceitação, fruto da inversão do trabalho estruturante do negativo, ficou a meio, tendo como consequência uma paralisação dos processos de estruturação ou a destruturação psíquica em seus efeitos (Kernberg, 1975/2001; Green, 1993; A. Dias, 1999; Chabert, 1998/2000).

Numa análise aprofundada, o objecto parcial e a instabilidade egóica são sustentados pelo uso preferencial das defesas primárias, particularmente da clivagem (Kernberg, 1975/2001). A razão profunda do problema parece residir no facto de a pulsão de morte se ter apossado do funcionamento psíquico e de exercer a sua tirania sobre o débil e frágil aparelho psíquico, gerindo cuidadosamente os processos mentais através das defesas primárias que previamente colonizou e transformou em agentes seus no miolo psíquico. Com efeito, era função das defesas primárias defender o Eu da pulsão de morte, devendo depois evoluir para mecanismos de recalçamento. Mas tendo sido invertida essa função pela pulsão de morte, as defesas bloquearam e dominaram o Eu. Obedecendo à fun-

ção destruturante da pulsão de morte, passaram a obstruir as ligações psíquicas e a impedir ou anular toda e qualquer construção de vínculos entre o Eu e o objecto (Green, 1993). Desta forma as defesas primárias, tendo o Eu aprisionado, determinam e deformam o seu modo de funcionamento (Bergeret, 1991), impedem o desejo de se mobilizar e organizar pois é agente de ligação e serve as pulsões de vida (Green, 1993), impossibilitam a instalação das funções de síntese e bloqueiam a estruturação psíquica (Kernberg, 1975/2001).

A pulsão de morte habita o desamparo, o lugar do nada, reino nostálgico do objecto perdido. É do seu interesse impedir qualquer tentativa de compromisso com a vida, neutralizando toda a ilusão que leve a espreitar o “ser” e o “existir” do lado das pulsões de vida. Através das defesas primárias impede o reconhecimento e aceitação da separação/ausência (este é um assunto das funções de ligação, das pulsões de vida). O fim é negar internamente o sofrimento insuportável da perda, iludindo o sujeito com a beatitude do reino celestial do nada e do vazio, lugar nostálgico do encontro com o objecto primário. Mas o sofrimento não pode ser completamente suprimido, como acontece na situação psicótica. Identificado com o mau objecto através da clivagem, é projectado no exterior e dramatizado no teatro das relações humanas. Os outros são com esta estratégia paradoxal e vitimizante implicados e culpabilizados pelo envolvimento em relações objectais intensas, reivindicativas e agressivas. Este exercício de manipulação onipotente parece pretender uma reposição narcísica do objecto pela apropriação do real para que o objecto, obrigado a sair da ausência, cumpra as exigências narcísicas. O sujeito é, por isso, incapaz de suportar a espera e adiar o prazer, pois isso implicaria a aceitação da ausência e a libertação do desejo. Verifica-se então uma luta desesperada pela sobrevivência, por um lado

contra a fusão lançando mão da agressividade, por outro contra a ausência reivindicando suporte e atenção e, no limite, soltando a raiva narcísica do desespero. Desta luta não resta tempo nem espaço para a vida interior. Esta é, com efeito, um deserto emocional onde não há nem pode haver lugar para compromissos duradouros e prazerosos porque fusionalmente perigosos ou funcionalmente impeditivos de uma exigência de adaptabilidade conformista permanente. Desta forma, no que se refere às relações mais íntimas, o sado masoquismo parece ser a única via, pois cumpre simultânea e funcionalmente a necessidade de suporte e o imperativo de evitar a fusão pelo manejo da agressividade e pela manipulação onipotente do objecto (A, Dias, 1999, 2004; Kernberg, 1975/2001; Bergeret, 1991; Green, 1993;).

O que é que catapulta a pulsão de morte para a liderança psíquica? Green (1993) aponta dificuldades constitucionais e ambientais. Estas aumentam fortemente a frustrabilidade que prejudica ou impede o trabalho das pulsões de vida, abrindo espaço de passagem à pulsão de morte. Esta referência de Green vai ao encontro das causas etiológicas da patologia borderline. Embora não exista consenso entre os autores sobre estas, parece existir uma grande incapacidade inata do sujeito para tolerar a frustração interna e externa nas fases precoces do desenvolvimento. Essa incapacidade será possivelmente provocada pela forte agressividade oral da criança e por um objecto(s) excessivamente frustrante(s) devido à sua inconstância, inconsistência, incontinência e, provavelmente, forte agressividade (Brown, 1987; Kernberg, 1975/2001; Masterson, 1987; Gunderson, 1987; Bergeret, 1991).

Era suposto o trabalho do negativo estar ao serviço da mobilização e organização do desejo, da estruturação das pulsões, da construção psíquica. Ao

ser invertido pela pulsão de morte, o que verificamos é a presença de uma lógica destruturante e negativista que leva à atração nostálgica do nada na obsessão persistente e reiterada de fazer reaparecer o objecto perdido. A impossibilidade de viver na falta, que dá conta da não elaboração definitiva da separação, tem como consequência a ausência de uma barreira de contacto, permitindo a contaminação do pensamento secundário pelo processo primário. O bloqueamento psíquico assim realizado, impedindo o estabelecimento definitivo da individualização, leva à organização de um falso Self e à impossibilidade de que se organize uma “ordem das coisas”, prejudicando os processos identificatórios, a aquisição das noções de diferenciação e de complementaridade. A bissexualidade revela-se por isso presente, podendo existir uma forte componente homossexual. O sujeito fica impossibilitado de reconhecer e pensar o interdito prejudicando a actividade fantasmática (Green, 1993; A. Dias, 2004).

Entre o negativismo do sujeito e o negativismo do objecto primário

Até aqui analisou-se o trabalho do negativo do lado do sujeito e tendo em conta fundamentalmente o ponto de vista pulsional. A pulsão de morte domina o espaço psíquico e gere os processos aí desenvolvidos com a sua lógica destruturante. Mas para compreender a complexidade do trabalho do negativo na (des)estruturação psíquica do borderline, é necessário olhá-lo do lado do objecto, isto é, é necessário estudar a intersubjectividade na estruturação da capacidade de pensar. Defende Kaës (1987) que o negativo se transmite intersubjecti-

va e transgeracionalmente. O objecto não é função da pulsão, mas impõe-se por si mesmo. A sua presença e acção são vitais, mas não são inócuas. Para o compreender, o contributo de Bion é incontornável. O seu pensamento dá conta do modo como a presença e acção do objecto é fundamental no tecer dos processos psíquicos. O objecto, ao mesmo tempo que é suporte à sobrevivência vital e psíquica do bebé através dos cuidados primários, constitui-se também como modelo de identificação, permitindo a aquisição da capacidade de pensar. Resolve, desta forma, a questão da separação/ausência pela única via possível: a via do simbólico (Zimmerman, 1995; Dias, 1999, 2004).

A separação/ausência do objecto, realidade psiquicamente dolorosa, impõe-se ao sujeito como frustração que é necessário resolver. Dois caminhos se deparam: modificar a frustração pela mobilização da capacidade negativa interna, ou a fuga pelo retraimento psíquico. Ir por uma ou outra via, embora dependa da tolerabilidade ou intolerabilidade do sujeito à frustração, não é indiferente pois dá conta da orientação estruturante ou destruturante do trabalho do negativo. Se o sujeito for capaz de tolerar a frustração, a capacidade negativa interna, realizando um trabalho criativo e estruturante, modifica de forma positiva e aproveitável a experiência emocional dolorosa em pensamento. O pensamento tem uma função construtiva, defendem Joan & Symington (1999), pois cria os elementos básicos da experiência num padrão de sentido. Deste forma ser capaz de pôr um pensamento, um símbolo, um sentido no lugar da ausência é encetar uma mobilização interna criativa e construtiva que conduz ao crescimento e expansão mental, à capacidade de simbolização. O sujeito borderline, porém, é incapaz de resolver positivamente a frustração, de elaborar a ausência pela simbolização (Green, 1993; Zimmerman, 1995).

Na perspectiva de Bion, o pensamento resulta do acasalamento entre uma pré-concepção (pensamento negativo ou expectativa do seio) e uma realização negativa (o seio ausente, ou “não-seio” disponível para a satisfação). Ao mesmo tempo que é criado o pensamento pela modificação da frustração, desenvolve-se também um aparelho para o pensar. Desta forma, sobre o lugar da ausência (do não-objecto) é colocado um símbolo, um nome, um significado, e estabelece-se uma comunicação simbólica com o objecto perdido. Esse símbolo, que é uma realidade subjectiva e imaterial e nada tem a ver com a materialidade do objecto ausente, não substitui o objecto, apenas re-presenta internamente a “não-coisa” e permite reconhecer e tornar suportável a ausência. A simbolização é assim a manifestação mais criativa e emblemática de um trabalho do negativo bem conseguido (Zimmerman, 1995; Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; A. Dias, 2004; Green, 1993).

Na situação borderline, porém, o objecto é inconsistente e demasiado traumático. A sua função continente é desempenhada de forma precária e a “rêverie” é ineficaz. Por isso, o acasalamento entre uma pré-concepção e uma realização negativa no sujeito borderline é explosiva e o pensamento criado apresenta-se como uma “coisa-em-si”, como um elemento beta a evacuar. Desta forma, em vez da formação de um aparelho de pensar, verifica-se o desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva que tem a finalidade de evacuar aqueles elementos. (Kernberg, 1975/2001; A. Dias, 2004; Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Zimmerman, 1995).

Neste trabalho silencioso é imprescindível o contributo do objecto pelo seu trabalho de relação e metabolização. É imprescindível que a natureza do interface da intersubjectividade seja empático, isto é, que se enquadre no con-

ceito de “mãe suficientemente boa” de Winnicott, revelando ser capaz de uma boa função continente e de capacidade de “rêverie”. É pois essencial conter as projecções contaminadas pelo medo de morrer, pelo ódio, pela inveja do bebê. Estabelecer com esses conteúdos intoleráveis uma relação continente-conteúdo profícua e ser capaz depois de os metabolizar através da “rêverie” e devolvê-los descontaminadas e com sentido ao bebê para que este os possa reintrojectar no seu frágil e imaturo aparelho mental a fim de os pensar. Desta forma, o bebê, ao mesmo tempo que reintrojecta os objectos descontaminados, internaliza também o aparelho de pensar materno (a função continente, a “rêverie” materna e a capacidade de estabelecer uma relação continente-conteúdo) e, à semelhança da mãe, constitui as suas próprias funções continente e alfa autonomizando a sua capacidade de pensar. Para que isto aconteça é necessário ainda que a posição depressiva tenha sido instalada, colocando no miolo psíquico o domínio do princípio integrativo, e se estabeleça, deste modo, uma interacção dinâmica entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva (PS↔D), entre a dispersão e a integração, tornando possível integrar a perda, suportar a depressão, viver na ausência e construir a capacidade de simbolização. Sobre o lugar da ausência o sujeito constrói vínculos em que o conhecimento (K) predomina sobre os vínculos amor (L) e ódio (H). Fica aberto, desta forma, o caminho à expansão do conhecimento e à tolerabilidade do não saber e da dúvida (Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Bion, 1994; Zimmerman, 1995; A. Dias, 1999, 2004).

No sujeito borderline, porém, deparamo-nos com um objecto “suficientemente mau”, parafraseando Green (1993), inconsistente, incontinente e sem capacidade de “rêverie”, que apenas tem o seu negativismo para oferecer como

modelo de identificação. Predomina, por isso, no borderline a incapacidade para tolerar a frustração, como dá conta de forma paradigmática o conceito de “instabilidade egoica” de Kernberg (1975/2001). O mais pequeno aumento de ansiedade faz transbordar o copo, restando a via da fuga psíquica para o interior de si mesmo, como sugere a raiva narcísica promotora da auto e hétero agressividade, a fim de anular a dor insuportável da perda/ausência.

O borderline não parece ter sido favorecido pela sorte, como sugere Kernberg ao enfatizar a forte agressividade oral constitucional. Compreende-se, desta forma, que esses aspectos inatos permitam a passagem à pulsão de morte e que esta, tendo como reforço e veículo o negativismo do próprio objecto, inverta a capacidade negativa do sujeito e a transforme em puro negativismo, impossibilitando a metabolização da frustração em pensamento. O lugar vazio da “não-coisa”, sem a possibilidade de ser “remendado” com um símbolo, um pensamento, um significado, fica ainda mais insuportavelmente vazio e reivindicativo (Gren, 1993; A. Dias, 2004). O problema da ausência fica por resolver e a capacidade de pensar surge hipotecada, pois não é possível desenvolver um aparelho de pensar. A impossibilidade de simbolização daí resultante conduz à ideia formulada por A. Dias (2004) de que o sujeito borderline é um assimbólico, sendo-lhe impossível, por isso, dar um sentido à dor. Resta-lhe a insuportabilidade da ausência, a angústia louca e irrepresentável da perda do objecto. O vazio da ausência torna-se assim um lugar frio, doloroso e reivindicativo que faz pensar no conceito de “mãe morta” de Green (1988), residência de um narcisismo negativo e destrutivo. Para anular a dor, o negativismo desliga a via estruturante que permitiria aceder à realidade e ao pensamento; promove a onipotência e torna impossível aprender com a experiência; impede a instalação das

funções integrativas e mantém de forma crónica as funções dispersivas esquizo-paranóides, impedindo de tornar a perda suportável bem como a possibilidade de abstracção e generalização. O negativismo ataca, então, todas as funções vinculadas egóicas e impede o desenvolvimento do Eu; promove a formação de um falso Self e força o estabelecimento de vínculos negativos e destruturantes. Desta forma, o vínculo ódio (H) torna-se predominante e é associado a um vínculo (-K) negativo do conhecimento (Green, 1993; A Dias, 2004).

Como não bastassem as próprias dificuldades do sujeito, o objecto primário revela-se inconsistente e traumatizante. Apresenta falhas graves ao nível da função continente e a capacidade de “rêverie” é precária, resultando numa relação continente-conteúdo negativa e na devolução ao bebé de conteúdos ainda mais intoxicados e produtores de uma angústia ainda maior ou de um terror sem nome, na opinião de Fleming (2003). Neste sentido, o objecto primário e o seu contexto inter subjectivo negativista promove e reforça o negativismo do próprio bebé, ideia que sugere, na continuidade de Kaës (1987), que o negativismo dos pais reaparece como patologia nos filhos. Compreende-se, como defende A. Dias (2004) que a identificação à função continente tenha ficado «incompleta», ficando a primeira pele psíquica (função continente) transformada numa fina e permeável película. A função alfa também não foi completamente adquirida, verificando-se o predomínio da identificação projectiva. Se este predomínio revela, por um lado, que se verificou uma identificação ao negativismo materno em vez de uma identificação à função alfa, por outro dá conta de um excesso de elementos beta e da presença de mecanismos evacuativos. Verifica-se, por isso, a presença de uma tela de elementos beta em vez de uma barreira de contacto, levando a uma permeabilidade e contaminação entre o

pensamento primário e o pensamento secundário, entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto. Sem uma função continente eficaz e uma função alfa capaz de transformar os elementos beta em elementos alfa, fica impossibilitado o pensamento por falta de elementos pensáveis e por falta de um aparelho de pensar. É certo que a identificação projectiva cumpre as necessidades evacuatórias internas. Com efeito, os “pensamentos” produzidos são tratados como coisas-em-si, como elementos beta, terrivelmente dolorosos que é necessário evacuar para limpar e pacificar a mente.

Estas medidas drásticas e extremadas, porém, têm como consequência o bloqueamento da capacidade de pensar e as palavras em vez de expressarem pensamentos, símbolos, dão conta de coisas-em-si. Os borderline, assimbólicos por esta via, ficam impossibilitados de “ser” e “existir” de forma separada e autónoma, permanecendo dependentes do objecto (A. Dias, 2004). Não usam, por isso, a mediação do pensamento nem são capazes de fazer teorias, mas vivem na acção. Envolvidos por um narcisismo negativo e destrutivo, usam o objecto como segunda pele, sendo, desta forma, insuportável a ausência/separação do objecto, de qualquer objecto que cumpra essa função alfa supletiva. Sobre ele (o objecto disponível) despeja a sua raiva narcísica se cair na veia de se separar e deixar de cumprir os requisitos narcísicos desejados, substituindo-o se necessário pois é absolutamente urgente restaurar a “pele” mental.

4 – O problema a estudar

A patologia borderline, entidade clínica complexa, desconcertante e dolorosa, tem constituído desde os anos sessenta do século vinte um desafio teórico e clínico. A dificuldade dos conceitos clássicos em dar conta da problemática em jogo e o fracasso terapêutico frequente levaram um conjunto variado de autores a propor uma nova linguagem: a linguagem do negativo e da negatividade, que parece ter expandido a compreensão da referida patologia e modificado os métodos de abordagem.

Ao estudar a patologia borderline, Kernberg (1975/2001), Brown, (1987), Bergeret (1991), A. Dias, (2004), entre outros, enfatizaram a presença de uma perturbação egoica típica, de um impasse no seu desenvolvimento, que perpetua a natureza instável do Eu e mantém o objecto parcial. Deste modo, a separação definitiva Eu/não-Eu não se realiza, permanecendo as fronteiras dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto permeáveis, inseguras e frágeis e os objectos internos inconsistentes, precários, instáveis, fluidos (Chabert, 1998/2000).

O sujeito não alcança a genitalidade ou, segundo outros conceitos, a posição depressiva. Fica dominado, por isso, por mecanismos dispersivos que impedem a instalação das funções de síntese e obrigam à preservação crónica das defesas primárias, nomeadamente da clivagem e da identificação projectiva. A capacidade de representabilidade fica perturbada e é perpetuada a dependência do objecto, sendo este vivido como segunda pele e num contexto de relações objectais anaclíticas, crispadas e dolorosas. A interioridade psíquica, isenta de criatividade e fantasmaticamente pobre, pode ser descrita como um vazio ruidoso e doloroso, habitado por um narcisismo negativo e destrutivo, causador de

uma tonalidade depressiva e provocador de uma luta permanente contra a depressão.

A instabilidade egoica se dá conta da dependência do objecto e de relações objectais perturbadas, revela também uma grande incapacidade do sujeito em suportar a mais pequena frustração e ansiedade, particularmente a separação ou perda de objecto, seja ela real ou fantasmática, fazendo emergir o processo primário por falta de um pré-consciente actuante. A falta de um objecto total e ambivalente, por sua vez, conduz à incapacidade de modular as relações afectivas e de as distinguir; impede o desenvolvimento dos mecanismos de recalca-mento, o desenvolvimento da empatia e a possibilidade de avaliar realistica-mente os outros, de reconhecer o interdito, a diferença e a complementaridade, prejudicando a estruturação do Superego e promovendo os ideais do Eu. Fica aberto, deste modo, o caminho à organização de um falso Self (Bergeret, 1991; Kernberg, 1975/2001).

Tendo em conta o contributo de Bion e o enfoque que este autor põe na intersubjectividade para a aquisição da capacidade de simbolização, o sujeito borderline dá conta que o seu desenvolvimento se deu num meio afectivamente pobre devido a défice da função de “rêverie” materna. O objecto primário foi um contentor insuficiente e precário, e um metabolizador deficiente das projecções intoleráveis e malélicas. Como consequência, transformou-se num modelo de identificação negativo e promotor de uma “identificação adesiva”, perturbando a internalização das funções continente e alfa. Deste modo, o sujeito borderline, não tendo constituído um aparelho de pensar capaz, ficou mentalmente domi-nado pela identificação projectiva e inundado de elementos beta que só servem para ser evacuados. Sem capacidade de simbolização e impossibilitado de

aprender com a experiência, a sua natureza é assimbólica, desenvolveu uma onnipotência moral e cognitiva, e passou a usar o ódio e a agressividade e a recorrer ao agir (Brown, 1987; A. Dias, 2004).

O Rorschach, como a literatura enfatiza, permite aceder à realidade psíquica borderline através do processo-resposta. Dá conta das funções egóicas e dos objectos, das relações e vínculos estabelecidos, sendo sensível ainda ao narcisismo e à depressividade (Chabert, 1998/2000; E. Marques, 1999). É, na opinião de Kernberg (1975/2001), um importante instrumento de ajuda diagnóstica, pois, ao revelar a emergência do processo primário, põe a descoberto a patologia egoica típica.

Um conjunto de autores pós-freudianos –Guillaumin(1987), Rosalato (1987), Missenard (1989) e Green (1993), entre outros- e pós-kleinianos, nomeadamente Bion, face à desconcertante problemática borderline, revisitaram Freud e construíram conceitos novos, como: falta, ausência, separado, defeito, incognoscível, vazio, negativo, negatividade, capacidade negativa, negativismo, não-seio, não-coisa, nada, negativismo, etc., que permitiram reformular e re-dizer os conceitos clássicos, nomeadamente o conceito de inconsciente.

Esta nova linguagem deu voz e nome a lugares recônditos dos bastidores psíquicos, lugares onde o pensamento hesita, ou melhor, onde o pensamento se funda ou se perde. Deu conta, ainda, da necessidade de dar um sentido ao desamparo, à ausência, à falta, facilitando o acesso à estruturação psíquica, pois esta parece estar associada à estruturação do negativo. A patologia borderline parece ter ganho uma nova e ampla compreensão (A. Dias, 1999).

Ser ou não capaz de dar um sentido ao desamparo, não é uma questão menor. Dois caminhos se deparam: a via estruturante que conduz à construção do sujeito e do objecto; e a via negativista ou destruturante que impede a construção do sujeito, fechando-o em si mesmo e tornando-o dependente do objecto (Green, 1993).

Tendo em conta o ponto de vista pulsional, Green (1993) e outros autores defendem que a estruturação psíquica segue a mobilização do desejo, impulsionado pelos traços mnésicos de prazer/desprazer, conduz à integração das pulsões e permite re-presentar dentro o objecto externo perdido. Funda o Eu e o não-Eu, o sujeito e o objecto.

A via destruturante, por sua vez, dá conta do domínio da realidade psíquica pela pulsão de morte através das defesas primárias. Estas, desempenhando funções de desligação, dominam e bloqueiam o Eu com todas as suas funções vinculadoras; impedem o reconhecimento e aceitação da realidade (da falta); impossibilitam a representabilidade; silenciam o desejo; paralisam a integração das pulsões; e obstaculizam a realização de vínculos (predomina a desligação psíquica, o ódio, a agressividade), sendo o negativismo tomado como a realidade psíquica.

Segundo a perspectiva intersubjectiva de Bion, a estruturação está associada à simbolização, consequência da modificação da frustração através da significação. Nesta tarefa, embora não seja suficiente, é condição necessária o suporte do objecto primário, contentora e metabolizadora, modelo de identificação para a internalização das funções continente e alfa, condição essencial ao pensar. Se a função “*rêverie*” não estiver presente no objecto primário, aumenta

fortemente a intolerabilidade do sujeito à frustração e fica impedida ou perturbada a internalização das funções continente e alfa, impossibilitando a capacidade de simbolização. O sujeito torna-se, desta forma, incapaz de suportar a falta/ausência por não conseguir dar-lhe um significado e o funcionamento mental passa a usar mecanismos evacuativos, modalidade esta que, na sua expressão mais maligna, dá conta do funcionamento psicótico e, na mais benigna, revela uma predominância da parte psicótica da personalidade (Bion, 1994; Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Zimmerman, 1995; Joan & Symington, 1999; A. Dias, 2004).

Será o Rorschach sensível a esta linguagem do negativo e da negatividade? É o que se espera para que, através do Rorschach, se possa verificar como o negativo liga e desliga, deforma e transforma, organiza e reorganiza a realidade psíquica do sujeito borderline. Com efeito, Chabert (1998/2000) defende que o Rorschach dá conta do modo como o sujeito é sensível à falta/ausência do objecto, se é aceite ou negada, se lhe é dado um sentido ou não pela criação de objectos, revelando um para aquém e um para além da transitividade. O processo-resposta-Rorschach permite ainda, segundo a opinião de E. Marques (1999), verificar como é que a intersubjectividade propicia ou não, seguindo os conceitos de Bion, a capacidade de simbolização.

Como é que o trabalho do negativo, através da mobilização e desmobilização dos factores internos, ligando-os e desligando-os com os factores externos, estrutura a realidade psíquica do sujeito borderline? Que qualidade tem estes processos, darão conta de um trabalho bem conseguido ou da presença do negativismo? Isto é, como é que o negativo estrutura ou destrutura o espaço psíquico do sujeito borderline?

Como é que o Rorschach dá conta desse processo, dos objectos e das relações, e da qualidade que as informa? Isto é, como é que se revela, no processo-resposta Rorschach, o modo como o trabalho do negativo tece a (des)estruturação psíquica do sujeito borderline?

A única via para estruturar o negativo, defende A. Dias (2004), é através da aquisição da capacidade de simbolização, ou, numa perspectiva pulsional, pela capacidade de representabilidade. O sujeito borderline não acedeu à posição depressiva e, por isso, não internalizou um objecto inteiro, ficando sem a possibilidade de representabilidade ou a capacidade de simbolização. É, deste modo, incapaz de viver na falta, negando-a permanentemente e ficando imerso num vazio doloroso, negativo e ruidoso, enrolado na nostalgia da perda, dominado pelo negativismo. Disso são prova a instabilidade egoica, a forte ansiedade de perda de objecto, a dependência anaclítica, o narcisismo negativo e destruturante, a depressividade. Os mecanismos primários, função da pulsão de morte, negam o desejo no seio do Eu para anular a sua função de ligar e, ao mesmo tempo, impedir a integração das pulsões. Mas, como resta o perigo da fusão, lança mão do ódio e da agressividade para separar. A individuação assim bloqueada impede o acesso à autonomia. Ficam prejudicados os movimentos identificatórios, a organização da “ordem das coisas”, o reconhecimento do interdito, da diferença e da complementaridade, ficando o caminho aberto à organização de um falso Self (Brown, 1987; Bergeret, 1991; Kernberg, 1987/2001; Green, 1993).

O contributo de Bion, possibilitando aceder ao para aquém e ao para além das pulsões, permite olhar a forma como a capacidade negativa estrutura a realidade psíquica e em que direcção a tece, realçando a função da intersubjecti-

vidade. Neste sentido, o sujeito borderline, para além de ter uma grande intolerabilidade constitucional à frustração, é envolvido por um meio inconsistente, incontinente e provavelmente agressivo, mantido por uma “uma mãe suficientemente má” (Green, 1993) que torna ainda mais intolerável a intolerabilidade à frustração. Desta forma, o sujeito, identificando-se ao negativismo materno, revela que as funções continente e alfa foram internalizadas de forma precária e incompleta, que os mecanismos evacuativos se revelam predominantes e que existe apenas uma tela onde deveria haver uma barreira de contacto, permitindo a invasão do pensamento secundário pelo processo primário. O sujeito borderline fica assim impossibilitado de desenvolver um aparelho de pensar, ficando assimbólico (A. Dias, 2004), ou, nas palavras de Brown (1987), pré-simbólico.

Como é que este negativismo se revela no processo-resposta Rorschach? O Rorschach, na opinião de Kernberg (1987/2001), é sensível ao pensamento primário e permite verificar a não aceitação da falta, como defende Chabert (198/2000), bem como a incapacidade de simbolização (E. Marques, 1999). Desta forma, face ao disruptivo da situação Rorschach, acredita-se que será possível ver como se revela o trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo no sujeito borderline, através do processo-resposta Rorschach, e que a sua natureza.

5 - O Rorschach como Método

5.1 – O instrumento

Introdução

A prova projectiva Rorschach será o instrumento utilizado para observar e compreender o trabalho do negativo na (des)estruturação do espaço psíquico do sujeito borderline.

O Rorschach, construído por Hermann Rorschach em 1921, surgiu num ambiente psiquiátrico e fenomenológico como auxiliar de diagnóstico para a diferenciação entre o normal e o patológico, mas sem grelha de análise e uma teoria interpretativa. Um grande leque de autores foi contribuindo para a sua compreensão. Apesar da diversidade, as hipóteses surgidas podem ser integradas em dois tipos de consensos: a corrente empirista, que segue o modelo racional de teste e medida, e a corrente “psicanalítica”, que usa o modelo psicanalítico como suporte teórico, perspectiva seguida neste trabalho (E. Marques, 1999).

O paradigma psicanalítico, pela sua pertinência e coerência no acesso à realidade interna do sujeito, constitui uma referência interpretativa de singular importância para o Rorschach. Com efeito, este está construído *«de forma a reenviar mais para dimensões internas, subjectivas e interpretativas do que externas e objectivas»* (E. Marques, 1998, in Chabert, 1983/1998, p.XI.), indo de encontro à teoria psicanalítica. Neste sentido, o conceito de “aparelho psíquico” dá a possibilidade de *«esclarecer as condutas psíquicas subjacentes aos factores Rorschach»* (Chabert, 1983/1998, p. XXIV) e permite verificar a *«participação dos mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas, emer-*

gindo como fundamentais, inicialmente as de conflito, angústia e mecanismos de defesa, e depois, as de representação: de si e do Eu; das relações ou do objecto» (E. Marques, 1999, p.154). Os conceitos de “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente” possibilitam, por sua vez, o acesso à ressonância fantasmática das diversas pranchas e permitem verificar a conflitualidade pulsional, as marcas da construção da identidade, dos processos identificatórios e da elaboração das representações de relações.

O Rorschach, assim suportado, permite aceder às imagens corporais, às fronteiras egóicas, aos envelopes psíquicos (Chabert 1983/1998). Mais, constitui, na opinião de Chabert (1998/2000), uma prova dos limites no campo da representação de si, dos investimentos narcísicos e da relação de objecto; põe a descoberto a precariedade ou porosidade dos limites dentro/fora, sujeito/objecto, bem como a problemática da ausência/perda de objecto, a recusa do desejo pelo outro, a recusa da pulsão sexual em proveito de um retraimento narcísico. O Rorschach parece ser, portanto, uma metodologia adequada ao problema em estudo, pois permite aceder à realidade íntima do sujeito borderli-
ne, com a possibilidade, acredita-se, de desvelar o modo como o negativo estruturou essa mesma realidade íntima.

O Rorschach, tendo em conta o paradigma psicanalítico, inscreve-se mais «*numa lógica dinâmica de funcionamento individual*» do que numa lógica de teste e medida (E. Marques & P. Aleixo, 1994, p. 460). Leva a considerar, por isso, que na situação Rorschach o sujeito não é passivo. Pelo contrário, é participante e (inter)agente. A função do psicólogo também não é neutra, mas activa, como sugere a instrução que dá, o material que introduz e a imposição da sua presença no aqui e agora da situação Rorschach. A situação Rorschach é, desta

forma, uma «*situação inter subjectiva*» que tem de ter em conta «*os movimentos e os processos que ocorrem nesse espaço-tempo situacional e relacional específico*» apreciados «*a partir das noções e concepções que dão conta da relação-ligação-transformação*» (E. Marques, 1999, p.156).

O Rorschach, pelo facto de ser ainda um instrumento externo que solicita a realidade interna e ao pôr em destaque as relações entre percepção e projecção, mobiliza os processos mentais que actuam no interior do sujeito, pondo à prova a sua capacidade (ou incapacidade) de dar sentido a uma mancha sem um sentido expreso, de dar uma significação, por isso, a uma situação caótica, disruptiva -“*rêverie imageante*”- pela criação de um novo objecto -“*espaço transitivo*”. A produção do sujeito pode ser então compreendida como «*um trabalho de produção de significados*» que o clínico deve desconstruir para construir de novo novas significações (E. Marques & Aleixo, 1994, p.461). Com efeito, o Rorschach, constituído por dez manchas sem um significado evidente, força a mente a realizar um trabalho criativo de significação como forma de fazer face à ansiedade provocada pela situação disruptiva, revelando desse modo os processos dinâmicos do funcionamento mental e a natureza dos vínculos existentes entre a realidade interna e externa. A resposta Rorschach pode ser encarada, desta forma, na dupla pertença à objectivação e à subjectivação, verificando-se através do processo-resposta Rorschach a presença de «*um trabalho de transformação, ligação e recriação entre o interno e o externo, que, através da projecção, impõe e faz emergir a expressão da simbolização e portanto do pensamento*» (E. Marques, 1996, p.40).

O objecto simbólico criado se, por um lado, permite aceder aos objectos internos e suas qualidades, bem como às vivências internas e seus conflitos, às

marcas da construção da identidade e dos processos identificatórios atrás referidos, parece dar conta, por outro, da capacidade negativa do sujeito. Com efeito, as manchas vazias de um significado evidente confrontam o sujeito com a perda/ausência do objecto interno (Chabert, 1998/2000). Neste sentido, o trabalho de significação na criação de sentido(s) para a mancha, pondo fim ao disruptivo que o vazio de significado constitui, parece dar conta de um trabalho interno criativo que, estruturando a ausência de objecto, parece conduzir à estruturação psíquica pela estruturação do negativo (A. Dias, 2004). Desta forma, o objecto simbólico criado é função de um trabalho do negativo e dá conta do modo e natureza da estruturação psíquica. A precariedade da sua presença ou a sua ausência é consequência de um negativismo destruturante e expressão de um espaço psíquico defensivo e pobre, ou desértico. Neste sentido como defende Chabert (1998/2000), o Rorschach dá conta da forma como o sujeito reconhece a ausência/perda de objecto, permitindo perceber um “antes da transitividade”, onde se verifica uma recusada da ausência/perda tendo como resultado objectos instáveis precários e fluidos, e um “depois da transitividade” que dá conta da aceitação da perda e permite o acesso à simbolização. O Rorschach parece ser, portanto, um instrumento adequado à investigação em curso.

O Rorschach

Na actualidade, Raush de Traubenberg e Chabert da escola francesa são dois dos autores que mais sobressaem nos estudos sobre o Rorschach. Em Portugal destaca-se E. Marques. A arquitectura teórica para a compreensão do Rorschach segue, por isso, os contributos destes autores.

Os elementos Rorschach

O Rorschach é constituído por dez cartões e cada um deles por uma mancha de tinta sobre um fundo branco. Esse conjunto mancha-fundo, sem um significado expresso, constitui uma impressão sensorial que deve ser organizada como uma percepção e transformada em palavra-resposta, face a uma “instrução” imperativa logo na entrega do primeiro cartão. É pedido ao sujeito para “*imaginar a partir do ver*”, devendo “*dizer tudo*” o que lhe vier à mente (Chabert, 1983/1998, p.43).

As qualidades perceptivas e sensoriais dos cartões Rorschach

A solicitação simbólica dos cartões Rorschach, na opinião de Chabert (1993/1998) que este apontamento segue, tem como base as suas características perceptivas. Estas permitem classificar os cartões sob os pontos de vista estrutural e sensorial.

A ponto de vista estrutural tem como base a construção formal, surgindo a simetria como o eixo organizador dos cartões. Deste modo, é possível dividir os cartões pelo seu carácter unitário, inteiro e maciço (I, IV, V, VI e IX), que reenviam para a imagem do corpo, ou pela sua configuração bilateral (II, III, VII, VIII), que dão conta das relações objectais. Mas o critério pode ser também o seu carácter aberto, oco ou continente (I, II, III, VII, VIII, IX e X), podendo solicitar o feminino/materno, ou o seu carácter fechado ou compacto (I, IV, V, VI), apelando ao masculino através dos apêndices.

A ponto de vista sensorial tem como referência as cores e parece estar ligada aos afectos. Há cartões cinzentos-escuros (I, IV, V e VI), cinzentos (VII), negro-branco-vermelho (II e III) e pastel (VIII, IX e X). Os cartões cinzento-escuro e os negro-branco podem despertar inquietação, ansiedade, angústia, tristeza, luto, com mais ou menos intensidade; e os vermelhos, manifestações pulsionais, libidinais e/ou agressivas, cruas e massivas. A relação do cinzento com grande participação do branco, particularmente no cartão VII, produz configurações abertas e ocas e, ao mesmo tempo, atenua os contrastes entre figura/fundo, provocando uma inter penetração dentro/fora. Os cartões pastel, com cores suaves, pálidas e filtradas, parecem ser indutores dos afectos. O cartão VIII, cartão de choque com o pastel, apresenta estrutura clara e cores bem delimitadas, ao contrário do cartão IX onde as cores se interpenetram e a estrutura é mais ambígua; o cartão X, por último, é francamente colorido e disperso.

A tonalidade emocional

A tonalidade emocional de cada cartão está ligada às suas características estruturais e sensoriais. Assim, a tonalidade emocional pode ser descrita como claramente disfórica ou negativa (I, IV, VI); neutra, negativa ou positiva, conforme a problemática em questão ser causã de mal-estar ou de prazer (II, V, VII, VIII, X); e tendencialmente positiva, ou nitidamente positiva, salvo se a problemática é conflitual (III, V, VIII). Deve salientar-se que, por vezes, o cartão V suscita imagens narcisicamente valorizadas, o VII desperta o relacional lúdico e caloroso e o X, por ser o último, provoca alívio ou ferida.

A solicitação simbólica dos cartões

As manchas, para além das características perceptivas referidas, têm um significado ambíguo e constituem um material disruptivo inquietante. O material é imposto ao sujeito. Pela instrução é-lhe pedido que realize uma actividade mental específica para que, mergulhando nas “rêveries”, nas visões, nos fantasmas, dê um significado singular e subjectivo às manchas, na interligação entre a realidade e o fantasma solicitado (E. Marques, 1999). Os cartões, desta forma, escondem e revelam uma significação simbólica subjacente que dá às manchas qualidades psíquicas específicas, como defende E. Marques (1999) ao dizer que *«apelam a um simbólico dominante, determinado pelo seu carácter compacto ou bilateral, fechado e compacto ou aberto e bilateral, ordenado a partir de um sentimento de existir no qual está contido o corpo –inteiro, delimitado e separado- que possibilitará, depois, a projecção da vivência conflitual, relacional (opus cit., p. 208).*

Os dez cartões, apesar de constituírem uma sequência, não têm um valor unívoco ao nível da significação simbólica, mas apresentam uma descontinuidade, por vezes brutal, nas temáticas latentes. Pode verificar-se em cada cartão ainda um nível mais “evoluído” ou um nível mais “arcaico”, podendo o evoluído e o arcaico revestir-se de graduações e cambiantes nos conteúdos produzidos - representações, fantasmas ou afectos (Chabert, 1998). Cada sujeito dá conta desses vários níveis de funcionamento através de *«oscilações entre percepção-projecção, percebido-vivência-fantasma, realidade objectiva-realidade subjectiva»* (E. Marques, 1999, p. 209). O Rorschach apresenta-se, desta forma, como um verdadeiro objecto em sentido psicanalítico do termo que *«deve ser investi-*

do e identificado e depois nomeado mas como algo de outro –de mancha ele passa a imagem, de “coisa” ele passa a palavra, conceito a símbolo» (E. Marques, 1999, p.203).

No que se refere à solicitação simbólica, os diversos autores, partindo da análise de protocolos, verificaram a presença de temas recorrente e constituíram a ideia de que o material solicitava produções fantasmáticas, simbólicas ou afectivas específicas. Partindo dessa ideia construíram hipóteses de conteúdo simbólico que, apesar da sua pluralidade, apontam para algumas convergências (Chabert, 1983/1998). Neste sentido, a proposta de Rausch de Traubenberg⁽⁷⁾ (1970/1997; Chabert, 1998, p. 68-70) constituiu um importante ponto de viragem dessa caminhada e um marco de referência. A autora enfatizou as problemáticas específicas de cada cartão a partir das características perceptivas, emocional e simbólica. Apontou ainda a descontinuidade e ruptura existente entre os cartões ao nível simbólico.

Chabert (1998), beneficiando desse longo percurso e dos múltiplos contributos, elaborou uma proposta inovadora. Retomando cada cartão na sucessão clássica e agrupando-os pelo tipo de problemática, sem esquecer a sua estrutura, organizou o valor simbólico das manchas à volta de dois temas que relevam da estrutura do funcionamento psíquico: **a representação de si** e **as representações de relações**. O primeiro tema permite aceder à *problemática da identidade* (partindo dos elementos que põem em jogo a diferenciação sujeito-objecto) e à *problemática da identificação* (com base nos elementos que estabelecem a diferenciação sexual). O segundo, por sua vez, possibilita o acesso ao *registo conflitual* e aos níveis de *desenvolvimento libidinal* a que os cartões ape-

⁷ - Ver anexo III.

lam preferencialmente, e às *mobilizações económicas* induzidas pelos mesmos cartões.

E. Marque (1999), por sua vez, deu um novo contributo para o estudo do simbólico no Rorschach através do conceito de **simbolização no processo-resposta Rorschach**. Descobre-se aí um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, o dentro e o fora, o sujeito e o objecto, o continente e o conteúdo.

A construção da representação de si e as representações de relações

A construção da imagem de si

A construção da imagem de si tem como referência a imagem do corpo. Esta, na opinião de Chabert (1998), tem uma correspondência clara no Rorschach através do eixo mediano que estrutura simetricamente as duas partes da mancha e induz o esquema corporal. Neste sentido, os cartões unitários e compactos (I, IV, V e VI) solicitam de forma mais evidente a representação da imagem corporal e proporcionam uma imagem de si íntegra e unitária. Dão conta do sucesso ou insucesso dos processos de separação-indivuação e de um investimento de si positivo ou negativo através da criação de imagens íntegras, inteiras e positivas, ou de imagens fluidas em seus contornos e/ou negativas. Os outros cartões podem, por sua vez, despertar angústia de fragmentação, pois põe à prova a capacidade de unificação do sujeito. Esses factos vêem-se positiva ou negativamente através de imagens bem ou mal vistas.

No **cartão I** a estrutura corporal é induzida pelo aspecto fechado e pelo eixo central explícito e tem na banalidade o testemunho de uma integração correcta. A sensibilidade às lacunas intermaculares, aos contornos recortados da mancha, ou, ainda, à abertura superior podem dar conta de uma fragilidade mais ou menos importante da imagem corporal.

No **cartão IV** são sobretudo imagens de poder, de potência que são solicitadas. Quando estas aparecem positivamente investidas e bem organizadas, revelam a integração de uma imagem corporal bem delimitada e definida, podendo dar conta do contrário se são fluidas e/ou negativamente investidas. Podem surgir tomadas de posição de domínio ou submissão, activas ou passivas, podendo a passividade remeter para fantasmas destruidores associados a uma imago materna pré-genital onnipotente pondo em questão a imagem do corpo. O **cartão V**, por sua vez, é reconhecido como o cartão da identidade e solicita uma imagem de si inteira, íntegra e bem definida. Resiste bem aos ataques contra a integridade corporal, aparecendo, em protocolos patológicos, como o último bastião da prova da realidade. Em alguns protocolos pode dar-se uma recusa da realidade ou choque face à identidade sem que a mesma situação surja noutros cartões, isto é, sem que seja evidente uma carência de imagem do corpo. Chabert considera, por isso, que este cartão se refere mais à identidade no sentido psíquico do termo (noção de Self) do que à imagem do esquema corporal, sendo extremamente sensível à fragilidade narcísica, a falhas ligadas à fragilidade da representação de si. No **cartão VI**, por fim, predomina o simbolismo sexual, mascarando, desta forma, a solicitação da imagem corporal.

Os **cartões bilaterais** (II, III e VII), pelo facto de não apresentarem características tão estáveis como os compactos e de solicitarem o múltiplo ou o

especular através do bilateral, põem à prova a imagem do corpo, bem como a solidez e a qualidade dos investimentos narcísicos e/ou objectais revelando a (in)consistência da diferenciação-individuação, da identidade. As tentativas de apreensão global, último e desesperado esforço para salvar a unidade face à dispersão do material, geralmente acompanhadas de má qualidade formal e sustentadas por percepções arbitrárias, dão conta de uma imagem do corpo não integrado apontando para a ansiedade de perda de objecto ou, no extremo, para angústia de fragmentação. Este tipo de reacção surge, particularmente, nos cartões II e III em que a solicitação pulsional é forte. As imagens bem vistas e valorizadas, unas e íntegras, claramente sexuadas e abertas à relação objectal, revelam uma imagem de si íntegra, una, separada e positivamente investida.

Nos seus aspectos mais arcaicos, o **cartão II**, se o sujeito não utilizar os pontos de junção para constituir um envelope e delimitar o dentro/fora, pode ser vivenciado como um todo disperso em que a lacuna mediana é sentida como fenda interna, falha corporal fundamental, vazio. A participação do vermelho, por sua vez, pode induzir o aparecimento das pulsões agressivas e libidinais em estado puro. No **cartão III** o conteúdo manifesto próximo da silhueta humana solicita a referência, aliás banal, a uma representação do corpo humano inteiro, geralmente com identificação sexual clara (ou não) e em interacção (ou relação especular), dando oportunidade, pela participação do vermelho, à modulação e integração das pulsões libidinais e agressivas. Quando a vivência corporal é posta à prova, surgem associações que podem revelar angústia de desintegração ou, possivelmente e de forma mais benigna, ansiedade de perda. O **cartão VII**, por fim, pela grande participação do branco que sugere o vazio, a falta, põe à prova os limites dentro-fora, através da relação figura-fundo, e, desta forma, suscita a

necessidade de separação e diferenciação entre interno-externo, revelando indirectamente a imagem de si.

Os **cartões pastel** (VIII, IX e X), pelas suas cores pálidas e suaves, reactivam a representação de uma imagem corporal num meio envolvente regressivo, pré-verbal, podendo conduzir a manifestações dolorosas depressivas ou de insuficiência narcísica, corolário de um vivido de insatisfação e perda no meio envolvente precoce. No que diz respeito à imagem do corpo, prestam-se a associações que emanam de preocupações hipocondríacas e/ou angústias de fragmentação.

Assim, o **cartão VIII** pode dar conta de angústias em relação a um corpo vivido como inteiro ou fragmentado e em relação a um continente materno, passivo e receptivo. O **cartão IX**, de cores suaves e intrincadas, pode deixar ver interior do corpo, quer pelo esbatimento dos limites dentro-fora, quer devido à transparência do envelope. O **cartão X**, pela sua dispersão, põe à prova a capacidade de integração, unificação e síntese, dando conta de um sentimento de unidade e integridade corporal.

O sentimento de identidade, do qual faz parte a construção do esquema corporal, supõe que os processos de separação, diferenciação e individuação tenham sido eficazmente operantes. Implica, por isso, que o sujeito se reconheça diferente e separado do outro (objecto), se considere pertença do mundo humano e discrimine claramente os diversos reinos uns dos outros. Os cartões compactos solicitam, geralmente e com mais evidência, este investimento numa boa imagem de si, portadora de um narcisismo positivo. Nos cartões bilaterais e pastel também é solicitada este investimento, mas ele só aparece indirectamente

e através das capacidades adaptativas do sujeito face a angústias específicas. As dificuldades relativas à separação-individuação manifestam-se nas representações em duplos (gêmeos) e nos conteúdos onde os diferentes reinos constituem imagens híbridas, testemunhas de sentimentos de despersonalização.

No que se refere ao investimento narcísico da imagem de si, para além da solicitação especular dos cartões bilaterais, encontramos no cartão V uma grande sensibilidade e um lugar privilegiado da relação entre identidade e o narcisismo ruidoso. Quando há falhas ou fragilidades na representação de si, a banalidade não aparece e verificam-se manifestações narcísicas de tipo depressivo, de onnipotência megalómana ou de tipo exibicionista. Também os cartões pastel permitem a expressão da problemática narcísica, quer pela regressão intensa que induzem, quer pelas manifestações de sofrimento, de depressividade e de falhas narcísicas. Estas revelam insuficiências do suporte objectal e, consequentemente, insuficiência de um investimento de si, dando conta de insatisfação e de falta na relação precoce.

O reconhecimento da diferença de sexos, necessária a uma boa e positiva representação de si, pressupõe a aquisição da identidade e dá conta das identificações secundárias. No Rorschach há alguns cartões que, recolhendo o consenso dos mais diversos autores, têm um simbolismo sexual explícito de valência materna/feminina (II, VII, IX), devido à dominância do oco, ou de valência paterna/masculina (IV e VI), devido à dominância fálica. Estes cartões põem à prova o processo de identificação ao evidenciarem a sua aquisição e integração ou a sua permanência a um nível pré-genital.

No entanto, quer acentuem a valência materna/feminina ou a paterna/masculina, todos os cartões contêm a bissexualidade psíquica, dando conta do conceito kleiniano de casal parental combinado. De entre todos eles, o cartão III apresenta uma bipolaridade sexual explícita. As silhuetas, na representação humana, podem ser apreendidas como seios e/ou pénis, dando lugar, por isso, a identificações claras e sólidas, ou a oscilações dolorosas e/ou ao aparecimento do neutro (Green, 1976).

Embora o cartão II possa reenviar para a angústia de castração, sendo o oco interior compreendido como ferida (do qual não se deve separar o vermelho), dando conta de diferentes fases do desenvolvimento, pode também ser apreendido como oco materno, vazio, ou dar lugar a fantasmas de nascimento, de relações sexuais ou evocação das regras.

Os cartões II e VI e, por vezes, os IV e IX podem suscitar imagens sexuais cruas. Os cartões III e VII mobilizam os mecanismos de identificação a modelos sexuais, traduzidos por representações específicas e por tomadas de posição activas e/ou passivas que são testemunho de uma escolha de papel sexual mais ou menos fácil. O cartão IV, de potência fálica, pode suscitar associações ligadas a uma imago materna onnipotente pré-genital e também tomadas de posição identificatórias passivas ou activas. O cartão IX, de grande sensibilidade ao materno/feminino, reenvia às imagos parentais.

As representações de relações

Existe uma interdependência entre a construção da imagem de si e a representação das relações. A construção da imagem de si assenta na relação

afetuosa e empática do objecto materno que, através da identificação projectiva, é interiorizada e transformada em espaço psíquico, capaz de receber conteúdos novos, de construir novos objectos e de estabelecer relações e ligações entre os objectos internos e os externos.

O Rorschach apresenta alguns cartões (I, IV, VI, VII e IX) que reenviam para fantasmáticas ligadas às imagos parentais e relações particulares com essas imagos. A imago materno é solicitada nos cartões I, VII e IX. O cartão I, remete para a relação objectal primária por ser o primeiro. Podem surgir referências à imago pré-genital de cariz ameaçador e inquietante, persecutório e destrutivo. O cartão VII é considerado o cartão materno por excelência. As suas características estruturais e sensoriais -esbatimento, grande abertura, oco, o concurso do branco, a inter penetração figura-fundo-, bem como a solicitação do especular reactivam a fantasmática do materno e fazem com que as relações evocadas, das modalidades mais arcaicas às mais evoluídas, se inscrevam sempre na dialéctica das relações com o primeiro objecto. As associações dão testemunho de modalidades relacionais variadas, desde ligações fusionais dolorosas e destrutivas, a movimentos regressivos de temática anal e oral, dando conta de relações objectais dominantes de carácter inquietante, disfórico, ou então de bem-estar e calma. A abertura do cartão IX, o vácuo, a inter penetração das cores e os limites pouco claros, por sua vez, favorecem a regressão. É chamado de cartão uterino e favorece a expressão de vivências relacionais precoces e primárias com o meio relacional. Podem surgir temas de gestação e nascimento, alimentares e temas aquáticos, com clima emocional positivo ou negativo, bem como manifestações persecutórias que revelam a vertente paranóide da relação com a imago materna.

A imago paterna é evocada nos cartões IV e VI através de associações de força e poder. A imago materna, quando é evocada nestes cartões, surge na sua expressão pré-genital fálica, poderosa e activa.

A simbolização no processo resposta Rorschach

E. Marques (1999), tendo como referência Klein, Bion, Meltzer, entre outros, defende que a simbolização é «*um dos organizadores fundamentais do processo resposta Rorschach*» (opus cit. p.221). Neste estudo, a estruturação do negativo, expressão da capacidade negativa do sujeito em dar sentido à ausência/falta de objecto, é vista como um trabalho silencioso, persistente e complexo que, através de uma relação continente-conteúdo mutuamente proveitosa, conduz ao desenvolvimento do conceito de simbolização.

O conceito “*processo-resposta Rorschach*” de E. Marque é, com efeito, um conceito inovador que permite explicitar a complexidade do trabalho mental que a situação Rorschach envolve. O protocolo, feito de palavras e símbolos, é um material simbólico que deve ser interpretado. Mas não é só a significação desse material verbal de imagens e símbolos que deve ser considerada. Na opinião da autora, «*deve ser sobretudo considerada a forma como esse material é criado, e como ele permite aceder à natureza do sujeito que se pretende conhecer. Com tal objectivo, impõe-se, então, considerar não só o que ele expressa e revela, mas sobretudo como é que o sujeito que o fornece procede e processa face à realidade. Ora, é a formação de símbolos que nos dá conta do impacto do objecto sobre o sujeito e da relação do sujeito com a realidade*» (E. Marques, 1999, p.233). E, neste sentido, defende Chabert (1998/2000) que esse impacto,

consoante o sujeito se situa no para aquém ou no para além da transitividade, não é o mesmo, produzindo modos diferentes de relação à realidade.

A formação de símbolos não se relaciona com um carácter de insuficiente percepção-significação da realidade, mas com o seu carácter de desconhecido e de ausente, de disrupto, de caos, indutor de uma vivência marcada pela desestabilização, de um ataque à quietude e à harmonia, de um ataque às ligações e às significações. Os símbolos dão conta, por isso, da natureza e da importância da relação que o sujeito estabelece com a realidade e os objectos, do seu modo de transformar elementos desconhecidos, não pensados, frustrantes, elementos beta em elementos alfa, utilizáveis pelo pensamento, revelando as suas capacidades (ou incapacidades) adaptativas, criativas, vinculativas e estruturantes que levam ao crescimento e desenvolvimento.

O trabalho psíquico realizado pelo sujeito para interpretar as manchas Rorschach *«ocorre através de uma acção de substituição, feita de comunicação, assimilação, ligação e separação entre sujeito e objecto»* (E. Marques, 1999, p.233). É um trabalho que impõe um processo de criação de símbolos, através do pensamento e da linguagem (imagem-conceito-símbolo), no qual se dá um processo de ligação, comunicação e transformação do interno com o externo, do sujeito com o objecto. Esta actividade complexa, que vai da desordem para o pensamento, do caos para a harmonia, *«implica que se operem passagens, feitas de comunicação e de intimidade, entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração e implica, depois, que se realize um trabalho de reunião, união e integração entre os diversos elementos internos e externos, que possibilita a criação de novas relações continente conteúdo. Tal trabalho psíquico conduz a que o símbolo, que é um substituo condensado, não seja a cópia*

do objecto, mas a criação de algo novo ou de um “objecto” novo» (E. Marques, 1999, p.234). Ou, como defende A. Dias (2004), re-presenta (não substitui) o objecto no lugar da sua ausência.

O processo resposta Rorschach dá, então, conta de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, entre a objectivação e a subjectivação. Este processo impõe e revela um nível de fusão e diferenciação entre sujeito/objecto, entre interior/exterior, a partir do qual, através da transformação, emerge uma resposta que deve conter elementos do interno e do externo, mas ligados e recriados. Este processo de simbolização revela-nos as passagens que operam entre as diversas partes do Eu, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, de forma a poder aceder-se a um novo “objecto”. Revela-nos a natureza dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos, a natureza dos processos de união, de integração e de recriação de uns pelos outros, portanto, a própria natureza do sujeito, do Eu e da(s) sua(s) relação(ões) de e com objecto(s) (E. Marques, 1999).

A formação dos símbolos, que Bion liga à função Alfa, dá conta das relações continente-conteúdo desenvolvidas pelo objecto primário empático. Este, pela função continente e através da capacidade de rêverie, metaboliza as experiências emocionais frustrantes e vividas como desordem e caos em formas psíquicas, pensamentos abertos à realização e à transformação, inaugurando, desta forma, novas relações continente-conteúdo. Pela identificação ao objecto primário, à sua função continente e à capacidade de rêverie, o sujeito adquire o seu próprio aparelho de pensar e, deste modo, a capacidade de dar sentido à frustração, ao disruptivo, ao caos. Esta actividade de pensar e simbolizar, que tem origem na experiência de frustração/ausência do objecto primário, vai-se tor-

nando cada vez mais rica, complexa, abstracta e estável, permitindo o desenvolvimento do sujeito pelo desenvolvimento da capacidade de dar sentidos novos às experiências internas e externas (E. Marques, 1999). E esta capacidade de dar sentido parece estar ligada à capacidade negativa do sujeito, como sugere Bion (Zimmerman, 1995; Grinberg, Sor & Tabak de Bianchedi, 1991).

A relação continente-conteúdo, ao proporcionar um processo de simbolização através de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, revelando a natureza dos objectos internos e suas relações, isto é, do Eu e das relações de objecto, parece revelar o modo como o negativo estruturou o psiquismo do sujeito borderline pondo em destaque a natureza desse trabalho. Com efeito, na opinião de A. Dias (2004), «*a capacidade de estruturar o negativo é a capacidade de estruturar o psiquismo*» (opus cit., p.24).

5.2 - O Rorschach e a patologia borderline

Introdução

Não abundam os estudos sobre a patologia borderline no e através do Rorschach. Na literatura existente, P. Lerner (1991) e Chabert (1998/2000) são as principais referências.

Lerner (1991), na continuidade da aproximação feita por Rapaport entre a psicanálise e o Rorschach, defende uma abordagem que integre uma teoria de teste e uma teoria da personalidade e da psicopatologia. Dando especial atenção aos estados primitivos da mente, particularmente nos sujeitos borderline, tem procurado, a partir da teoria das relações objectais e da representação humana

no Rorschach, estabelecer critérios objectivos mensuráveis capazes de dar conta das distorções presentes no Eu e nas relações de objecto, tornando possível a criação de diferentes grupos psicopatológicos. Em seus trabalhos, através da análise da representação humana, tem estudado os fenómenos transferenciais, enfatizando que estes dão conta da manutenção de condições pré-edipianas e de distúrbios narcísicos, nomeadamente pela presença de características de controlo, de destruição, de salvaguarda ou reparação.

Chabert (1998/2000), tendo em conta a psicopatologia e o aprofundamento dos referenciais psicanalíticos no Rorschach da escola francesa, organiza o seu pensamento à volta dos eixos de *representação de si* e de *representação do Outro*. Estes dão conta da dinâmica do desenvolvimento libidinal, revelando a construção da identidade, dos processos identificatórios e das representações de relações. Nos seus estudos sobre a patologia borderline, revela como esses dois eixos dão conta de dinâmicas específicas, revelando que os processos identificatórios são precários e as relações de objecto problemáticas. O modelo interpretativo de Chabert, apesar das preocupações psicopatológicas e de diagnóstico diferencial presentes, não tem preocupações de “teste e medida”, mas enfatiza o modo único do sujeito se organizar internamente, constituindo o Rorschach um método adequado para aceder ao funcionamento mental do sujeito. A resposta Rorschach constituem, deste modo, uma semiologia que permite, através de uma ligação entre conteúdo manifesto/conteúdo latente da mancha, entre percepção, representação e afectos, aceder às oscilações entre processo primário e processo secundário, aos movimentos regredientes e progredientes, aos conflitos e aos mecanismos de defesa. Este capítulo seguirá, por isso, os estudos de Chabert.

Defende Chabert que problemática da ausência/perda de objecto, à qual o Rorschach é sensível, afecta de modo particular o sujeito borderline. É uma questão com a qual todo o indivíduo se confronta no decurso do seu desenvolvimento e à qual tem de dar uma resposta, elaborando-a pela internalização do objecto perdido e pela construção de um espaço psíquico interno, ou negando-a pela reivindicação constante de que o objecto perdido se torne presente. A estruturação psíquica da perda/ausência pela construção de um significado é, por isso, de incontestável relevância psíquica. Está associado à integração das pulsões, ou, na linguagem kleiniana, à elaboração da posição depressiva, à síntese das pulsões e à internalização de um objecto total, ou ainda, tendo em conta Bion, a aquisição da capacidade de pensar e de simbolização.

O sujeito borderline, não tendo elaborado a posição depressiva, apresenta forte ansiedade de perda de objecto e dificuldades no manuseamento dos afectos agressivos e libidinais que permanecem clivados e tornam as relações objectais problemáticas. O espaço psíquico daí resultante fica sem capacidade de representabilidade e apresenta-se contraído, defensivo e fantasmaticamente pobre. Os objectos internos revelam-se, por isso, frágeis, instáveis, porosos e facilmente percíveis. É possível, desta forma, considerar um antes e um depois da transitividade. O sujeito borderline permanece no aquém da transitividade, como dão conta a natureza fluida e instável dos objectos internos e a rigidez defensiva do espaço psíquico (Chabert, 1998/2000; Kernberg, 1987/2001, Brown, 1987).

O Rorschach, pelo facto de ser um material sem um significado evidente, apresentando-se como algo desconhecido e disruptivo, confronta o sujeito com a ausência/perda de objecto. Provoca elevados níveis de ansiedade no sujeito,

suscitando conflitos internos. O sujeito vê-se forçado a realizar um trabalho de significação ou a adoptar posturas evacuativas ou regressivas. Desta forma, os objectos criados, bem como o processo que a eles conduziu, permitem aceder ao modo como o sujeito dá conta do reconhecimento da perda: se a aceitou, elaborando-a, ou se a recusou. O sujeito, ao produzir objectos reconhecíveis e identificáveis e, ao mesmo tempo, ao investi-los de forma suficiente, dá conta da imagem que tem de si mesmo (da identidade), bem como da natureza dos objectos internos e das relações objectais. A perda do outro, porém, como acontece na problemática depressiva, arrasta consigo a perda de si mesmo. Na verdade, se não se verifica a existência de um objecto interno narcisicamente securizante, não está assegurado o sentimento de “ser” e de “existir”. Neste sentido, a ausência de sentido das manchas e a sua instabilidade perceptiva confrontam o sujeito borderline com a perda de objecto, despertando nele depressividade, angústia de vazio e, no limite, o sentimento de aniquilamento. O sujeito pode ficar siderado, pode perder a distância em relação ao material e projectar-se nele, ou precipitar-se em interpretações apressadas, mais ou menos conformistas, e produzir imagens encerradas em si-mesmas, revelando-se incapaz de elaborar um sentido. As imagens ou objectos assim criados apresentam-se naturalmente precários, frágeis e inconsistentes. Instáveis em seus limites, revelam a existência de permeabilidade entre o dentro/fora, sujeito/objecto. Recusando a dupla pertença ao sonho e ao real, tais objectos não favorecem encenações fantasmáticas. (Chabert, 1998/2000).

O funcionamento borderline

Chabert (1998/2000) defende que o funcionamento borderline se apresenta em duas modalidades: a modalidade rígida, associado a uma grande inibição e à imposição de um grande controlo interno, e a modalidade lábil exuberante, possivelmente para esconder a inibição, muito permeável à sensorialidade e hiper-reactiva ao estímulo. Apesar de numa e noutra modalidade poder existir aspectos neuróticos –uso de defesas neuróticas associadas à problemáticas de castração- e componentes psicóticas, nomeadamente a emergência do processo primário, Chabert prefere enfatizar as problemáticas borderline em jogo através dos conceitos de representação de si e representação das relações, bem como pelos arranjos defensivos.

A relação com o psicólogo

A relação dos sujeitos borderline com o psicólogo é marcada pela dependência. Podem apresentar-se frios e hostis ou familiares e joviais. Aceitam a proposta da prova projectiva com prontidão e alívio e envolvem-se num primeiro tempo, mas depressa usam o teste como ecrã para se protegerem dos movimentos internos. Na modalidade rígida o nível de produção é muito baixo, consequência de um funcionamento mental pobre e caracterizado pela incapacidade de estabelecer uma dialéctica entre o imaginário e o real. Podem verificar-se também algumas recusas. Na modalidade lábil a produção é abundante, por vezes incoerente, projectiva e subjectivamente comprometida. Geralmente pro-

cura suporte anaclítico no clínico em relação ao material, verbalizando-o no discurso.

Representação de si

A representação de si no borderline, tendo como fundamento uma diferenciação parcial Eu/não-Eu, dentro/fora, sujeito/objecto, apresenta como característica principal a porosidade dos limites e o investimento das fronteiras. Estas existem, mas estão sempre ameaçadas pela ressonância íntima ou pela hipersensibilidade ao material. A insistência nos contornos é, por isso, uma constante e uma necessidade, tendo como resultado um aumento dos determinantes formais e a emergência de determinantes sensoriais em que o formal está pouco presente (CF e C mais do que FC)

O conceito de Ego-pele de D. Anzieu é, na opinião de Chabert, o melhor conceito metapsicológico para compreender a qualidade singular da representação de si. Aquele tem duas películas, a interna desempenha a função de continente psíquico e a exterior separa do mundo externo. O Ego-pele, que tem como referência o suporte do objecto primário, apresenta no sujeito borderline a imagem de um passador devido à precariedade da sua função continente.

Segundo A. Dias (2004) falta a segunda pele ao sujeito borderline, consequência de uma identificação incompleta à função continente, necessitando de objectos asseguradores e contentores, capazes de receber os objectos projectados e ser pára-excitações. Investe, por isso, a relação anaclítica, tendo o ódio a função de separador. Com efeito, as pulsões destrutivas, que têm no Rorschach um bom instrumento de acesso, dão conta da predominância dos processos de

desligação. Revelam que os sujeitos borderline têm grandes dificuldades de interiorização, provocando o recurso à somatização ou às patologias do comportamento. Os objectos apresentam-se, por isso, instáveis e condenados a desaparecer; e as relações objectais, perturbadas e belicosas, dão conta de uma permanente ameaça de perda de objecto (Chabert, 1998/2000).

As representações de relações

As representações de relações são marcadas pela dependência em relação ao meio, estabelecendo relações objectais anaclíticas, e pela manifestação da agressividade e do ódio, usado para marcar a separação e a diferenciação. O sujeito, usando o modelo kleiniano, não elaborou a posição depressiva e, por isso, mantendo clivadas as componentes afectivas do objecto, não integrou a ambivalência.

a) A dependência revela-se pelo apego excessivo à realidade exterior que, no Rorschach, se expressa através de uma submissão passiva e conformista aos aspectos perceptivos. O sujeito recorre, por isso, aos determinantes formais (que investem os limites) e sensoriais, provocando um aumento destes. Como consequência, verifica-se uma expressão fantasmática pobre, nomeadamente nos protocolos inibidos onde pontifica o pensamento operatório. A dependência pode verificar-se também em relações que sublinham o fusional (siameses, personagens colados, agarrados), sendo de realçar não só o conteúdo mas também os aspectos gramaticais: encostados, sobre, junto, apoiados, suportados... A dependência pode revelar-se ainda como contra-investimento face à perigosidade pulsional, nomeadamente a agressividade.

O recurso à forma dá conta também de uma tentativa de controlo dos elementos ansiogénicos e depressivos, nomeadamente da pulsionalidade (o vermelho não nomeado, por exemplo, é controlado pela forma). O sujeito projecta geralmente no “fora” os movimentos pulsionais internos.

As relações edipianas são marcadas pela impossibilidade de ambivalência e pelas pulsões desligadas. O especular, que pode ser usada para evitar o pulsional, aparece na situação edipiana como modalidade da situação borderline. Neste sentido, as figuras edipianas são ou boas ou más, e, particularmente, se uma é boa a outra é má.

b) Não se tendo realizado a síntese das pulsões e integrado a ambivalência, as relações objectais são marcadas pelo ódio⁽⁸⁾ e pela agressividade que, por sua vez, são sustentados pela clivagem e pela projecção tornando presente o funcionamento esquizo/paranóide. Verificam-se, por isso, respostas marcadas por um conteúdo fortemente idealizado alternado com conteúdos desidealizantes, desvalorizantes, nomeadamente através de conteúdos fecalizados (lama, matéria viscosa...), ou conteúdos desagradáveis (ódio, agressividade), revelando a presença da clivagem e de aspectos persecutórios.

O ódio usa a projecção e esta serve para pôr fora, pôr no objecto, os afectos desagradáveis, maléficos. A projecção e o ódio são usadas também pelo border-

⁸ - Não tendo o sujeito borderline acedido ao Édipo, ou, na linguagem kleiniana, à posição depressiva, o ódio tem a função paradoxal: negar e afirmar a dependência. O ódio não é o contrário do amor, é antes recusa do mundo exterior, é manifestação de desprazer em relação aos objectos. O ódio, na opinião de Chabert, sustenta no sujeito borderline a diferenciação sujeito/objecto e dá conta do reconhecimento da subjectividade e do sentimento de continuidade. Torna efectiva a existência do objecto e a necessidade/dependência deste. E, face a esta necessidade, o ódio revela a luta contra a invasão, contra a fusão. Neste sentido, o ódio não mascara o amor, mas o medo de perder o objecto. A desqualificação ou rejeição dos objectos dá conta, neste sentido, de uma protecção narcísica em relação ao medo de abandono. O ódio pode acabar, naturalmente, por voltar-se contra o sujeito, através de movimentos masoquistas ou melancólicos.

Projecção e ódio andam juntos. Refere Chabert que a projecção do ódio sobre o outro tem um duplo objectivo: libertar o sujeito dos movimentos pulsionais penosos e consolidar os limites entre o dentro/fora, o sujeito/objecto. Com efeito, os limites do borderline são permeáveis, frágeis, mal conseguidos, mas esta tentativa de consolidação frequentemente fracassa devido à confusão que a projecção acaba por provocar entre o dentro/fora, sujeito/objecto.

line para diferenciar sujeito/objecto e, deste modo, impedir, por um lado, a fusão e, por outro, tentar consolidar os limites. O objecto é absolutamente necessário e, por isso, massivamente odiado. Mas a desqualificação ou rejeição dos objectos ao nível manifesto dá conta ao nível latente de um recurso narcísico face ao medo de abandono.

A projecção no borderline recorre aos mecanismos de recusa e clivagem. Associada à clivagem, põe em evidência movimentos hiper adaptativos, muito colados à realidade, e movimentos hiper projectivos em que a realidade é deformada. A projecção apresenta-se também, por vezes, como externalização, ou seja, consiste em pôr fora movimentos pulsionais porque já não tem mais espaço interno. A representação das relações parece, portanto, dar conta de uma luta pulsional em que o ódio parece ser protagonista. Eu e objecto, que deveriam entender-se para fruir do encontro, molestam-se porque se necessitam.

A projecção, o ódio e a clivagem possibilitam ainda compensar a ausência de ambivalência. Com efeito, a ambivalência de cada figura edipiana é substituída pela clivagem bom/mau: se um é amado, o outro é odiado, possibilitando, desta forma uma equiparação à sexualidade e ao conflito edipianos.

A organização defensiva

Os protocolos borderline são caracterizados pela presença das defesas primitivas, nomeadamente a idealização/desvalorização, a clivagem, a identificação projectiva e a recusa. Os registos neuróticos e psicóticos, sugere Chabert, aparecem de forma pontual e heterogénea, sendo este facto importante no diagnóstico. A angústia de castração existe, mas está dominada pela angústia de

perda de objecto; aparecem também pontualmente manifestações destrutivas de natureza psicótica, mas, graças à projecção do ódio e ao apego à realidade, o objecto é preservado, salvo raras excepções.

Chabert (1998/2000), referindo Learner & Learner, refere que «*o apego e o servilismo passivo a um objecto idealizado, e a procura de controlo e de domínio sobre o objecto pela expressão directa da agressividade, determinam uma inversão na qualidade do investimento desse objecto, depois desvalorizado, depreciado, explorado, manipulado e submetido a um rude tratamento*», verificando-se, desta forma, «*oscilações rápidas entre idealizações e desvalorizações*» (opus cit. p.156). Esta referência se, por um lado dá conta do modo como é usada a idealização e a desvalorização ao serviço do ódio e da dependência, por outro, expressa como aquelas podem servir a clivagem, mecanismo principal no sujeito borderline.

A clivagem incide, como já foi dito noutro capítulo, sobre as qualidades afectivas do objecto. A sua presença nos protocolos nem sempre é evidente, devendo fazer-se uma análise cuidada. Revela-se da seguinte forma:

- Por uma sequência de imagens humanas idealizadas e de imagens desvalorizadas;
- Na sequência entre imagens humanas descritas em termos afectivos específicos, não ambivalentes e não ambíguos, seguidas de novas imagens humanas descritas em termos opostos;
- Em imagens implicitamente idealizadas que são desacreditadas ou danificadas pela junção de traços negativos;

- Por uma personagem implicitamente depreciada à qual se juntam novas desqualificações;
- Por haver uma imagem humana inteira em que uma parte aparece em oposição à outra;
- Colocando duas personagens claramente distintas e em oposição na mesma resposta;
- Pode verificar-se também o recurso a imagens especulares ou em duplo, realizando a mesma actividade.

A **idealização**, que pode ser positiva e negativa (desvalorização), parece revelar-se em conteúdos valorizados, poderosos, embelezados, ou em conteúdos desvalorizados, inferiorizados, vulneráveis, danificados. Os sujeitos borderline recorrem a mecanismos de idealização positiva e negativa de forma massiva e extrema como consequência da extrema agressividade, por um lado, e, por outro, da clivagem das partes boas e más do objecto mantendo objectos bons e maus em mundos separados.

A **recusa** parece inscrever-se num continuum que dá conta de uma deformação da realidade. Esta pode ser mínima, como acontece na resposta «*eu sei que eles não lutam*»; média quando o determinante formal é adequado, mas contém uma contradição em termos lógicos ou afectivos «*duas religiosas a lutar*» ou «*um homem adormecido a ler*»; ou profunda quando desaparece a adequação à realidade e surge o arbitrário: «*uma pessoa sentada sobre uma cauda*».

Sobre a **projectão** já se falou imediatamente atrás em “representações de relações

Representações e afectos

a) **As cinestésias** - Os K, que podem estar ausentes em protocolos rígidos e inibidos, raramente dão conta de conflitos intra psíquicos. Inscrevem-se fundamentalmente na realidade especular (K narcísicos) ou numa relação de apoio (K anaclíticos), consequência de interiorizações precárias, intolerância à diferença, ou da ausência de ambivalência.

Os kan são portadores de movimentos regressivos ou de representações violentas com carácter destrutivo. Os kob dão conta de uma pulsionalidade intensa, geralmente com pouca contenção figurativa, ou, em situações de excitação intolerável, permitem a descarga pulsional. Os kp, por último, dão suporte a movimentos projectivos, permitindo por vezes a expressão de elementos negativos com valor persecutório.

As cinestésias são de valor variado e a sua presença é aleatória devendo ser analisadas cuidadosamente. Dão conta sempre de potencialidades representacionais e, neste sentido, revelam a capacidade do sujeito em se inscrever num espaço transitivo e, dessa forma, tornar presente um objecto ausente. Revelam a existência de uma comunicação dentro/fora, entre o sujeito e o meio. Sublinham por vezes o carácter precário das fronteiras, mas ao mesmo tempo a procura do reconhecimento e o estabelecimento destas a fim de estabelecer um dentro e um fora, lugar de projecção.

As cinestésias de identificação, que nos neuróticos dão conta da angústia e do complexo de castração, na patologia limite põem em destaque a angústia de perda de objecto. Podem ser caracterizadas, por isso, pelo binómio activo/passivo, revelando posicionamentos psico sexuais sadomasoquistas. Como

os conteúdos fantasmáticos sexuais são raros no Rorschach, as cinestésias podem fornecer alguns traços. Podem ser usadas como recurso para conter as emergências pulsionais sexuais e agressivas. As relações anaclíticas e de dependência que veiculam oferecem também uma máscara aos movimentos pulsionais.

b) **O pólo sensorial** – Os sujeitos borderline de funcionamento lábil revelam uma grande sensorialidade que os pode confundir com os histéricos, mas estão mais próximos da descarga (passagem ao acto ou somatização) que do recalçamento (compromisso). A expressão dos afectos, por isso, revelando um excessiva excitabilidade ao material, denunciam a ausência do mecanismo de recalçamento. Neste sentido, a cor não é pára-excitação, mas provocadora de excitação. O vermelho, por exemplo, reactiva emergências pulsionais brutais em processo primário, podendo a desorganização surgir momentaneamente. A impossibilidade de compromisso, leva ao uso da clivagem para separar as representações das emergências pulsionais.

Nas pranchas II e III, pode o Eu ser danificado e ficar incapaz de conter as emergências pulsionais e produzir conteúdos desorganizados ou crus, suscitando a emergência do processo primário. O vermelho pode favorecer respostas que expressem dano corporal (sangue ou anat), mas o que está presente é sobretudo a dificuldade de contenção da emergência pulsional devido à precariedade defensiva, um falhanço da pára-excitações. A razão estará, segundo Chabert (1998/2000), na falta de qualidade do *holding* materno, ou talvez, como refere A. Dias (2004), na ausência da segunda pele, resultando daí a necessidade de anaclase, a necessidade de se apoiar nos objectos externos (segunda pele e lugar de depósito das projecções e, por isso, usado como pára-excitações). Os cartões

II e III, dada a configuração bilateral e o apelo à representação das relações, permitem expressar essa busca de apoio através da cinestesia (Chabert, 1998/2000).

Os cartões pastel solicitam movimentos regressivos. Estes, ao contrário da situação neurótica onde a regressão é defensiva e está ao serviço do recalca-mento, dão conta do movimentos intrusivos e danosos. A regressão dá conta de vivências contraditórias, de prazer ou desprazer intenso, de vivências paradisíacas e bem-estar ou de hostilidade com conotação persecutória. Aqui a distância com o material é quase perdida, aparecem conteúdos orais, as fronteiras revelam-se precárias e o determinante sensorial predomina sobre o formal (CF ou C).

6 – Os procedimentos

A patologia borderline dá conta de uma grande sensibilidade à ausência/perda de objecto, revelando o sujeito dificuldade em sua elaboração. A ausência/perda de objecto deve ser reconhecida pelo sujeito e ao sê-lo duas situações significativas podem ocorrer: se for elaborada, através de uma relação continente-conteúdo positiva, dá-se a estruturação psíquica pela instalação da capacidade de pensar, de simbolização, acedendo o sujeito a um espaço mental criativo e aberto ao infinito, testemunho de uma acção estruturante do negativo; se o sujeito, pelo contrário, não elaborar a perda, se não lhe der um significado, verifica-se uma fuga pela negação e dissociação da realidade. O sujeito, neste caso, perpetua os mecanismos de desligação e usa a identificação projectiva patológica, dando conta de um funcionamento mental submetido ao negativismo destruturante que impede a comunicação e a vinculação psíquica, isto é, a possibilidade de simbolização (Chabert, 1998/2000; Zimmerman, 1995; Grinberg, D. Sor & Tabak de Bianchedi, 1991; Joan & Symington, 1999; E. Marques, 1999).

O Rorschach, na opinião de Chabert (1998/2000), é sensível à perda de objecto e, como enfatiza E. Marques (1999), permite aceder «*ao conhecimento das características da realidade psíquica, das propriedades e qualidades da mente, das relações que o sujeito estabelece com os objectos e do impacte e ressonância que os objectos têm sobre o sujeito*» (...) através de um «*trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, entre a objectivação e a subjectivação*» (opus cit., p. 195). A resposta Rorschach, fruto de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, apresenta-se, desta forma, como um “novo objecto”, um símbolo. O trabalho mental envolvido dá conta de movimentos de ligação e separação entre os objectos

internos e externos e revela a natureza dos processos de união, integração e recriação de uns por outros, permitindo aceder à natureza do sujeito, do Eu e da(s) sua(s) relação(ões) de/com objecto(s) pelos outros (E. Marques, 1999). Acredita-se que, através da análise dos movimentos e mecanismos promotores do estabelecimento de uma relação continente-conteúdo, ou dos mecanismos que a fragilizam ou impedem, seja possível observar o negativo e o negativismo.

Chegou, por isso, o momento de construir o caminho, através do Rorschach, para alcançar, acredita-se, o objectivo deste trabalho: compreender o funcionamento psíquico do sujeito borderline a partir do negativo. A finalidade é pôr a descoberto, através de um protocolo borderline, o negativo e o negativismo. A acção implacável do negativo e do negativismo tem como corolário a construção de um espaço mental correspondente e este pode revelar expressões diferentes consoante as nuances das ligações e separações que o trabalho do negativo ou do negativismo permite ou impede.

Assim, pretende-se, como testemunho de um negativo estruturante, verificar:

A1 - Da existência de um espaço psíquico criativo, aberto ao conhecimento da realidade (vínculo do conhecimento dominante +K) e à possibilidade de crescimento e desenvolvimento, fundado na tolerância à dúvida e no sentido de infinito, dinamizado por movimentos que vão da dispersão à integração (PS \leftrightarrow D), constituindo uma relação continente-conteúdo positiva e mutuamente proveitosa (+♀ \leftrightarrow ♂), promotora da simbolização. Tal espaço será designado pelos símbolos [+ (♀ \leftrightarrow ♂) +K].

A2 – Da existência de um espaço psíquico separado, adaptado à realidade de forma conformista, onde o vínculo do conhecimento se apresenta sob a forma de onisciência (K!!), os mecanismos dispersivos predominam sobre os integrativos (PS←D) e não desenvolve, por isso, o interesse em aprender com a experiência, constituindo uma relação continente-conteúdo positiva mas não mutuamente proveitosa ($\varphi \leftrightarrow \sigma$). Este espaço será designado pelos símbolos $[(\varphi \leftrightarrow \sigma).K!!]$.

B - Como testemunho do negativismo, pretende-se verificar:

B1 - Da existência de um espaço mental mal separado, diferenciado e evacuativo para o exterior, dominado pelo vínculo do ódio (+H) e pela inveja, habitado por objectos bizarros e onde imperam os mecanismos dispersivos (PS), nomeadamente os evacuativos, constituindo uma relação continente-conteúdo negativa e parasitária ($-(\varphi \leftarrow \uparrow \sigma)$), onde se verifica a função beta. Este espaço será designado pelos símbolos $[-(\varphi \leftarrow \uparrow \sigma)+H]$.

B2 – Da existência de um espaço psíquico mal separado, diferenciado e deprimido, habitado por objectos bizarros e onde imperam os mecanismos dispersivos (PS), dominado pelo ódio e pela culpa destrutiva, sendo considerados como um vínculo de amor negativo (-L) em relação ao exterior e evacuativo para o Self, constituindo uma relação continente-conteúdo negativa e parasitária ($-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma)$), onde se verifica a função beta. Será designada pelos símbolos $[-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma)-L]$.

Na elaboração dos parâmetros de análise para evidenciar os diferentes espaços mentais referidos e resultantes da acção do negativo e do negativismo,

são tidos como fundamentais os conceitos de *representação de si* e de *representações de relações* desenvolvidos por Chabert (1987/1998) para o Rorschach. Estes conceitos, contudo, são considerados sob a forma de matriz de suporte à teorização dos diferentes parâmetros a estabelecer. No primeiro conceito, o de *representação de si*, que dá conta da vivência do corpo real e imaginário, inscreve-se a imagem de si como núcleo central da identidade e que assegura os sentimentos de “ser” e “existir” (Andronikof-Sanglade 1990); e no segundo, o de *representações de relações*, estão presentes as identificações primárias e secundárias.

A linguagem da relação e da significação proposta por E. Marques (1999) para o Rorschach é a referência teórica fundamental para a elaboração dos parâmetros de análise do negativo e do negativismo, sendo tidos também em conta os factores Rorschach estudados por Chabert (1987/1998). Neste sentido, o processo de simbolização, que dá conta da capacidade do sujeito em transmutar a experiência emocional disruptiva em pensamento pelo estabelecimento de uma relação continente-conteúdo emocionalmente positiva, através de um trabalho de ligação, transformação e criação, é expresso no Rorschach através de imagens bem vistas, positivamente valorizadas, nomeadamente conteúdos humanos e animais inteiros claramente sexuados, ou conteúdos simbólicos de natureza progrediente, imagens que, a um primeiro nível, revelam a integração do casal parental combinado como figuras securizantes, tornando presente a individuação, e, a um segundo nível, dão conta da sexuação e da relação que integra a diferença e complementaridade de sexos, a diferença de gerações, a integração modelada das pulsões. Tais imagens Rorschach revelam a acção estruturante de um negativo bem conseguido, tendo como contexto uma relação

continente-conteúdo emocionalmente positiva. Com efeito, a imagem, o significado ou o símbolo criado revela que a função alfa, realizando um trabalho de ligação, transformação e criação, elaborou a perda/ausência do objecto, significando-a. As imagens Rorschach de má qualidade formal, desvitalizadas, esmagadas, fragmentadas, contaminadas, imagens de natureza arcaica ou regrediente, etc., pelo contrário, dão conta da ausência de simbolização, da incapacidade em metabolizar a perda de objecto, da impossibilidade em dar-lhe um significado.

Parâmetros para uma análise cartão a cartão

A situação disruptiva Rorschach coloca o sujeito face à ausência/perda de objecto. A ordem dada solicita ao sujeito um trabalho de significação, através de um mergulho nas “rêveries” internas e pelo confronto – ligação e separação – entre os objectos internos e o objecto externo Rorschach. Espera-se que o sujeito, face à frustração provocada pela situação Rorschach, reconheça a perda/ausência de objecto e, estabelecendo uma relação continente-conteúdo, seja capaz de a transmutar, por um trabalho de comunicação, ligação, transformação e criação, numa significação, num símbolo. Se assim acontecer, verifica-se a acção de um negativo estruturante, da acção de Eros. Caso contrário, está-se frente à acção do negativismo, aos mecanismos destruturantes da pulsão de morte.

Os cartões, deve dizer-se, não são unívocos. É necessário ter em conta as suas características sensoriais e perceptivas diversas, bem como a expressão simbólica que cada um veicula, solicitando diferentes fantasmáticas. Neste sen-

tido, os cartões negro-cinzentobranco, nomeadamente os cartões I, IV, V, VI e VII, quer pela natureza disfórica ou inquietante do cinzentonegrobranco ou pelo esbatimento dos tons cinzento (VII) quer pelas lacunas internas ou externas (cartões I e VI), confrontam o sujeito de uma forma directa com a falta, com a perda/ausência. Os cartões II e III, pela associação entre as suas características bilaterais e o vermelho-negro, põem à prova os níveis evoluídos ou arcaicos do sujeito. Permite verificar se o sujeito acedeu ao relacional e integrou as pulsões, elaborando a perda/ausência, ou se refugia no especular e sem integrar o pulsional e o relacional, revelando que a perda/ausência não foi elaborada. Revela, deste modo, que construiu um espaço mental rico e criativo ou conformista, função de um negativo estruturante, ou, pelo contrário, a instalação de um espaço mental evacuativo ou culpabilizante, função do negativismo. Os cartões pastel (VIII, IX e X), por último, podem pôr a descoberto movimentos regredientes, permitindo a manifestação da falta ou de inquietações persecutórias, ou movimentos progredientes, manifestando a integração de afectos ternos, dando conta que a perda foi elaborada.

Como é que o sujeito aborda o cartão? Como testemunho de que elaborou a perda, deve aceitar o desafio da prova e implicar-se na mesma através de respostas variadas e adequadas às temáticas de cada cartão, revelando curiosidade e desejo em conhecer o objecto. Se, pelo contrário, revelar constrangimentos e/ou ansiedade através de um aumento elevado ou diminuição brusca do tempo de latência, pela manipulação excessiva do cartão, por comportamentos paraverbais ou por verbalizações de desconforto, pela crítica à situação ou aos cartões, pelo pedido de apoio, por comportamentos, pela recusa, etc., dará conta que tem dificuldades em fazer face ao disruptivo, à perda/ausência.

Na análise das repostas Rorschach, deve-se verificar se a qualidade se mantém mais ou menos ao mesmo nível no cartão e ao longo do protocolo, em função de um pensamento evoluído; ou se observa uma oscilação dessa qualidade no cartão ou aquando da mudança de grupo de cartões (negro-cinza, cor, pastel; aberto, fechado; bilateral, unitário), em função da problemática em jogo e/ou de movimentos regredientes e de um pensamento de natureza primária. Podem, deste modo, surgir respostas precipitadas ou sideração, imagens hipervalorizadas e/ou afectuosas seguidas de imagens desvalorizadas e/ou agressivo-destrutivas.

Ao nível da interpretação da mancha parece haver dois momentos nos quais se revela, de forma particular, a acção do negativo ou do negativismo: no primeiro, a separação e diferenciação figura/fundo, criando um continente com fronteiras seguras e estáveis, ou a impossibilidade de construir um continente devido à não realização daquela separação; e, no segundo, o estabelecimento de uma relação continente-conteúdo positiva capaz de produzir um símbolo, um “novo objecto”, ou uma relação continente-conteúdo negativa que impossibilita a significação. Estes dois momentos estão naturalmente unidos. A sua separação serve para pôr em realce o processo pelo qual uma mente evoluída e criativa faz face ao disruptivo e o resolve pelo pensamento, ou, pelo contrário, os mecanismos primitivos que uma mente evacuativa usa para negar a realidade dolorosa da perda.

Desta forma, o sujeito, revelando a presença de um negativo estruturante, deve destacar o todo e/ou parte da mancha e realizar uma diferenciação e separação figura/fundo através de apreensões globais (G) e em grande detalhe (D), enquadradas por uma boa forma (F+), revelando ancoragem na realidade e

abertura ao conhecimento da mesma. O modo de sucessão das apreensões globais (GF+) e parciais (DF+) pode manifestar a presença de um pensamento flexível e evoluído, quando o sujeito é capaz de explorar a mancha de forma criativa a partir do geral para o particular ou do particular para o geral, ou pode dar conta de um pensamento adaptativo e conformista se o sujeito apresenta só um modo de apreensão ou faz uma única abordagem da mancha de forma continuada, ou se apresenta um modo de sucessão rígido.

Podem ainda surgir algumas apreensões em pequeno detalhe com boa forma (Dd F+), mas estas devem inscrever-se num pensamento curioso e rigoroso e aparecer depois das apreensões globais (G) e em grande detalhe (D), pois, caso contrário, revelam dificuldades ao nível do trabalho de ligação e transformação, isto é, dão conta de manobras defensivas, pondo a descoberto dificuldades de elaboração da perda/ausência de um pensamento mais conformista. Pode surgir ainda alguma apreensão em detalhe lacunar (Dbl F+), revelando interesse em conhecer a realidade através de um pensamento por oposição. No entanto, este modo de apreensão dá conta de dificuldades na separação figura/fundo e proporciona-se a veicular conteúdos inquietantes (olhos, por exemplo, no cartão I), estando ligado a um pensamento conformista. O sujeito criará, deste modo, um continente ancorado na realidade e com fronteiras seguras e estáveis, contentor e metabolizador, revelando, ao mesmo tempo, interesse pela realidade e desejo de a conhecer.

A diferenciação e separação figura/fundo pressupõe a separação Eu/não-Eu, dentro/fora, sujeito/objecto. Revela que a identidade foi adquirida, dá conta da integração do casal parental combinado, da subjectivação e da objectalização, da possibilidade de relação com o mundo, do sentimento de existir e da possibi-

lidade de aceder ao criar. Tudo isto é possível porque o sujeito internalizou um continente materno empático com capacidade de “rêverie”, um continente contenedor e metabolizador que lhe permite estabelecer relações, comunicação, interpretações e significações, capacitando-o para elaborar a perda. Deve dizer-se, no entanto, que este continente não apresenta o mesmo nível evolutivo, a mesma qualidade metabolizadora em todos os sujeitos: há sujeitos em que se revela promotora do conhecimento, da criatividade e da abstracção, conduzindo à simbolização, e noutros em que dá conta de preocupações adaptativas e conformistas, hipotecando a aprendizagem pela experiência, o conhecimento criativo, a capacidade de simbolização, consequência, segundo A. Dias (2004), de uma identificação ao continente materno incompleta.

Porém, se a função continente do sujeito se encontra fragilizada e perturbada, se imperam na cena psíquica os mecanismos dissociativos (PS), consequência da acção do negativismo, a identificação projectiva revela-se patológica e aquilo que deveria ser um trabalho de comparação, comunicação, transformação e significação, transforma-se num ataque destrutivo contra os vínculos e contra tudo o que tem a função de ligar. O sujeito, deste modo, não consegue realizar uma separação e diferenciação figura/fundo, e, por isso, organiza um continente com fronteiras instáveis, precárias e porosas, um continente incontentor e incapaz de “rêverie”, dando conta da incapacidade em elaborar a perda/ausência.

São testemunho deste continente mal separado e diferenciado apreensões globais (G's), apreensões em grande detalhe (D), apreensões em pequeno detalhe (Dd) e, particularmente, apreensões em detalhe branco (Dbl), caracterizadas umas e outras por uma má qualidade formal (F-), ou, na melhor das hipóteses,

por uma qualidade formal vaga (F₊), bem como por determinantes sensoriais puros (C, C', E, Clob). Dão conta que o sujeito falhou na ancoragem à realidade, por pressões da realidade interna e/ou da realidade externa, revelando a presença de uma mente evacuativa e sujeita a mecanismos regredientes e dispersivos (PS). Desta forma, os modos de sucessão são incoerentes e as apreensões podem apresentar uma natureza arbitrária, nomeadamente algumas apreensões em G e as apreensões em Dd. São de particular relevância patológica, apresentando uma natureza fusional figura/fundo, Eu/não-Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, as apreensões globais sincréticas (G), as apreensões por justaposição de detalhes ou enumeração de detalhes, os G's confabulados (DG, DdG), os G's contaminados (GG, GD), a apreensão em detalhe oligofrénico (Do) ou os pequenos detalhes (Dd) arbitrários.

Dando testemunho de um *negativo estruturante*, o sujeito, tendo diferenciado e separado figura/fundo e fundado um continente contentor e metabolizador, deve estabelecer uma relação continente-conteúdo emocionalmente positiva entre o objecto interno e o objecto externo Rorschach. Esta, através de um trabalho de ligação, transformação e (re)criação figura/fundo, Eu/não Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, modifica a situação disruptiva, a ausência de objecto, numa imagem-símbolo Rorschach, num significado, num elemento alfa pronto a ser utilizado pelo pensamento, testemunhando a presença de um aparelho de pensar. Este trabalho de ligação, transformação e criação, ao promover vinculações entre os objectos internos e entre objectos internos e externos, dá conta de um pensamento evoluído e criativo, da capacidade de simbolização, revelando, segundo a linguagem clássica, de que o sujeito inte-

grou a bissexualidade, aceitou à sexuação, à noção de complementaridade de sexos e de diferença de gerações.

No espaço mental criativo, o pólo mais desenvolvido do negativo estruturante, a relação continente-conteúdo positiva dá conta da curiosidade em explorar e conhecer (+K) o objecto e da presença de uma oscilação dinâmica entre mecanismos dispersivos e integrativos (PS↔D), fomenta a criatividade e a aprendizagem pela experiência e abre-se à transformação e ao infinito, revelando uma base de tolerância e dúvida e capacidade de simbolização. No pólo menos desenvolvido do negativo estruturante, o espaço mental conformista, predominam os mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D) e o conhecimento curioso do objecto vê-se hipotecado à necessidade de uma adaptabilidade permanente, desenvolvendo um conhecimento conformista à realidade. Conhecer é sempre muito doloroso. Desta forma, o conhecimento conformista aproxima-se de uma onisciência (K!!) que produz a crença de que o objecto já é conhecido. Apresenta, por isso, fragilidades na capacidade de pensar, dificuldades ao nível da capacidade de simbolização. A. Dias (2004) sugere que, em vez de símbolos, são produzidos objectos assimbólicos.

Como testemunho de um *espaço mental criativo*, as imagens Rorschach devem ser suportadas por apreensões globais organizadas e enquadradas por uma boa forma (G F+), revelando pela presença de cinestésias humanas (K) ou animais (kan) uma mentalização rica, complexa e criativa, dando conta ainda, particularmente as cinestésias humanas nos cartões bilaterais, de uma abertura à relação com o mundo e uma integração modelada dos afectos. Do mesmo modo, são de realçar as imagens suportadas por apreensões em grande detalhe organizadas (DF+ K ou kan), devendo estas estar inseridas num contexto de

pensamento evoluído e desejoso de explorar a mancha. Os conteúdos humanos ou de animais devem ser, por isso, inteiros, separados, positivamente valorizadas e sexualmente identificadas.

Podem surgir algumas imagens ancoradas em apreensões globais simples, de natureza banal e bem vistas (GF+), nomeadamente nos cartões compactos I, IV, V, VI, bem como apreensões em grande detalhe (DF+), mas estas, revelando curiosidade em explorar cognitivamente a mancha, devem ir para além de uma leitura directa e adaptativa, originando significações bem constituídas, equilibradas e criativos e, quiçá, originais, nomeadamente através de imagens inteiras, separadas, positivamente valorizadas, sexualmente identificadas quando são engramas animais, bem como conteúdos com uma simbólica rica e criativa. Os determinantes sensoriais, formalmente enquadrados (F+ C) e associados a conteúdos de natureza simbólica, suportados geralmente por apreensões em D's, podendo aparecer também em G's, nomeadamente nos cartões cor e pastel, devem dar conta de um pensamento evoluído que integrou os afectos de forma modelada, que dá conta da integração dos afectos ternos dentro de um ambiente progrediente, devendo os conteúdos ser inteiros, positivamente valorizados e de significação simbólica rica e criativa. E, por último, se inserem numa preocupação minuciosa e curiosa de conhecimento da realidade, podem surgir apreensões em pequeno detalhe (Dd), bem vistas (F+) e associados a conteúdos positivamente valorizados

Dando conta de um *espaço mental conformista*, as imagens Rorschach devem ser suportadas por apreensões globais simples (G), banais e de leitura directa e conformista da mancha, e enquadradas por uma boa forma. A percentagem de apreensões globais (G%↑) pode apresentar-se, por isso, elevada, bem

como a percentagem formal ($F\% \uparrow$), revelando uma preocupação de ancoragem ao real, mais adaptativa do que desejosa de conhecer a realidade. Parece ter como finalidade a defesa contra invasões fantasmáticas, pulsionais e emocionais vividas como perigosas, suscitadas pelo próprio estímulo, nomeadamente nos cartões cor e pastel. Deste modo, o sujeito pode refugia-se numa apreensão global para ficar no genérico e evitar comprometer-se, controlando a conflitualidade interna, os afectos ruidosos e extremados.

Devem aparecer também apreensões em grande detalhe (D), geralmente de natureza banal e de leitura directa e adaptativa. As apreensões em D, particularmente nos cartões cor (II e III), podem surgir para evitar e controlar as solicitações pulsionais, podendo constituir a única forma de apreensão. Este facto dá conta que o sujeito recorre à representação para se defender dos afectos intensos e perigosos, porque mal integrados. Neste sentido, pode usar ainda a cinesesia com engrama humano (K), associada a G ou a D, mas neste caso desvitaliza-a, dessexualiza-a e retira-lhe a dimensão relacional, recorrendo a um conceito postural, ao especular através da simetria do cartão, ou a uma relação de suporte. Pode também, num conformismo ao estímulo de natureza lábil, recorrer à expressão sensorial para deixar passar os afectos mais ou menos de forma intensa, as preocupações inquietantes, a falha, as carências narcísicas, os temores, mas associa-os a uma boa forma (FC ou CF, FC' ou C'F, FE ou EF, Fclob ou ClobF), podendo esta ser ou não o factor determinante. Os conteúdos devem ser analisados para distinguir uma coisa da outra.

As apreensões globais (G's) ou em grande detalhe (D's) têm fundamentalmente um carácter simples e banal, fruto de uma leitura directa imediata e adaptativa à mancha, evitando qualquer compromisso pessoal, como sugerem

os próprios conteúdos, nomeadamente através de imagens, inteiras e separadas certamente, mas idealizadas ou desvalorizadas, sem referência emocional ou sexual, desvitalizadas e simbolicamente pobres, ou de imagens-símbolo, produto de racionalização. A par das cinestésias humanas, tratadas segundo uma estratégia de contenção e controlo, podem aparecer a cinestesia animal, sobre a qual são deslocadas as problemáticas conflituais intensas, de natureza sexual ou agressiva-destrutiva, e as cinestésias de objecto (kob) propícias à expressão pulsional intensa, devendo ser sempre analisado o conteúdo. A apreensão em Dbl, de boa qualidade formal, pode constituir um recurso adequado à manifestações de natureza inquietante, nomeadamente persecutórias (olhos no cartão I, por exemplo), mas também se prestam a veicular a falta, revelando num e noutro caso dificuldades face à necessidade de elaboração da ausência de objecto. As apreensões em Dd, associados a F+, mais do que darem conta de uma curiosidade pelo objecto, são propícias à expressão de conteúdos particulares de natureza regrediente, nomeadamente sexuais, agressivos, inquietantes ou de natureza hipocondríaca. Neste sentido, e revelando um pensamento rígido e conformista, as cinestésias interpretativas inseridas numa formalização adequada, propiciam a expressão de mecanismos paranóicos, por vezes violentos.

Este pensamento de natureza conformista parece dar conta de um trabalho de ligação, transformação e criação fragilizado ou bloqueado devido dificuldades ao nível do continente. Parece revelar dificuldades de metabolização, fundadas numa identificação incompleta ao continente materno e numa função alfa fragilizada devido à pressão da identificação projectiva (α/ip). Com efeito, os mecanismos dispersivos predominam sobre os integrativos ($PS \leftarrow D$). O conhecimento tem a função de ligar e vincular, promovendo a criatividade e a abstrac-

ção. Mas, neste caso, o conhecimento parece cumprir fundamentalmente funções adaptativas, tomando a forma de uma crença omnisciente (K!!) que julga tudo saber acerca do objecto. A capacidade de simbolização apresenta-se, por isso, perturbada e, em vez de símbolos, são produzidos assímbolos. Como consequência o acesso à sexuação, às identificações secundárias, a uma relação adequada e modelada ao mundo revela-se perturbado devido a inquietações e preocupações pré-genitais. Desta forma, o sujeito revela dificuldade ao nível pulsional e relacional e hiper-investe a ligação ao real, preocupando-se com as fronteiras através de um uso massivo do determinante formal.

Como testemunho da acção do *negativismo destruturante*, o sujeito, não tendo fundado um continente contendor e metabolizador por não ter realizado uma separação figura/fundo, estabelece uma relação continente-conteúdo negativa. Esta caracteriza-se pelo uso massivo dos mecanismos dispersivos (PS), representantes da pulsão de morte, e, conseqüentemente, pela presença de uma identificação projectiva patológica (ip) que promove a acção de uma função beta (β) no lugar da função alfa (α), impossibilitando a metabolização da frustração, a produção de um pensamento, sendo desenvolvido um vínculo de ódio (+H) e impedido o conhecimento (-K). A inveja e a voracidade despojam, deste modo, o continente e o conteúdo dos seus significados e qualidades, dando-lhes qualidades negativistas e inquietantes. O sujeito revela, por isso, grande intolerância à frustração, à perda de objecto, vivendo-a como se de maus objectos se tratasse, como “coisas-em-si” que depois são evacuados como objectos bizarros, juntamente com partes clivadas de objectos internos ou partes do aparelho psíquico. O sujeito, então, em vez de um trabalho de relação, comunicação e ligação, desenvolve, através do ódio, ataques sádicos à realidade externa e interna, a

tudo o que tem a função de ligar e vincular e tende a organizar um Supereu poderoso e provocador de grandes sentimentos de culpa fortemente persecutória. Passa a negar a ausência/perda de objecto a fim de evitar o sofrimento da perda. Como consequência, podem ser observados dois modos de destrutividade, que constituem dois espaços mentais diferentes: um *modo evacuativo* que projecta no exterior os maus objectos dissociados, conduzindo aos “acting-out”, a fim de os poder controlar e destruir; e outro que, revelando *retraiamento narcísico*, dá conta de uma grande culpabilidade e de um ataque sistemático ao mundo interno.

Como testemunho do negativo destruturante, espera-se que, revelando uma relação continente-conteúdo negativa, as imagens Rorschach, suportadas por apreensões globais (G), simples ou organizadas, em detalhe Grande (D), pequeno detalhe (Dd) ou detalhe branco (Dbl), associadas ou não a outros determinantes, apresentem um enquadramento formal inadequado (F-), podendo este ter também natureza vaga (F_±). A qualidade formal inadequada ou vaga dá conta que a tentativa de ancoragem à realidade falhou ou de que se verifica uma inter-penetração entre interno e externo, sujeito e objecto, revelando um pensamento inadequado e uma relação inadaptada ao mundo.

Deve ressaltar-se o facto, no entanto, de que há F's- que se inscrevem num movimento progrediente que, revelando a presença de num trabalho de relação, comunicação e ligação que falhou, não chegou a bom termo. Com efeito os valores normativos admitem mais ou menos vinte por cento de F-. Neste sentido, os F- dão conta de um conhecimento que admite a possibilidade de errar e constituem brechas que permitem a passagem da realidade interna conflitual, do recalcado, devendo os conteúdos ser de natureza progrediente, nomeada-

mente inseridos numa simbólica de castração. Também deve ser analisado o determinante formal vago (F_{\pm}), pois pode estar ao serviço de um pensamento evoluído de natureza obsessiva, revelando dúvida invalidante, mas não põe em causa a ancoragem ao real; de outra forma, dá conta de uma incapacidade em delimitar figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto, revelando uma ausência de barreira de contacto, graves perturbações na relação com os objectos, com o mundo.

Os outros F-, directos ou indirectos, podem dar conta de um pensamento primitivo de natureza evacuativa, geralmente associados a conteúdos de natureza inquietante e persecutória (por vezes em apreensões em Dd arbitrários: rostos, olhos, objectos ameaçantes, etc.), ou revelar a presença de uma actividade mental deprimida, geralmente associada a conteúdos que manifestam insuficiência, incompletude, falta, carência narcísica, ou conteúdos anatómicos que revelam angústia de desintegração. Neste sentido, o F-, por exemplo no cartão VII, revelando uma incapacidade de elaborar a falta, pode surgir como uma necessidade obsessiva para preencher a qualquer preço o vazio deixado por um mau objecto, ficando mal definido e com natureza persecutória, ou abandonica, narcísica ou anaclítica. O mesmo pode acontecer nos cartões I, II e III. De um ou outro modo, apresentam-se como conteúdos que, devido a uma relação continente-conteúdo negativa não foram elaborados e, por isso, se apresentam na mente como “coisas-em-si”, como objectos bizarros para serem evacuados.

O pensamento primitivo de natureza evacuativa encontra nas cinestésias projectivas, geralmente com forma inadequada (KF-), uma oportunidade para evacuar os maus objectos, expressando os afectos de forma violenta e revelando uma ausência de distância entre sujeito/objecto. Também as pequenas cineste-

sias de objecto (kob), associadas ou não à cor (C) e/ou F-, permitem a expressão de afectos violentos e destrutivos, bem como cinestésias parciais (kp – por exemplo rostos) projectivas, geralmente inseridas em Dd. Devem os conteúdos ser sempre analisados, bem como os movimentos progredientes ou regredientes das respostas envolventes. Os afectos agressivos violentos encontram ainda na cor (C), nomeadamente nos cartões II e III, vias de passagem, através de conteúdo conformado à cor “sangue”.

A actividade mental deprimida e retraída, revelando um sofrimento incomensurável face à ausência de objecto, revela-se em imagens desvalorizadas, esmagadas, deterioradas, desvitalizadas, vistas em G ou D e associadas a F-; imagens corporais parciais e anatómicas, associadas a F- e apreensões parciais (D ou mais frequentemente Dd); e cinestésias animais (kan em F-) associadas a temas de abandono.

Os determinantes sensoriais parecem constituir a via de passagem por excelência aos afectos deprimidos. O aspecto disfórico e negativo do negro-cinzento provoca sentimentos ligados à perda de objecto (FC' e C'F com F-), aparecendo o C' puro com mais frequência dando conta de um sentimento negativo, de uma ansiedade difusa de perda de objecto. O C' dá conta também da sensibilidade ao branco, inserido em Dbl, expressando o vazio, o frio, a falta ligada às relações precoces, nomeadamente nos cartões II, VII e IX. A cor pastel (C, FC ou CF com F-) dá conta do confronto do sujeito com suas fases precoces, pondo a descoberto a perda. O esbatimento (E, FE, EF com F-) põe a nu carências narcísicas de apoio, envolvência e segurança. E o Clob (Fclob, ClobF ou Clob) põe a descoberto os temores.

Quadro resumo dos diversos elementos abordados nos procedimentos e a ter em conta na análise e discussão do protocolo apresentado mais à frente.

Categoria do Espaço	Negativo estruturante		Negativismo	
	A 1 criativo	A 2 conformista	B 1 activo/agressivo	B 2 retraído/deprimido
Qualidade do ♀	Separado G,D,Dd → F+	Separado G,D,Dd,Db1 → F+	Não separado G,D,Dd,Db1→F-,F± ou F ausente	Não separado G,D,Dd,Db1→F-,F± ou F ausente
Vínculo dominante	+K	K!!	+H	-L(+H)
Função metabolizado- ra/evacuativa	Função α	Função α (identif projectiva)	Função β (identifi- cação projectiva)	Função β (identifi- cação projectiva)
Mecanismos de nega- ção/negativismo	PS↔D	PS←D predomi- nância dos mec. dispersivos	PS – mecanismos dispersivos	PS – mecanismos dispersivos
Qualidade da relação ♀♂	+(♀↔♂)	(♀↔♂).	-(♀←↑♂)	-(♀←↓♂)
Qualidade do ♂	Símbolo	Assímbolo	Objecto bizarro	Objecto bizarro
Natureza do espaço	[+(♀↔♂)+K]	[(♀↔♂).K!!]	[-(♀←↑♂)+H]	[-(♀←↓♂)-L]

7 - O sujeito em estudo ⁽⁹⁾

⁹ - Ver protocolo – Anexo II

Pedro, com os seus 16 anos bem marcados no rosto, cabelo escuro, curto e penteado para trás, esguio, um metro e oitenta, de aparência calma, veio à consulta a pedido da mãe por desconfiança de suicídio devido a desadaptação escolar. Nos papéis pessoais que trás para a consulta Pedro refere: *“acho que a minha mãe ao falar comigo está a fazer que o tempo passe... está a atar-me as pernas. Qualquer dia cometo uma loucura e gostava de o fazer”*.

O Pedro está no oitavo ano e mudou de escola para fazer informática. Não gosta desta escola e sempre idealiza a anterior. Queixa-se dos colegas dizendo que várias vezes se juntam para lhe bater e o ameaçam de morte. Numa mistura entre o sonho e a realidade, refere sonhos recorrentes com esta temática que o deixam *“angustiado, cansado, deprimido, triste. Sinto-me mesmo negativo... Sinto que tudo à minha volta é como se fosse tudo virtual”*. Insiste com o pai para deixar a escola e ir trabalhar com ele, o que costuma fazer ao fim de semana. Diz que se o avó fosse vivo o compreenderia. Face à não aceitação dos pais, isola-se no quarto e por vezes chega a ser violento com o pai. Face ao impasse, refere: *“ou sou eu que estou a ficar maluco ou eles que não me percebem. Sinto que estou a chegar a um ponto que só me restam três saídas: ou os meus pais me entendem e me deixam sair da escola, ou eu fico maluco, ou cometo uma loucura, hipótese que não gostava de ver ninguém fazer, era desaparecer de uma vez por todas”*.

Por detrás da questão escolar, o Pedro apresenta um luto não concluído pela morte do avó materno há sete anos, a quem idealiza e de quem fala com

sofrimento porque o abandonou. Se ele fosse vivo compreendê-lo-ia e a questão da escola já estava resolvida. No entanto esta idealização contrasta com o comportamento de o agredir com pontapés nas canelas.

Refere que muitas vezes sonha com o avó. Por vezes tem a sensação de que este o acompanha e protege, como uma sombra, algo de quase perceptivo, chegando a transformar-se quase em alucinação, particularmente durante a noite quando fica sonâmbulo.

O Pedro tem um irmão com oito anos a quem idealiza porque «*é a cara do avó*». Nos sonhos este irmão desempenha a função de protector na luta contra os colegas inimigos. Não gosta de falar das perdas que sofreu com o seu nascimento. Manifesta algumas fantasias de que poderá ter sido adoptado pelos seus pais, não tem a certeza se realmente é filho deles. Mas em relação ao irmão não duvida, viu-o a barriga da mãe.

O Pedro sente-se perplexo frente à vida e anseia fazer o seu caminho: *“Tenho andado mal disposto e cansado, não no sentido de estar zangado, mas no sentido de não me sentir bem comigo mesmo”... “Não sei o que fazer... Sinto-me como se estivesse preso a uma corrente que vai para onde eu vou. Às vezes faço perguntas a mim mesmo às quais não tenho resposta... Às vezes tento analisar-me e chego à conclusão: «será que eu tenho problemas ou serei eu o problema?» Gostava de ser livre de opinião, poder decidir a minha vida... Gostava que os meus pais não fossem «pais galinhas» preocupados com tudo”.*

8 - Análise do protocolo ⁽¹⁰⁾

¹⁰ - Anexo II.

Um protocolo borderline

Representação de si

Numa leitura rápida do protocolo, realçando os aspectos mais borderline, verifica-se uma representação de si fragilizada e desvalorizada, revelando dificuldades ao nível da separação dentro/fora, consequência de uma pressão da ressonância íntima e também da sensibilidade ao material. Com efeito, a maior parte das imagens são de má qualidade formal, apenas quatro em dezassete apresentam boa qualidade formal. Mas mesmo essas quatro (cartão I primeira resposta, cartão IV, cartão VII primeira resposta e cartão IX) revelam que as identificações secundárias não foram conseguidas. O sujeito, revelando uma forte problemática identificatória –nomeadamente através de um grande número de cinestésias humanas projectivas aparecendo em algumas o masculino de forma marcada (sete K e duas kp humanas)-, dá conta de uma imagem de si deprimida, desvalorizada, insuficiente em cartões negro-cinzento, ou, pelo contrário, uma imagem narcisicamente valorizada nos cartões pastel, revelando sensibilidade ao material. Deixa, desta forma, passar uma angústia de perda de objecto na resposta 3 do cartão I (“pessoa triste, abatida”), no cartão II – inquérito (“é uma pessoa, está triste”) e no cartão VI (“parece uma pessoa...parece uma pessoa, mas está só. Parece ter uma alma gémea...”). Nos cartões VIII, IX e X, pelo contrário, parece surgir uma defesa maníaca anti depressiva, de natureza narcísica, possivelmente devido à cor (“... um sorriso”).

Alguns K parecem ser delirantes (a maior parte são projectivos K-), nomeadamente nos cartões I, III, VI e VIII, mas não se vê no protocolo conteú-

dos que expressem angústia de fragmentação, tipo anatomia e agressividade destruidora.

O cartão V revela uma imagem de si despulsionalizada e desvitalizada. E no cartão X, numa busca do masculino, dá uma imagem delirante de natureza narcísica que parece repetir a última resposta do cartão VIII. Não chega a ser uma cinestesia parcial humana, pois faz uma enumeração de elementos e quase parece uma imagem fotográfica. Ao tentar unificar os elementos dispersos da mancha, dá conta de uma luta contra a fragmentação. Esta sempre aflige o borderline. Aliás, verifica-se um choque neste cartão, que revela desorientação e incapacidade para reconhecer e nomear.

A representação de si é marcada pela preocupação com os limites. Esta aparece directamente no cartão VIII, segunda resposta: «armadura», e aparece indirectamente na procura do suporte formal, diga-se que mal conseguida devido à tensão interna. No psicograma as respostas formais estão abaixo da norma (isso deve-se ao grande número de K's) mas não podemos esquecer a quase ausência dos determinantes sensoriais e o único que aparece tem a presença do F (CF - «flor» cartão IX). Mas o F%A repõe a questão e revela a preocupação com os limites que, dada a predominância da má qualidade formal, dá conta da porosidade, precariedade e preocupação com as fronteiras, da necessidade do objecto anaclítico.

Ao nível das relações objectais

Nos cartões bilaterais, os K revelam uma negação do relacional e um controlo e negação do pulsional que o vermelho solicita, através de um recurso a

uma apreensão global, em primeiro lugar, e, depois pelo recurso ao especular no cartão II e da inversão do cartão III. A relação anaclítica começa por estar presente no cartão II («duas pessoas unidas»), mas depois é desfeita pelo recurso ao especular e reduzida à unidade solitária. É sugerida no cartão VI, pela verbalização da alma gémea, e aparece directamente nas duas respostas do cartão VII. Aqui, na segunda resposta, a separação causa contrariedade. Ou será que a contrariedade da separação traduz a presença do ódio com função separadora para lutar contra o fusional?

Organização defensiva

A clivagem aparece no especular verbalizado nos II, VI. Aparece também nas cinestésias do cartão VII. A primeira representa uma postura especular e a segundo é uma inversão clivada da primeira (unido/separado). Aparece ainda no cartão IV: é suposto um dragão ser poderoso, mas aqui é desvalorizado, não se lhe vê a cara.

A idealização aparece directamente expressa nos cartões III -pessoa vitoriosa, orgulho, cartão V – símbolo-, cartão VIII – homem forte, guerreiro- e cartão VIII e X -sorriso, dando conta do afectivo bondoso. A idealização negativa verifica-se nos cartões I, II, VI -pessoa triste, só.

A angústia de castração e o recalçamento parecem aflorar no cartão IV. Não é, no entanto, a sexualidade genital que está presente. (Esta não parece revelar-se em todo o protocolo). O que se verifica é um movimento de submissão anal, desvalorizando, deste modo, uma imagem poderosa e ameaçadora: o

dragão está de costas e não se lhe vê a cara, o lugar de identificação e onde é expresso o poder, sendo colocado em posição passiva.

Verifica-se uma sensibilidade ao vazio pela focalização no Dbl em alguns cartões. Neste sentido o cartão I deixa expressar o persecutório característico do objecto primário, proporcionando a projecção do mau objecto. O recurso ao modo global de apreensão, apenas surgem duas apreensões parciais, dá conta de um pensamento e de uma adaptabilidade rígida e, ao mesmo tempo, de uma procura de ancoragem à realidade.

Sem mais delongas, pode-se concluir que se está frente a um protocolo borderline inibido. (Existem duas modalidades: inibido tipo rígido e lábil.) Com efeito, a sensorialidade solicitada pela cor e pastel não tem expressão ao nível dos determinantes. O protocolo revela, ainda, luta contra a depressividade existente.

Análise cartão a cartão

Cartão I

[2". R1-Parece um morcego (GF+A/Ban; ($\varphi \leftrightarrow \sigma$).K!!). R2-Cara um pouco esquisita, cara má (G-bl kp Hd; $-(\varphi \leftarrow \uparrow \sigma)+H$). R3-↓Pessoa triste, abatida (G bl K H; $-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma)-L$. 50"].

O sujeito faz uma entrada imediata no Rorschach(2"), revelando forte ansiedade e ausência de distanciamento. Cartão de entrada na situação Rorschach, põe o sujeito frente a uma situação disruptiva, situação nova e sem uma significação expressa que o confronta com a perda/ausência do objecto. O sujeito vê-se obrigado a organizá-la e a dar-lhe um sentido, revelando, deste modo,

se reconheceu e elaborou a perda de objecto. O trabalho do negativo, pondo em acção os mecanismos de dispersão e integração, mobilizou de emergência a função continente e a função alfa e, realizando um trabalho de diferenciação e separação figura/fundo, função da separação Eu/não-Eu, dentro/fora, sujeito/objecto, construiu um continente com fronteiras seguras e estáveis, como revela através de uma apreensão global bem vista (GF+) e banal. Dá conta, deste modo, que procurou uma inserção na realidade e num grupo social. Estabeleceu, por isso, uma relação continente-conteúdo positiva na qual, através de um trabalho de ligação, transformação e criação, transmutou a emoção disruptiva, a perda de objecto, num símbolo: «*parece um morcego*», imagem inteira, íntegra e separada. Revela o reconhecimento da imagem corporal inscrita simbolicamente no cartão. Parece dar conta ainda que o sujeito acedeu à separação-indivuação e às identificações secundárias, condição para “ser” e “ser com”, para uma relação ao mundo.

O conteúdo “morcego”, porém, é sexualmente ambíguo e é um animal nocturno e inquietante. Veicula uma simbólica agressivo-destrutiva e persecutória de natureza oral (Vampiro), ligada ao objecto primário. A natureza disfórica do cartão deve ter influenciado a resposta, dando conta de um conformismo ao material. Parece, por isso, sugerir que a separação-indivuação não foi plenamente conseguida, que as identificações secundárias não foram plenamente realizadas e, por isso, também a capacidade de simbolização se revela fragilizada, sendo produzido um objecto assimbólico em vez de um símbolo. O trabalho do negativo não foi, portanto, plenamente conseguido devido à predominância dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D), como dão conta os

temores e inquietações veiculados pela imagem morcego e que acabara por ser verbalizados na segunda resposta.

A adaptação esforçada e conformista ao real, como dão conta as três apreensões globais, parece ter tido como objectivo conter e controlar essa realidade interna inquietante e perigosa, expressão da pulsão de morte, para conseguir sub-(ex)sistir. Conseguiu-o com algumas fragilidades na primeira resposta, mas falhou e ficou em perigo nas duas seguintes.

A forte emoção de abandono ou desamparo, despertada pelo impacto interno do disfórico e do vazio, levou a um funcionamento mental regrediente, destruturante e destrutivo, função do negativismo e expressão do pensamento primário. Surgiram assim uma segunda e uma terceira apreensões globais mal vistas (GF-) e enroladas no vazio, focadas no branco intermacular (Dbl). Como consequência a diferenciação-separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto não foi conseguida e a relação continente-conteúdo foi negativada, ficando o sujeito impossibilitado de elaborar a perda/ausência e de construir uma barreira de contacto. Assim, a segunda resposta: «*cara um pouco esquisita, cara má*», uma cinestesia parcial projectiva (kp) que integra o vazio intermacular, dá conta da evacuação de um “objecto bizarro”, portador de ódio e inveja, incomportável e insuportável para a mente, consequência dos mecanismos de desligação e destruturação psíquica (PS) próprio do funcionamento mental primário. Revela, através de uma procura esforçada e sofrida do humano, uma imagem de si desligada da realidade, um objecto produzido pela realidade interna associado a temores inquietantes (mau objecto) que põem em perigo o sujeito.

Da segunda para a terceira resposta o sujeito inverteu o cartão, verificando-se também a passagem de um humor inquietante para um humor deprimido: «*pessoa triste, abatida*». Parece estar presente o mecanismo de clivagem. A cinestesia projectiva (K-) mal vista veicula um retraimento narcísico, face ao mau, um “objecto bizarro” evacuado na realidade interna, um enrolamento no sofrimento do abandono, último recanto de refúgio e de sub-(ex)istência. (Consequência da não resolução da posição depressiva de Klein?) Revela uma imagem de si incapaz, insuficiente, abandonada, que parece gritar por suporte, por anaclase para poder “ser”, resultante da acção desligante e desobjectivante da pulsão de morte, nomeadamente pela clivagem e pela identificação projectiva patológica.

Em conclusão, o sujeito começou por dar conta de um espaço mental conformista, função de um negativo estruturante, que lhe permitiu quase pensar uma significação para a perda/ausência, fortemente solicitada pelo cartão de início da prova, surgindo um objecto assimbólico. Deve ser enfatizada esta ancoragem inicial à realidade, ligada a seu funcionamento mental mais progrediente e adaptativo. Mas a forte tensão criada, pela acção de mecanismos de desligação e destruturação, levou à regressão a um funcionamento psíquico arcaico que lhe permitiu negar a perda e paliar a dor. E fê-lo projectando a dor no exterior, sob a forma de mau objecto, primeiro, e, depois, enrolando-se dentro de si mesmo, na dor, no abandono, quase sem vitalidade. O negativo e o negativismo parecem ter aqui uma boa visibilidade. Se no primeiro momento o trabalho do negativo empurrou o sujeito para uma existência separada e inserida num grupo humano, no segundo momento a negatificação do negativo desamarra-o da realidade e, destruindo os limites do continente, quase o torna incapaz de “ser” e “existir”.

Verifica-se, por isso, um movimento que vai de uma existência voltada para fora de forma esforçada e capaz de alguma relação com o mundo, para um retraimento e contração encapsulada em si como último recurso para tentar preservar um mínimo de “ser”. Por último, o sujeito buscou quase obsessivamente a figura humana sugerindo as suas dificuldades identificatórias? O sujeito revela, desta forma, um deslizamento do progrediente para o regrediente, função do negativismo. A pressão dos mecanismos dispersivos e destruturantes, rosto da pulsão de morte, determinou a qualidade das respostas e do processo associativo.

Cartão II

[15^o. R4 – Parecem duas pessoas unidas –o D vermelho sup. é a cabeça e pescoço- (G K H; - (♀←↓♂)-L); Com. de simetria: é um espelho... do outro lado é igual... é uma imitação... é uma pessoa, está triste; R5 - ↓Assim parece uma águia (G bl F- A; -(♀←↓♂)-L. 65^o].

O sujeito revela-se tocado pelo cartão: o tempo de latência aumentou significativamente e não deu a banalidade. Na primeira resposta: «*parecem duas pessoas unidas*», o sujeito ensaiou uma significação para a perda/ausência, que tem como curiosidade o facto de a cabeça e o pescoço serem o vermelho superior, “lugar da pulsão”, sendo, desta forma, a pulsão controlada pela forma.

A resposta dá conta da problemática relacional e parece deixar um mínimo de espaço ao pulsional, dando abertura à possibilidade de “ser” e de “ser com”. O sujeito, na verdade, parece ter mobilizado a função continente e a função alfa e tentado criar um continente com fronteiras seguras a fim de estabelecer uma relação continente-conteúdo positiva e transmutar a forte emoção da perda/ausência num símbolo, sugerindo que possui um aparelho de pensar. O mergulho nas “rêveries” internas parece ter possibilitado uma expressão da res-

sonância íntima pela criação de um engrama humano (K). Este, porém, é postural-estático («*duas pessoas unidas*» pelas mãos e pelos pés), a pulsionalidade é neutralizada e a identificação sexual não é dada.

A encenação postural, na verdade, não foi suficiente para impedir a manifestação do sofrimento e dos temores internos face ao confronto com o agressivo-destrutivo e/ou o libidinal intenso que o vermelho e a bilateralidade solicitam. Com efeito, a integração do pulsional e o acesso ao relacional implicam a elaboração da perda/ausência. O sujeito diz que as pessoas estão unidas. Unidas ou fusionadas? O que parece estar presente, efectivamente, é o suporte anaclítico. A cena é, contudo, dolorosa e o sujeito resolve o problema pelo recurso ao especular, deixando aparecer a clivagem, e com uma “cajadada só” anula o perigo do pulsional e a sedução do fusional. Desta forma, as «*duas pessoas unidas*» foram condensadas numa só por obra e graça dos mecanismos de desligação e destruturação psíquica. O que era “dois” foi reduzido a “um”, um objecto bizarro. Mas não ficou um “um” qualquer: «*é uma pessoa, está triste*». É, então, um “um” que representa o desamparo, tornando-se personalização da dor, do abandono: um “quase-nada”. O continente formado revela-se, por isso, inestancável e sem “rêverie”, como dá conta a cinestesia mal vista (K-). A relação continente-conteúdo estabelecida ficou negativada, dando origem a um espaço mental retraído e submetido à clivagem, à negação e à identificação projectiva massiva, agentes da pulsão de morte⁽¹¹⁾, que impedem o estabelecimento de ligações e vínculos e, por isso, a elaboração de qualquer significado pensável para a perda/ausência.

¹¹ - Na opinião de Green(1993), os mecanismos de defesa primários, que têm como finalidade defender o Eu da pulsão de morte no período mais precoce, devendo depois evoluir para mecanismos secundários, são, por razões endógenas ou ambientais, possuídos e negativados pela pulsão de morte e colocados ao seu serviço, ficando impedidos de evoluir.

Mas o cartão não terminou. O processo draconiano encetado para negar a perda/ausência, através da anulação do pulsional e do relacional, termina, tal como no cartão anterior, na posição inversa do cartão com uma saída delirante e narcísica própria de um funcionamento primário em exercício de funções (G bl F-): «*uma águia*». O continente formado é incontentor, como consequência de diferenciação-separação figura/fundo falhada, e a relação continente-conteúdo estabelecida é negativa, pois as funções continente e alfa foram anuladas pelos mecanismos de desligação e destruturação. O sujeito conseguiu por esta via preencher de relevo o grande vazio central, a falha, a qualquer preço, resultando numa imagem narcísica, onnipotente, vigilante e inquietante de natureza oral. De facto, no lugar desta imagem da rainha dos céus, que revela um materno onnipotente e controlador, era esperada uma imagem portadora de uma relação objectal com dimensão pulsional. É expressão de uma onnipotência e de uma omnisciência estúpida que abdica da experiência do real e leva a uma quase extinção de si mesmo por obra do negativismo.

Pode-se concluir que o sujeito procura uma ancoragem na realidade (apreensões em G associadas a F), mas esta não resultou. A acção implacável do negativismo num funcionamento mental retraído e deprimido, através de mecanismos dispersivos destruturante e desligante, não permitiu a integração das pulsões. Mais, parece anular as próprias pulsões (estas provocam sofrimento e são perigosas), pois estas, com maior ou menor intensidade, exigem o relacional. Com efeito, as pulsões e o relacional tornam a constatação da separação dolorosamente insuportável, pois avivam a ferida incurável da perda/ausência. O negativismo revela-se implacável ao exigir do sujeito a transformação do “dois” em “um”, e ao transformar este “um” em algo de insignificante, sem vita-

lidade e insuficiente, enrolado na tristeza do abandono, para depois o transformar numa manifestação narcísica delirante e portadora de traços do inquietante objecto primário. Num cartão bilateral, mais do que expressar o relacional, parece expressar as suas preocupações identificatórias, tal como no primeiro cartão, à volta do humano. O vazio voltou a ser atração. E onde era esperado apreensões parciais, revelando interesse pela realidade, apenas surgem apreensões globais, dando conta de um funcionamento rígido e conformista.

Cartão III

[12". ↓ Parece uma pessoa vitoriosa. Orgulho (G bl K H; -(♀←↓♂)-L. 40"]

A abordagem ao cartão teve uma ligeira quebra no tempo de latência e não aparece a banalidade. Face ao bilateral e à cor que solicitam o relacional e o pulsional inscritos em silhuetas que podem sugerir o humano, associados a amplos espaços vazios que põe a descoberto a perda/ausência, o sujeito fez uma pirueta e inverteu o cartão. Anulou, deste modo, a solicitação do relacional, excessivamente incómodo. Ignorou o pulsional, demasiado doloroso. E deixou-se atrair pelo vazio (Dbl) a fim de negar a perda/ausência. O trabalho do negativismo não podia ser mais expressivo, levando a uma resposta que dá conta de uma fusão figura/fundo, resultando a construção de um continente incapaz de conter e de “rêverie”, bem como uma relação continente-conteúdo negativa.

O sujeito, invertendo o cartão, mobilizou a identificação projectiva massiva e evacuou um objecto desligado da realidade, um “objecto bizarro” onnipotente e grandioso: «*uma pessoa vitoriosa, orgulho*», que dá conta da problemática interna (inversa da problemática do cartão bilateral e relacional pelo uso da

clivagem), através de uma cinestesia(K-) projectiva e delirante. Novamente a procura do humano na teimosia do “um” onde deveria ser “dois”, anulando a pulsão e o relacional pois exigem a internalização de um objecto inteiro e ambivalente. Essa imagem de si poderosa, delirante e narcísica, sem identidade sexual, parece dar conta de uma necessidade explícita de um continente humano para suportar uma identidade e uma pertença. E esse continente parece ter de ser reforçado com uma vitalidade suplementar, parece ser preciso torná-lo poderoso, pois, de outro modo, o sujeito pode precipitar-se na insuficiência, na impotência, pode transformar-se num “quase nada”, num “quase deixar de ser” enrolado na dor do abandono. É curioso que a cor foi evitada para anular o pulsional, mas não terá sido o efeito da cor que proporcionou esta figura grandiosa?

A inclusão do branco intermacular e o modo como é integrado na resposta dá a ideia de que o sujeito necessitou de preencher o vazio, a falha ou a falta a qualquer preço, tal é o efeito do impacto dolorosa provocado pela “visão directa” da perda/ausência de objecto, eco da mãe morta de Green (1988). Com efeito, a solicitação do relacional e do pulsional potencializa o sofrimento implacável do vazio e o preenchimento do vazio resolveu a questão da falta e anulou o relacional e o pulsional. O sujeito dá assim conta das suas dificuldades identificatórias e da força dos mecanismos dispersivos e destrutivos, agentes da pulsão de morte, no contexto de um funcionamento mental regrediente, próprio do pensamento primário.

Pode-se concluir que, neste cartão, se constituiu um espaço mental retraído e deprimido, função da acção de um negativismo destruturante. O funcionamento mental revela-se regrediente e primário e dá conta de uma relação

continente-conteúdo negativa. Impossibilitou a integração das pulsões e o acesso ao relacional, e, deste modo, a elaboração da perda/ausência pela via do pensamento, tornando o sujeito incapaz de viver na ausência, na falta (A. Dias, 2004). Mais, o sujeito, na tentativa de evitar o relacional, inverte o cartão e sente-se atraído pelo vazio interno inter-macular. Confrontado com a dor inquietante e indomável da falha primária, vê-se obrigado a negá-la, preenchendo-a com a construção de uma realidade narcísica e delirante, que dá conta da sua dificuldade em “ser separado” e põe em causa a possibilidade de “ser com”. A acção do negativismo revela-se, desta forma, implacável.

Cartão IV

[20”. R7 – ↓Parece um dragão. Não se vê a cara –está de costas- (G Fclob (A); ($\varphi \leftrightarrow \sigma$).K!! 45”]

A passagem aos cartões unitários e maciços, onde predomina o cinzento-negro, levou ao aumento significativo do tempo latência, dando conta do impacto da realidade. Não dá a banalidade, nem os elementos fálicos do cartão são reconhecidos, revelando que as identificações secundárias não foram plenamente alcançadas.

Numa análise da resposta, que é dada com o cartão invertido, verifica-se que o sujeito mobilizou a função continente e a função alfa e, realizando uma diferenciação-separação figura/fundo, constituiu um continente separado, como dá conta a apreensão global bem vista (GF+). A função alfa, porém, não deixa de revelar perturbações na capacidade de metabolização provocadas pela predominância dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D), como sugere a presença da clivagem e a inquietação expressa no Clob sugerindo a pressão da identificação projectiva. Apesar disso, o sujeito conseguiu estabelecer uma rela-

ção continente-conteúdo positiva e tentou uma significação para a perda/ausência: «*parece um dragão*».

A imagem dada é inteira e separada, mas o prejuízo provocado pelos mecanismos dispersivos no trabalho de ligação, transformação e criação não lhe permitiu tolerar a dúvida. Com efeito, revela uma natureza anal, pré-edipiana, indicando a ausência de um objecto total e ambivalente interno. As pulsões não se encontram ligadas e integradas e, por isso, o processo de separação e individuação não foi terminado, permanecendo o sujeito, como defende Chabert (1998/2000), no para-aquém da transitividade. Estamos frente, então, a um objecto assimbólico.

A dimensão de “poder”, numa imagem bem vista e dentro da problemática do cartão, sugere uma associação ao paterno, onde parece residir uma fonte de esperança face ao materno arcaico e inquietante, faltante e persecutório do primeiro cartão, e ao vazio do segundo e terceiro. Mas o “poder” apresenta-se beliscado ou neutralizado, como já foi referido: ao dragão não se vê a cara, está de costas. A cara é lugar de identidade, de uma identidade pulsionalmente poderosa. Mais do que a evocação da castração e de identificação edipiana, em termos clássicos, parece que o escondimento da cara e a posição “de costas” serve para anular o pulsional e, ao mesmo tempo, dá conta de uma natureza pré-edipiana: o dragão é colocado numa posição passiva e de submissão anal, revelando que as identificações secundárias não foram conseguidas. Deve dizer-se ainda que esta imagem poderosa, mas submissa, parece contrastar com a imagem de vitória e orgulho do cartão anterior, sugerindo a presença do mecanismo da clivagem na transição entre os dois cartões.

Em conclusão, o sujeito revela neste cartão o pólo mais progrediente do seu funcionamento mental. Dá conta, por isso, de um esforço para atingir um pequeno nível de ligações e, assim, alcançar a significação possível para a perda/ausência quando a pressão dos mecanismos dispersivos se revela menos intensa sobre os mecanismos integrativos (PS←D) e, por isso, a ansiedade de perda de objecto torna-se mais silenciosa. O trabalho do negativo, embora revelando fragilidades, tornou-se possível e foi produzido um objecto assimbólico, testemunho de um funcionamento psíquico conformista.

Cartão V

[10^o. R8 – Parece um símbolo ...↓... A liberdade. -Inq... Só me parece um símbolo. Tem asas e garas-. [G F- Simb.; -(♀←↓♂)-L. 51^o].

O tempo de latência diminuiu para metade, em relação ao cartão anterior. Será alívio? O cartão pertence às escolhas positivas. Não deu a banalidade, melhor, recusa-a no inquérito, desvinculando-se da realidade.

Face à ausência de significação e ao reconhecimento da perda/ausência de objecto, a apreensão global de má qualidade formal (GF-), revela que o sujeito mobilizou a função continente e a função alfa, mas trabalho de transformação, ligação e comunicação falhou. O continente formado é inadequado e rígido. Ou tem apenas duas dimensões, a face visível do envelope e, por isso, nada pode conter, ou é uma “carcaça” oca, rígida e sem vida que nada transforma, como sugere a resposta dada: «*parece um símbolo*». Só resta o desejo que, algum dia, esta imagem de si sem vida possa vir a ser vitalizada e pulsionalizada. Desta forma, a relação continente-conteúdo negativa estabelecida dá conta de que os mecanismos dispersivos e destrutivos (PS) impediram o trabalho de ligação e

transformação, resultando a projecção de um deserto existencial do qual só pode sair uma miragem, um nada, um objecto bizarro. Parece existir a esperança, como em todas as miragens, de que, um dia, uma fada madrinha o possa revitalizar. Mas parece haver um “rabo de fora”, o objecto inanimado, a “miragem” «*tem asas e garras*», diz no inquérito. Parece que o “inquietante” ligado ao objecto primário é uma sombra negra que persegue permanentemente o sujeito.

A imagem dada, pelo conteúdo («*um símbolo*»), é de natureza narcísica, vaga, de má qualidade, desvitalizada, expressão de um funcionamento defensivo e regrediente. Como curiosidade, pode-se apontar a seguinte sucessão desvitalizante e despulsionalizante: cartão III –objecto poderoso, cartão IV –objecto poderoso mas passivo e cartão V – objecto desvitalizado. Deve dizer-se ainda que na passagem do cartão anterior para o actual parece verifica estar uma clivagem: a uma imagem poderosa e inquietante, embora dominada, segue-se uma imagem despulsionalizada e desvitalizada.

A problemática do cartão - identidade e representação de si- não foi. Ou será que o conteúdo desvitalizado e despulsionalizado é devido ao impacto íntimo da solicitação de uma identidade? Representar-se como um símbolo desvitalizado e vago dá conta de um negativismo implacável, cuja acção incide em desligar todas funções vinculadoras para anular o grande sofrimento psíquico. Neste sentido, Green (1993) defende que o trabalho negativante da pulsão de morte consiste na desvinculação e desobjectivação.

Pode-se dizer, para concluir, que, ao recusar uma imagem de si minimamente vitalizada, pulsionalizada, valorizada, socializada e com intencionalidade,

o sujeito revela o impacto demolidor das ondas da emoção da perda de objecto num espaço psíquico retraído e deprimido, espaço “carcaça”, estático e rígido. Não parece haver lugar para a existência, para o “ser” e muito menos para o “ser com”. A acção do negativismo, com efeito, desligou todas as funções vinculares, despulsionalizando e desvitalizando completamente o espaço interno, e transformando-o num deserto. Fez desaparecer a dor insuportável da separação, da perda/ausência, mas por um preço demasiado elevado. A procura permanente do humano, nomeadamente do humano masculino, terá a ver com encontrar um envelope capaz de conter e dar vida a este deserto, fornecendo-lhe, ao mesmo tempo, uma identidade/identificação e uma pertença?

Cartão VI

[5”. R9 - Parece uma pessoa. ↓ Parece uma pessoa, mas está só. Parece ter uma alma gémea. (Põe a mão ao meio) Parece haver um espelho (GKH; -(♀←↓♂)-L. 51”].

Verifica-se que a abordagem ao cartão é imediata e não é dada a banalidade. A problemática sexual presente no cartão não teve eco na resposta, mas parece que a tonalidade negativa provocada pelo cinzento influenciou o tom emocional do conteúdo, como dá conta o tema de abandono. Aqui completa a resposta com o cartão invertido.

O sujeito mobilizou o mundo interno para formar um continente pela diferenciação-separação figura/fundo, como dá conta a apreensão global. Mas, apesar de ter tentado uma ancoragem ao real, os mecanismos dispersivos e destrutivos não lhe permitiram realizar uma ligação adequada à realidade, resultando um continente incapaz de conter e metabolizar o conteúdo emocional aí a depositar e conseqüentemente uma relação continente-conteúdo negativa. Com

efeito, a identificação projectiva massiva não permitiu que a função alfa transmutasse os elementos beta derivados da forte emoção da perda/ausência de objecto em elementos alfa e, por isso, o sujeito não encontrou uma saída pelo via do pensamento criando um símbolo. Restou-lhe apenas a fuga pela evacuação no Self, na realidade interna, das emoções dolorosas e insuportáveis do desamparo, vividas como elementos beta, como coisas-em-si e transformados em objectos bizarros. A resposta dada, através de uma cinestesia projectiva (K-), é acção da identificação projectiva massiva que apenas personifica e verbaliza de forma bruta e directa o incapacitante e implacável sofrimento interno provocado pelo desamparo, a ansiedade de perda de objecto: «*Parece uma pessoa. Parece uma pessoa, mas está só...*».

Esta personagem “solidão” parece dar conta de uma imagem que reflecte uma radical insuficiência e incapacidade, revelando a necessidade do outro para “ser”. Mas, ao mesmo tempo, dá a ideia de uma incapacidade quase de natureza física e motora para activamente partir ao encontro do outro e poder “ser com”; de uma incapacidade e insuficiência para criar vínculos com o outro e confiar (fantasmaticamente) que ele não o abandona e assim poder perpetuar o “ser com”. Isto é, este “ser solidão” dá conta da ausência de um objecto primário empático, ou, nas palavras de Green (1988), de uma presença tumular interna da “mãe morta”. Tal é o trabalho de desobjectivação e de desligação da pulsão de morte que torna o sujeito refém da perda de objecto. Desta forma, o sujeito, ao não dar um significado à perda de objecto, revela-se incapaz de viver na ausência e procura amparo anaclítico, como sugere a ideia da alma gémea através de uma manobra especular. Como observação pode apontar-se a curiosidade de, num cartão unitário, o sujeito ter tido a necessidade do duplo anaclítico e de,

nos cartões bilaterais II e III que solicitam o relacional, ter transformado o “dois” em “um”.

Para concluir, parece que a acção do negativismo, promotor de um espaço mental retraído e deprimido, se revela de uma forma desnudada neste cartão aos comandos da actividade psíquica. Com efeito, o funcionamento regrediente arcaico, dominado pela pulsão de morte, é visivelmente expresso através do K-projectivo e abandonónico, da clivagem pelo especular, do anaclitismo na alma gémea e da indiferença anulante das problemáticas sexuais, resultando tudo isso no estabelecimento de uma relação continente-conteúdo negativa incapaz de significar a perda. No que se refere à problemática sexual presente no cartão, o reconhecimento e integração desta implicaria reconhecer e aceitar a separação e a diferença, reconhecer e aceitar os interditos, integrar as pulsões e internalizar um objecto total, função das pulsões de vida. Compreende-se, por isso, que o sujeito se recuse à elaboração da perda e se refugie no delírio representacional do abandono, mergulhando no vazio insaciável da dor. Será este o último reduto onde o “ser”, pela acção implacável do negativismo, se encapsula para não desaparecer definitivamente, para não se tornar um “nada”?

Cartão VII

[5”. R10 – Duas raparigas. (Inq. estão de costas e as cabeças voltadas). (GKH; $(\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}) \cdot \text{K}!!$). R11 -
↓Pessoas que se separam contrariadas. (Inq. é a inversão do anterior, estão unidas e estas separadas). (GKH; $-(\text{♀} \leftarrow \downarrow \text{♂}) \cdot \text{L} \cdot 55$ ”].

A entrada na situação é quase imediata para fazer duas abordagens ao cartão, mantendo a rigidez conformista da apreensão global. A ausência da banalidade e de outros modos de apreensão, que este cartão favorece, põe a des-

coberto a falta de curiosidade em conhecer o objecto e dá conta de uma mentalização pobre, situação que se verifica ao longo de todo o protocolo.

O sujeito, na abordagem que faz, procura a ancoragem à realidade, conseguindo-a na primeira resposta através de um funcionamento mental adaptativo e conformista. Mas, sendo “sol de pouca dura”, segue-se um funcionamento regrediente e destruturante, consequência da pressão massiva dos mecanismos dispersivos, nomeadamente da clivagem, resultando uma segunda resposta formalmente inadequada e com um conteúdo semelhante à primeira, mas com uma postura oposta.

Depois do tema de abandono no cartão anterior, o sujeito demonstra capacidade de recuperação ao produzir uma primeira resposta de boa qualidade. No entanto o fundamento da solidão está presente neste cartão pelo binómio unir/separar que caracteriza as duas respostas dadas pelo recurso ao mecanismo especular: posição direita e posição invertida do cartão. E se o “unir”, primeira resposta, é de boa qualidade formal, o “separar”, segunda resposta, só pode ser de má qualidade formal e projectiva, pois provoca dor interna. O facto do sujeito não ter adquirido as identificações secundárias, que lhe daria a oportunidade de integrar as pulsões, a possibilidade de ambivalência e a noção de complementaridade, parece obrigá-lo a este esforço psíquico hercúleo de ter de regular a autonomia e a dependência, a perpetuação de si e as relações pelo uso da clivagem. As encenações propostas assentam, portanto, num especular múltiplo: a postura das figuras de cada uma das cenas, a acção de cada uma das cenas aparece invertida, e a relação de uma cena com a outra em referência ao cartão direito ou invertido.

«*Duas raparigas*», é o conteúdo das duas respostas, se atendermos ao inquérito. Surge pela primeira vez uma referência sexuada. Mas será genuína essa referência? É bem possível que, na primeira resposta, seja um conformismo à sugestão do cartão: o terceiro terço superior pode sugerir rostos femininos com o cabelo apanhado em “rabo de cavalo” e levantado. Com efeito, na segunda resposta são “duas pessoas”, pois não existe a sugestão na mancha, mas depois, no inquérito, o sujeito parece sugerir que são duas raparigas. É curioso que, desta vez, o sujeito não tenha sido atraído pelo oco interior, pelo vazio, como aconteceu no cartão II e III e que, exactamente neste cartão feminino/materno, não tenha evocado o abandonico de forma massiva, mas verbalizado a contrariedade da separação necessária.

Na primeira resposta, onde se verifica uma apreensão global com cinestesia humana inteira, o sujeito dá conta de que mobilizou a função continente e a função alfa e, separando figura/fundo, construiu um continente separado. Pode, por isso, estabelecer uma relação continente-conteúdo positiva e, através de um trabalho de ligação, transformação e criação, tentou transmutar a emoção de abandono, num significado pela via do pensamento: «*duas raparigas*». Este trabalho, porém, foi prejudicado pela pressão dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D) e resultou um objecto assimbólico. Com efeito, “as duas raparigas” estão costas com costas e as cabeças voltadas. Através desta cinestesia postural o sujeito responde a várias necessidades e evita vários problemas: cria um ambiente emocional neutro, reduz a relação ao mínimo, expressando o anaclitismo, anula a pulsão e evita as inquietações ligadas ao objecto primário, e tudo isto através do recurso ao especular.

A inversão do cartão proporcionou um novo ponto de vista e uma nova abordagem da mancha, mas com um tema semelhante ao da primeira cena: «*duas pessoas que se separam contrariadas*». Inverteu-lhe, contudo, os comportamentos e as localizações na mancha, através de uma pura magia especular, resultando, como seria de esperar, uma resposta com qualidade negativa. Com efeito, aquilo que numa resposta é a parte inferior das criaturas passa na seguinte a ser a parte superior. O continente, naturalmente, tornou-se inadequado e mal separado, levando a uma relação continente-conteúdo negativa. O objecto bizarro produzido é, afinal, o resultado da pressão dos mecanismos dispersivos e destruturantes, promotores de um funcionamento mental onnipotente e onnisciente que não necessita da realidade externa, nem experiência para aprender.

O que provoca o mal-estar, a contrariedade? A perda do suporte anaclítico, ou a dor da necessidade de separação para impedir a aproximação demasiada e a tentação do fusional? O ódio, na perspectiva de Chabert (1998/2000), parece ter essa função. O termo “contrariedade” parece ser mais adequado à perda de suporte anaclítico, revelando que a perda não foi elaborada pelo sujeito, segundo a linguagem kleiniana, por não ter sido instalada a posição depressiva.

Em conclusão, o espaço mental conformista, fundado na acção de um negativo estruturante, levou o sujeito a uma procura de ancoragem à realidade que lhe permitiu, pois encontrou um ambiente emocional propício, uma reorganização e recuperação razoável depois da desorganização nos cartões imediatamente antes, embora esse esforço mental se revele rígido e conformista. Este facto permitiu-lhe elaborar o significado possível para a frustração da per-

da/ausência, embora este não tenha tido o efeito esperado pois não apresenta uma natureza simbólica franca e, por isso, pode significar plena e estavelmente o desamparo. Com efeito a predominância dos mecanismos dispersivos bloqueou (PS←D) o processo de simbolização e levou à produção de um objecto assimbólico. O sujeito, desta forma, não tendo criado uma significação suficiente, cedeu às fortes emoções provocadas pelo abandono e foi dominado pelo negativismo, deixando actuar o seu funcionamento mental regrediente e primário, promotor de um espaço psíquico retraído e deprimido.

Cartão VIII

12". R12 - Parece um homem de cabelos cumpridos, forte. É um guerreiro (GKH; $-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma) - L$). R13 - Sei lá, uma armadura (G F- Obj; $-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma) - L$). R14 - \downarrow Isto é uma cara com bigode e pêra. Parece um sorriso (G bl kp Hd; $-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma) - L$. 75"]].

O tempo de latência aumentou ligeiramente na abordagem ao cartão, o primeiro da série pastel. A cor pastel provocou uma mudança do ambiente emocional: o depressivo e abandonico desapareceu para dar lugar ao idealizado e à valorização narcísica, mas não melhorou a qualidade do processo associativo. Compreende-se, desta forma, que o presente cartão tenha sido uma das escolhas positivas. Está ausente a banalidade e não aparecem apreensões parciais, como seria de esperar neste cartão. Verifica-se a incidência de movimentos regredientes intensos ligados ao pensamento primário.

O sujeito, face à necessidade de elaborar uma significação para a emoção causada pela perda/ausência, num contexto emocional caloroso e terno solicitada pelas cores pastel, mobilizou a função continente e a função alfa a fim de construir um continente capaz de "rêverie" e uma relação continente-conteúdo

positiva. Mas, como os mecanismos dispersivos e destruturantes se revelaram intensos e dominantes, o sujeito não conseguiu realizar uma diferenciação-separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto, falhando a construção de um continente separado. Foi estabelecida, por isso, uma relação continente-conteúdo negativa. Desta forma, a identificação projectiva massiva levou à evacuação, no interior, das fortes emoções da perda/ausência, produzindo um objecto bizarro, como dá conta a cinestesia projectiva de má qualidade formal e em apreensão global (GK-). A figura humana formada é delirante e idealizada e tem funções narcísicas: «*Parece um homem de cabelos compridos, forte. Um guerreiro*». É expressão de onipotência, arrogância e grandiosidade, de um espaço mental sem contenção que pretende anular a dor insuportável do abandono. O funcionamento mental, dominado pela acção do negativismo, encontrou uma saída pela via da significação.

Naturalmente que um dos elementos importantes do guerreiro forte e poderoso é a «*armadura*». Esta segunda resposta, inadequada à realidade (GF-Obj), resulta, como a primeira, da acção predominante de mecanismos de desligação e destruturação que impedem a construção de um continente contendor e uma relação continente-conteúdo positiva. O conteúdo «*armadura*» revela uma problemática que aflige o sujeito: a fragilidade dos limites e a necessidade de hiper-investir os envelopes, de couraçar a pele. Esta mesma fragilidade está presente em todo o protocolo pela busca permanente de ancoragem à realidade, como dá conta uma grande percentagem, directa ou indirecta, do determinante formal (F%A=89,5) associado essencialmente a apreensões globais. A preocupação com os limites dá conta do mal-estar interno provocado pela pressão dos mecanismos dispersivos e destruturantes, rostos visíveis da acção do negativis-

mo, que impedem e/ou destroem as funções vinculares e os movimentos de ligação das pulsões de vida. Devido à sua acção, o funcionamento psíquico vê-se privado de uma função continente separada, adequada, sendo também anulada a acção metabolizadora da função alfa e promovida a função beta.

Invertendo o cartão surgiu uma nova apreensão global que inclui o branco intermacular, que já faltava, e dá uma cinestesia humana parcial, projectiva e narcísica (G bl kp Hd). À semelhança da primeira, os mecanismos dispersivos destruíram as funções vinculares e metabolizadoras das funções continente e alfa. Por isso a tentativa construir um continente separado pela diferenciação figura/funda falhou, como dá conta o Dbl e a má qualidade formal da cinestesia. Como consequência a relação continente-conteúdo é negativa.

A cinestesia humana parcial: *«isto é uma cara com bigode e pêra. Parece um sorriso»* dá conta, tal como na primeira resposta, de um “objecto bizarro” idealizado e evacuado no Self, com funções narcísicas e revelando onnipotência e onisciência do pensamento primário. É expressão de um funcionamento mental arrogante, função da acção do negativismo, que não necessita da realidade. Dá conta, por outro lado, de uma necessidade de verbalizar e objectivar a figura humana com traços masculinos marcados, tal como na primeira resposta. Parece que procura um envelope humano, neste e noutros cartões, para se conter a si mesmo, revelando uma forte problemática identificatória.

Em conclusão, o aparecimento da cor pastel levou à alteração de um fundo emocional negativo para positivo: os temas de grandiosidade e humor positivo substituem os de tristeza e abandono, sugerindo a presença de uma clivagem nesta passagem. Neste cartão o uso massivo dos mecanismos dispersivos,

nomeadamente a identificação projectiva massiva, permitiram inverter o ódio e a inveja em objectos idealizados para paliar o sofrimento insuportável do abandono. O preço da negação da dor do desamparo e a consequente fuga à sua elaboração pelo pensamento, porém, foi elevado: levou à perda de ligação ao real e à criação de uma realidade virtual para anular o sofrimento. A acção do negativismo, promotora de um espaço mental retraído e deprimido, revela-se neste funcionamento mental regrediente e destruturante de forma poderosa e implacável. Obriga o sujeito a procurar o humano, um humano de traços masculinos marcados, como se a evocação destes bastasse para suportar uma identidade, a existência, por um lado, e, por outro, proporcionasse uma defesa contra o materno oral inquietante.

Cartão IX

[4s. R15 – Uma flor (G CF Plant; ♀↔♂).K!! R16 - ↓ Parece um leão em cada um dos lados -no verde- (D F- A; -(♀←↓♂)-L. 52s].

O tempo de latência diminuiu substancialmente na abordagem ao cartão. Deve enfatizar-se que, depois de uma primeira resposta global e em continuidade com todo o protocolo, surge finalmente uma apreensão em grande detalhe (DF+). É certo que não veio acrescentar nada, pois é de má qualidade e aparece em fim de protocolo. Os modos de apreensão perpetuam a rigidez adaptativa e o conformismo de abordagem.

A primeira resposta «*uma flor*», de simbólica feminino/materno, insere-se na problemática do cartão e é de natureza narcísica. Permite perceber que o sujeito é sensível ao ambiente emocional favorável, alegre e caloroso, isento de

conflitualidade e ansiedade. Esta expressão de labilidade aparece minimamente enquadrada, revelando a procura permanente de um controlo, mesmo que mínimo (CF+). A segunda resposta, em grande detalhe (D), apresenta-se desligada da realidade, revelando a pressão dos movimentos mentais regredientes, dispersivos e destruturantes ligados à acção do negativismo.

Face à solicitação de afectos ternos de natureza regressiva, o sujeito sentiu-se tranquilo e apaziguado para mobilizar a função continente e a função alfa e, encetando um processo de comparação e comunicação, separação e ligação, fez uma diferenciação-separação figura/fundo. Fundou, assim, um continente separado (GF+). Neste processo, deixou-se co(m)-mover pelo meio, controlando minimamente a situação(CF), e estabeleceu uma relação continente-conteúdo positiva que, através de um trabalho de ligação, transformação e criação, tentou a elaboração de um significado para a perda/ausência de objecto («*uma flor*»). Este objecto dá conta da pressão dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D), revelando-se um objecto assimbólico. O sujeito, tendo uma situação emocional favorável e calorosa e sem conflitualidade, consegue mobilizar as capacidades mentais mais progredientes, dar conta da parte boa do objecto clivado e elaborar significados possíveis para a perda/ausência.

A boa prestação do sujeito até lhe deu coragem para deixar fluir a curiosidade pelo (parte boa) objecto primário, que finalmente re-encontrou, e mergulhou na mancha para dar uma segunda resposta, a primeira em grande detalhe. Mas a redescoberta da perda/ausência de objecto (do mau objecto) reactivou os mecanismos dispersivos que, neutralizando a função alfa, levaram à formação de um continente mal separado e que falhasse a ancoragem ao real. Desta forma, foi estabelecida uma relação continente-conteúdo negativa dominada pela

identificação projectiva patológica e habitada por elementos beta invejosos e vorazes, derivados das frustrações violentas de abandono não metabolizadas. O resultado produzido, por acção da identificação projectiva massiva, não foi um símbolo capaz de resolver pela via mental a perda/ausência, mas um objecto bizarro, idealizado e poderoso, de natureza narcísica e desligado do real, expressão da necessidade de anaclitismo, para negar e recusar o vazio da perda/ausência, a insuficiência e a necessidade de um ego auxiliar, e, deste modo, paliar a dor insuportável do desamparo: «*parece um leão em cada um dos lados*».

Em conclusão, a acção do negativo estruturante, promotor de um espaço mental conformista, permitiu mobilizar o funcionamento mental mais progrediente do sujeito e, através de uma relação continente-conteúdo positiva, dar a significação possível à perda/ausência pela produção de um objecto assimbólico. As condições emocionais ternas e calorosas evocadas pelo cartão parecem ter ajudado o sujeito a mobilizar o seu pólo mais progrediente. Esta manifestação contida de uma labilidade de natureza narcísica pode ser um indicador das possibilidades de desenvolvimento do sujeito, se lhe for dado um contexto emocionalmente favorável e caloroso.

Mas, o sujeito parece funcionar em balancé entre o progrediente e o regrediente. Assim, a curiosidade em investir a mancha através de uma apreensão parcial foi bloqueada pela pressão dos mecanismos dispersivos e destrutivos, agentes do negativismo, demasiado influentes e poderosos no funcionamento mental do sujeito, funcionamento este de natureza retraída e deprimida. Desta forma, o processo associativo da segunda resposta resultou inadequado e

delirante, revelando o sofrimento provocado pela perda/ausência de objecto, a acção implacável do negativismo.

Cartão X

[12 s – Não reconheço. 20 s – R17 Parece uma cara com olhos grandes, bigode, cabelo, uma pêra e um sorriso. Mais nada. ↓Mais nada. (D bl F- Hd; -(♀←↓♂)-L). 50s].

O último cartão, cartão de separação, é propício à ansiedade. O segundo factor de ansiedade é a dispersão da mancha, os grandes espaços brancos que solicitam a perda de objecto. Esses diversos factores devem ter tocado o sujeito, pois a situação foi vivida com forte ansiedade. Aos 12 segundos dá-se um choque. Sideração ou recusa? Diz o sujeito: «*não conheço*». Face à dispersão e ao branco, evocações da perda/ausência de objecto, o sujeito parece ter-se sentido perdido, desorientado e, por isso, incapaz de reconhecer o que quer que fosse. Os mecanismos de desligação e destruturação tomaram conta do psiquismo.

Aos 20 segundos conseguiu recuperar o processo associativo, mas a desorganização interna e o confronto com a perda levou-o a uma resposta desancorada da realidade (DF-) e delirante. Termina com um acting-out, com uma crítica agressiva ao material: «*é uma salpicada, não se percebe*».

Na abordagem à mancha, não é dada a banalidade, não demonstra curiosidade pela realidade, nem se verifica a mínima expressão de sensibilidade ao meio e aos afectos ternos.

A grande dispersão da mancha e o grande concurso do branco-vazio parece ter dado uma visão directa da perda, provocando grande emotividade interna, como dá conta a apreensão parcial com a inclusão do branco. Apesar de ter tentado fundar um continente, este saiu incontinente e inadequado devido à

fusão figura-fundo, consequência da forte incidência dos mecanismos dispersivos e destrutivos. Desta forma, foi estabelecida uma relação continente-conteúdo negativa e dominada pela identificação projectiva, resultando daqui a perda de ancoragem à realidade e uma indistinção entre o dentro e o fora: *«parece uma cara com olhos grandes, bigode, cabelo, uma pêra e um sorriso»*. Esta resposta não constitui, por isso, uma significação para a perda/ausência, mas constitui uma negação e uma recusa da realidade, através da construção delirante de uma realidade interna, autista, um “objecto bizarro” idealizado, com funções narcísicas. O sujeito procura obsessivamente o humano, um humano tipo fotografia e marcadamente masculino (possivelmente em oposição ao objecto primário mau e abandonónico), como se a simples evocação desses traços fosse suficiente para garantir uma identidade, que, na verdade, se apresenta demasiado fluida e despulsionalizada. Este funcionamento mental mais regrediente e destruturante quase parece sugerir uma dissociação no casal parental: o paterno é bom, idealizado e onipotente, e o materno é mau, abandonónico. Este masculino/paterno, exagerado e clivado em relação ao materno, parece constituir uma película fina, precária e superficial com fins identificatórios e defensivos, tal como no cartão oitavo. Pode sugerir, no entanto, um ponto de ancoragem importante na ajuda terapêutica.

Em conclusão, o confronto com a perda de objecto foi de tal forma forte, devido à dispersão do material e ao branco, que a desorganização e desorientação provocada, função da acção desligante e destruturante do negativismo, parece ter precipitado o sujeito numa ansiedade de fragmentação. Este cartão dá conta, por isso, do lado mais regrediente do funcionamento mental do sujeito. A forte pressão dos mecanismos dispersivos e destruturantes da pulsão de

morte, instrumentos do negativismo, levou à produção de uma realidade interna, desligada da realidade, para anular o sofrimento insuportável do abandono, que arrasta consigo também a possibilidade de não ser capaz de sub-(ex)sistir.

9 - Discussão

Introdução

O desamparo, depois da segunda tópica, é uma condição da espécie a que, naturalmente, o sujeito borderline não escapa. É vivida como ausência/perda do objecto e constitui um problema a resolver. A sua resolução quando é positiva dá conta do acesso ao “ser” e ao “existir”, à identidade e às identificações, e quando é negativa leva à condenação ao “não-ser” e ao “não-existir”, testemunhando as dificuldades da edificação dos processos identificatórios. O sujeito borderline, como dá conta Chabert (1998/2000) revela-se muito sensível à perda/ausência de objecto, revelando fortes dificuldades em sua elaboração.

Neste trabalho pretende-se aceder à realidade íntima do sujeito borderline, através do Rorschach, para verificar como o negativo, nas suas vertentes estruturante e destruturante, se manifesta e influencia os processos psíquicos. Neste sentido, tendo em conta o conceito de “negativo estruturante”, pretende-se verificar a sua manifestação:

A1 – no seu pólo mais progrediente, pela criação de um espaço psíquico criativo [dado ao conhecimento (+K), fundado na tolerância à dúvida e no sentido de infinito, constituindo uma relação continente-conteúdo positiva];

A2 – ou, no pólo menos progrediente, pela criação de um espaço psíquico conformista [separado e adaptado à realidade de forma conformista, constituindo uma relação continente-conteúdo positiva ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$).], onde o vínculo do conhecimento se constitui como omnisciência (K!!) e os mecanismos dispersivos predominam sobre os integrativos (PS←D), ficando a função alfa pressionada pela identificação projectiva (α/ip).

E pretende-se verificar também a acção do “negativismo destruturante”:

B1 – no seu pólo activo-agressivo, através da existência de um espaço psíquico evacuativo para o exterior [mal separado e diferenciado, gerido pelos mecanismos dispersivos (PS), nomeadamente pela identificação projectiva massiva (ip) promotora da função beta (β), constituindo uma relação continente-conteúdo negativa e evacuativa $-(\varphi \leftarrow \uparrow \sigma)$, onde o conhecimento (-K) cede lugar ao vínculo do ódio (+H) e à inveja];

B2 – e/ou, no seu pólo passivo-deprimido, através existência de um espaço psíquico retraído e evacuativo para o interior [mal separado e diferenciado, onde imperam os mecanismos dispersivos (PS), particularmente a identificação projectiva massiva (ip) promotora da função beta, habitado pelo ódio contra si mesmo e por uma culpabilidade destrutiva, e constituindo uma relação continente-conteúdo negativa $-(\varphi \leftarrow \downarrow \sigma)$, onde, em vez do conhecimento, se verifica um vínculo de amor negativo em relação ao exterior (-L)].

A – O negativo estruturante

A1 – Espaço criativo

A vertente mais progrediente do negativo estruturante (condição A1) está associada ao reconhecimento da perda/ausência e à sua consequente elaboração pela via do pensamento, pela aquisição da capacidade de simbolização. A presença desta dá conta que o sujeito, impulsionado pelas pulsões de vida e suas funções ligantes e vinculantes, internalizou um continente materno empático e instalou a função alfa pela identificação à capacidade de “rêverie” materna, sen-

do, por isso, capaz de estabelecer uma relação continente-conteúdo positiva e criativa. Desta forma, o encontro-confronto do sujeito com o Rorschach deve dar conta, em primeiro lugar, da formação de um continente, através de um trabalho de diferenciação-separação figura/fundo, função da diferenciação Eu/não-Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, e, em segundo lugar, deve conduzir ao estabelecimento de uma relação continente-conteúdo positiva e criativa, através de um trabalho de ligação, transformação e criação. Como consequência devem ser criados objectos ou símbolos Rorschach, imagens bem vistas e separadas, positivamente valorizadas e, sendo de conteúdo humano ou animal, inteiras e sexualmente identificadas, ou, se o conteúdo é simbólico, devem ser de natureza progrediente, revelando a existência de um espaço psíquico onde se verifica uma oscilação dinâmica entre mecanismos dispersivos e integrativos ($PS \leftrightarrow D$) e onde domina o vínculo do conhecimento (+H), um espaço rico e criativo, dado ao crescimento e aberto ao infinito, testemunho de um trabalho do negativo bem conseguido e revelador, portanto, da existência de uma capacidade de simbolização e de que os processos identificatórios chegaram a bom termo. Ora, no protocolo em análise, as imagens mais progredientes não apresentam as características descritas. Pode-se, assim, afirmar que o protocolo analisado não dá conta da presença do espaço psíquico criativo descrito na condição A1, revelando que o sujeito observado não beneficiou da acção do pólo mais progrediente do negativo estruturante.

A2 – Espaço conformista

No protocolo em análise encontram-se efectivamente algumas imagens bem vistas, separadas e inteiras, tanto de conteúdo humano (cartão VII – duas raparigas) como animal (cartão I- morcego), ou para-animal (cartão IV – dra-

gão), bem como uma imagem simbólica (cartão IX – uma flor). Contudo não se apresentam claramente sexuadas, nem positivamente valorizadas devido à acção do negativismo sobre as pulsões de vida que não lhes permitiu levar o trabalho de ligação e vinculação ao fim, dando conta que a sua natureza é assimbólica ou pré-simbólica. A acção predominante dos mecanismos dispersivos e destruturantes (PS←D), promotores de um funcionamento regrediente e bloqueador do crescimento e do desenvolvimento psíquico, é evidente: a imagem do cartão IX -«uma flor»-, cumpre objectivos narcísicos; a imagem do cartão VII -«duas raparigas»-, primeira resposta, revela um conformismo à sugestão do material e tem uma postura especular e uma relação anaclítica, revelando a sua natureza pré-genital; a imagem do cartão I -«morcego»-, primeira resposta, veicula temores inquietantes e persecutórios associados ao objecto primário, para além de dar conta de uma sexualidade ambígua; e a imagem do cartão IV -«dragão», revela temores inquietantes (está ligada a um Clob) e apresenta-se despulsionalizado e em posição anal-passiva. As preocupações e inquietações pré-genitais estão presentes em todas elas, revelando a sua condição assimbólica.

Estas imagens dão conta que o sujeito, face à disruptividade e ausência de significação da mancha, reconheceu a perda/ausência. Mobilizando as funções continente e alfa, a acção do negativo parece ter conduzido à estruturação do primeiro patamar psíquico: o sujeito construiu um continente separado pela diferenciação-separação figura/fundo, como dá conta o modo de apreensão global e de boa qualidade formal (GF+; GCF+ cartão IX) comum às quatro imagens. Este processo, que dá conta de uma preocupação com a ancoragem à realidade, parece revelar que o sujeito conseguiu aceder às identificações primárias,

integrar o casal parental combinado, fundar a subjectivação e a objectualização, a possibilidade de relação com o mundo, o sentimento de existir e a possibilidade de aceder ao criar.

Este trabalho, porém, não é isento de dificuldades provocadas pela predominância dos mecanismos dispersivos e destrutivos (PS←D), representantes no miolo psíquico da pulsão de morte, nomeadamente a negação, a clivagem e a identificação projectiva massiva, mais evidente, com efeito na segunda etapa do processo. Desta forma, a relação continente-conteúdo positiva estabelecida, na sequência da formação de um continente separado, dá conta de que o vínculo do conhecimento se encontra fragilizado e submergido por uma omnisciência (K!!). Por isso os objectos Rorschach “criados” não apresentam uma natureza claramente simbólica. Estão incompletamente desenvolvidos, fechados ao crescimento e à dúvida, são de natureza regrediente, ou, em linguagem clássica, de natureza pré-genital, e, por isso, insuficientes para significar a ausência, como dá conta a incapacidade do sujeito em se manter estável neste espaço psíquico conformista. São, como defende A. Dias (2004), assímbolos, ou, no dizer de Brown (1987), pré-símbolos. O sujeito revela-se, por isso, incapaz de aprender com a experiência e sem desejo, devido à ausência de experiências matriciais prazerosas. Desta forma, face à mínima frustração, facilmente resvala para um funcionamento desorganizado, sobretudo face à ameaça de perda de objecto. A exclusividade do modo de apreensão global, mesmo face a cartões que favorecem modos de apreensão parcial (VII e IX), reforçam ainda mais a natureza conformista e rígida de um funcionamento mental sem curiosidade para explorar e conhecer a realidade. Este mesmo conformismo revela-se ainda na sensibi-

lidade à cor verificada no cartão IX, revelando uma labilidade minimamente contida (CF)

Os objectos em análise revelam que, afinal, a função continente apresenta uma “rêverie” deficiente e que a função alfa se encontra fragilizada devido à pressão da identificação projectiva massiva (ip) sobre o trabalho de transformação, ligação e vinculação de Eros. Face às emoções da perda/ausência demasiado intensas, as pulsões de vida não conseguiram fazer evoluir as defesas primárias para mecanismos avançados de recalçamento. Foram, por isso, negativadas pela pulsão de morte, bloqueando a evolução dos processos identificatórios. Isso acontece possivelmente como consequência da experiência emocional com um objecto primário abandonico e/ou agressivo (conteúdo inquietante no cartão I e os conteúdos abandonicos ou onnipotentes de outros cartões), isto é, sem empatia, bem como às grandes dificuldades constitucionais em suportar a frustração. Na perspectiva de Green (1993), estes factores podem efectivamente fragilizar e negativar os mecanismos de defesa primários, invertendo a sua finalidade (que é proteger o Eu da pulsão de morte e devem evoluir para mecanismos avançados de recalçamento) e colocando-os ao serviço da pulsão de morte, que promove a desvinculação e desobjectivação psíquica e a atração pelo vazio. O sujeito deu conta na clínica de que foi o avó, a quem dava muitas «caneladas» e por quem revela um luto crónico, quem se ocupou dele a maior parte do tempo na sua primeira infância e até aos quatro anos, altura do seu falecimento. Pergunta-se a si mesmo muitas vezes se não terá sido adoptado.

Este pólo mais progrediente do sujeito revela, com efeito, uma dificuldade em metabolizar a emoção produzida pelo confronto com a perda de objecto, resultando objectos simbolicamente “incompletos” e insuficientes para signifi-

car a ausência, isto é, objectos assimbólicos. Estes são, por isso, o resultado possível que o trabalho do negativo conseguiu face à pressão dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos. Deste modo, os conteúdos constituem uma janela para a análise do negativismo, pois é o lugar onde os mecanismos dispersivos, agentes do negativismo, deixaram a marca definitiva do seu trabalho de sapa ao longo de todo o processo de significação, realizando bloqueamentos insidiosos e progressivos no trabalho de ligação, transformação e criação. A Dias (2004) defende que os borderline são assimbólicos devido a uma identificação incompleta à função continente e por a identificação projectiva geralmente substituir a função alfa. Impossibilitados de ter uma função continente suficientemente desenvolvida e ao apresentarem a função alfa perturbada devido à pressão da identificação projectiva, da negação e da clivagem, necessitam permanentemente de um continente externo auxiliar, de um objecto anaclítico, como defende Bergeret (1991), ou de uma segunda pele, no dizer de A. Dias (2004).

Deve-se enfatizar ainda a resposta ao cartão IV («dragão»), que dá conta de uma simbólica ligada ao paterno. Se no cartão I o sujeito revelou inquietações de natureza oral relacionadas com o objecto primário, que parecem enfatizar a sua falta de empatia, o cartão IV parece dar conta que o paterno pode ser um porto seguro para a libertação do objecto primário e para a promoção do desenvolvimento possível. É certo que, face ao materno inquietante, é um paterno despulsionalizado e passivo, de natureza anal e submetido ao materno.

Depois do que ficou dito pode dizer-se que estamos frente a um espaço psíquico conformista, que constitui o pólo mais progrediente do funcionamento psíquico do sujeito. Dá conta de uma grande preocupação adaptativa, revelando-se esta rígida e conformista.

O sujeito é um adolescente de dezasseis anos. Está a desenvolver definitivamente os processos identificatórios. Necessita de se separar em definitivo da mãe oralmente poderosa e inquietante. Na verdade, o sujeito parece encontrar-se num impasse e revela-o na clínica, dizendo que não sabe o que quer, nem para onde vai. Se o avô fosse vivo já o tinha ajudado a resolver o problema, mas sem o avô sente-se como «*num túnel sem saída e não sabe o que fazer*». Diz que qualquer dia faz «*uma asneira e não a queria fazer*». Procura, por isso, o masculino, um envelope (milagre) que lhe dê capacidade de “ser” e “existir”(?), separando-o do materno. Nos cartões VIII e X, em imagens mal vistas, dá conta desta procura através da expressão exagerada e delirante de um masculino de traços bem marcados. Esta luta pela separação do materno parece ter na escola o seu sintoma. O sujeito projecta nela (nos colegas e no ambiente) o objecto mau e persecutório. Sonha com a escola a arder de ódio e os colegas a persegui-lo. Quem vai em seu socorro é o irmão mais pequeno, que tem a cara do avô, revelando a sua insuficiente e incapacidade de cuidar de si mesmo e, por isso, a necessidade de suporte anaclítico. (É curioso que o protector anaclítico seja o irmão mais pequeno com apenas oito anos). Expressa de forma reiterada o desejo de abandonar a escola. O aproveitamento tem sido muito baixo nos últimos anos (algumas repetições de ano), mas sente-se forçado a continuar pela mãe. Acalenta o sonho de ir trabalhar com o pai, o que faz frequentemente ao fim de semana, mas isso depende da aceitação da mãe.

Uma das linhas da intervenção clínica incidiu no reforço das capacidades do sujeito para manifestar as suas opiniões e de apresentar argumentos para as fundamentar. Numa consulta de follow-up, passados uns meses, deu a conhecer que tinha saído da escola no fim do ano com o acordo da mãe, passou a frequen-

tar a escola nocturna e foi trabalhar com o pai. Deu a entender que se sentia satisfeito com as suas decisões e com a sua nova vida. Manifestou interesse pela escola, apreço pelos colegas, na sua maioria adultos, e deu conta que o aproveitamento escolar melhorou.

B - O negativismo destruturante

A acção dos mecanismos desligantes e destruturantes (PS), função do negativismo, revela-se no psiquismo como um recurso defensivo extremo face à dor implacável da perda/ausência, mas os seus efeitos são psiquicamente catastróficos pois impedem a estruturação psíquica. E o preço a pagar é demasiado alto. O sujeito, ao ficar enrolado no negativismo, fica impossibilitado de pensar a ausência, única forma de a resolver, e perpetua o vazio doloroso, frio e reivindicativo do desamparo na realidade psíquica.

B1 – Espaço evacuativo

No protocolo aparece apenas uma resposta que revela a presença de um espaço psíquico evacuativo para o exterior: «cara um pouco esquisita, cara má», segunda resposta no cartão I. Vem depois de uma resposta bem vista, mas veiculadora de preocupações inquietantes de natureza oral e ligadas ao objecto primário. A sensibilidade ao vazio da mancha(Dbl) serviu de suporte à evacuação dos temores inquietantes. Com efeito, o conteúdo associado (kp- cinestesia parcial) permite a projecção da intenção má através do olhar, apesar da precaução verbal (cara um pouco esquisita).

A resposta dá conta, com efeito, de que o sujeito se viu violentado pelas emoções da perda/ausência, mas foi incapaz de construir um continente com fronteiras estáveis e seguras (separação figura/fundo não foi conseguida), como revela a apreensão global mal vista e com integração do branco (G bl F-). Por isso estabeleceu uma relação continente-conteúdo negativa dominada pelo ódio e pela inveja, ficando impossibilitado de metabolizar as emoções de perda, como revela a cinestesia parcial humana mal vista e projectiva («cara»). A relação continente-conteúdo negativa dá conta de um espaço psíquico evacuativo, habitado pelo ódio e pela inveja, povoado de emoções em bruto, vividas como “coisas-em-si”, elementos beta que só servem para ser evacuados pela identificação projectiva massiva (ip) que, para esse efeito, domina o referido espaço anulando a função alfa. O espaço psíquico fica, desta forma, permeável e instável. A falta de elementos alfa leva à formação de uma tela de elementos beta que permite a invasão do pensamento secundário pelo primário. Este facto, na verdade, tem como causa a ausência de um aparelho de pensar (que começou por ser consequência nas fases precoces), e, por isso, a impossibilidade de simbolização. A razão parece estar na grande intolerabilidade constitucional à frustração, bem como num objecto primário inconsistente, incontinente e provavelmente agressivo (numa “mãe suficientemente má”) que tornou ainda mais intolerável a frustração, levando a que os mecanismos primários fossem colonizados pela pulsão de morte e, invertida a sua finalidade, impedissem a estruturação psíquica.

A identificação projectiva, ao evacuar os elementos beta, permitiu negar internamente a realidade, a dor da perda, evacuando-a, em linguagem kleiniana, como um objecto mau, mas foi uma solução temporária, precária e de elevado custo psíquico, pois, na terceira resposta, que se inscreve no pólo deprimido,

volta-se o “feitiço contra o feiticeiro” e é verbalizada a “tristeza” e o “abatimento” do desamparo. Efeito da culpa pelo mau trato ao objecto? O sujeito, em contexto clínico, deixou a ideia de uma imagem materna onnipotente e, ao mesmo tempo, de uma preocupação protectora para com a mãe real. E em relação ao avó referiu que «*se fosse hoje não fazia aquilo ao meu avó*» (dar «*pontapés nas canelas*»), passagem ao acto que se repete em relação ao pai (que aparece fragilizado face à mãe) se este falar mal do avó falecido. O ódio, no entanto tem uma função. Como não se realizou a separação definitiva Eu/não-Eu, sujeito/objecto, que teria permitido a integração das pulsões, o ódio tem uma função separadora para evitar a fusão com o objecto.

B2 – Espaço retraído

O negativismo destruturante tem no pólo passivo-deprimido uma forma particular de expressão e constitui o modo mais representativo do funcionamento mental do sujeito: doze em dezassete respostas. Desta forma, sem prejuízo da única resposta de natureza agressivo-evacuativa analisada imediatamente atrás, o protocolo dá conta que o sujeito balanceia entre um funcionamento adaptativo conformista (condição A2), o pólo mais organizado do sujeito, e um funcionamento retraído e deprimido (condição B2), o pólo mais regrediente. Este balanceamento revela a instabilidade que afecta o sujeito, particularmente quando o material lhe desperta ansiedade de perda de objecto. É de referir a ausência de conteúdos de natureza hipocondríaca (anatomias, por exemplo), sexualmente crus, ou que revelem ansiedade de fragmentação. Deve referir-se ainda que o sujeito usa quase em exclusivo o modo de apreensão global, aparecendo apenas duas apreensões em grande detalho (D) nos cartões IX e X. O sujeito revela,

desta forma, um funcionamento mental rígido e conformista, dando conta de uma preocupação obsessiva em se manter adaptado e ancorado à realidade, embora essa preocupação não seja a maior parte das vezes conseguida. Por isso a maior parte dos objectos “criados”, melhor, evacuados não dão conta de uma negociação com a realidade, de um confronto harmonioso entre percepção e projecção, mas de necessidades evacuativas internas, levando a que surja um grande número de cinestésias humanas, grandes e parciais, projectivas e de má qualidade formal. Há, por isso, uma problemática identificatória que percorre todo o protocolo.

As imagens Rorschach expressas nas doze respostas em questão dão conta da acção destruturante do negativismo de uma forma directa. Em primeiro lugar, os mecanismos desligantes e desobjectivantes (PS) não permitiram uma diferenciação-separação figura/fundo clara, como testemunham as apreensões globais ou parciais mal vistas (GF- cinco incluem Dbl: cartões I, II, III, VIII e X), revelando que também não se verificou a diferenciação e separação entre o Eu/não-Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, isto é, que a identidade primária, nestas imagens, não está adquirida, que não dão conta do “ser” e do “existir”. O continente construído apresenta-se, por isso, mal separado, instável e incontentor.

Em segundo lugar, e como consequência, a relação continente-conteúdo estabelecida revela-se negativa, impossibilitando a instalação do aparelho de pensar. É produtora, por isso, de elementos beta, provocadores de sofrimento, que não servem para nada, senão para ser evacuados, e impossibilitam a formação de uma barreira de contacto, abrindo caminho à onnipotência invasiva e totalitária do pensamento primário. Os objectos evacuados servem, por isso,

finalidades puramente internas de natureza regrediente, como dão conta, nomeadamente, as cinestésias humanas, grandes ou parciais, mal vistas e projectivas (6 K- nos cartões I, II, III, VI, VII, VIII- e 1 kp- no cartão VIII). Dão conta de um espaço psíquico mal separado e diferenciado, habitado pelo ódio contra si mesmo e por uma culpabilidade destrutiva e dominado pela identificação projectiva massiva. Desta forma, as fortes emoções de perda que o assolam, vividas como “coisas-em-si” e provocadoras de grande sofrimento, são evacuados no Self, realizando um ataque contra si mesmo e tornando presente a dor do desamparo no miolo psíquico. São testemunho directo ou indirecto disso os conteúdos humanos deprimidos e abandonicos (cartões I, II, VI), os conteúdos poderosos ou onnipotentes de luta contra a depressão (cartões III, VIII), os conteúdos regredientes com funções narcísicas (cartões II, V, X), ou, por último, conteúdos que revelam preocupação com os limites (cartão VIII -armadura).

A acção do negativismo, ao impedir as ligações e vinculações psíquicas no seio do Eu, impossibilitou a estruturação psíquica. Com efeito, a pulsão de morte, ao negatizar os mecanismos primários, como sugere Green (1993), toma de assalto a gestão psíquica e impede a função ligante do desejo no seio do Eu, impossibilitando a integração das pulsões. Fica, deste modo, complicada a separação total Eu/não-Eu, dentro/fora, sujeito/objecto, a subjectivação e a objectivação. Tal como ficou dito acima na alínea anterior, a razão deve estar ligada à intolerabilidade à frustração e a um objecto primário incontentor, inconsistente e culpabilizador. O sujeito não teve outra opção senão identificar-se ao negativismo do objecto.

Neste pólo retraído, o negativismo parece ter encontrado ainda algumas formas particulares de exibição:

a) A atração pelo branco intermacular (Dbl) nos cartões I (terceira resposta), II, III, VIII e X parece revelar a dificuldade do sujeito em suportar o vazio da perda/ausência. Com efeito, viu-se obrigado a ignorar a realidade objectiva, fundindo figura/fundo, e a recorrer à realidade interna para anular o vazio, preenchendo-o com conteúdos ligados ao abandonico (I), à onnipotência (III) ou às necessidades narcísicas (II, VIII e X). Esta acção do negativismo, porém, ao impedir a diferenciação-separação figura/fundo, dá conta das perturbações que introduz no miolo psíquico, dificultando a separação Eu/não-Eu, interno/externo, sujeito/objecto, isto é, a subjectivação e a objectivação, a possibilidade de realizar os processos identificatórios.

b) Nos cartões bilaterais a acção do negativismo revela-se massiva face à solicitação do relacional e das pulsões. A integração destas obriga ao reconhecimento da perda/ausência de objecto e sua elaboração. O relacional, por sua vez, obriga ainda ao reconhecimento da interdependência. O sujeito, no cartão II, começando por reconhecer o relacional («duas pessoas unidas»- anaclase), realizou a seguir uma redução do dois a um pela via do especular, ficando “uma pessoa triste ao espelho”. Os mecanismos de negação, clivagem e identificação projectiva são manifestos. Depois do trabalho de anulação do relacional e do pulsional na primeira resposta, a segunda resposta, continuando a mesma estratégia de anulação e controlo, focaliza o vazio central (Dbl) como eixo corporal e unifica o cartão através de uma imagem de conteúdo narcísico («águia» - expressão de poder, liberdade e suficiência), numa apreensão global e em posição invertida. E, como não podia deixar de ser, no cartão III invertido, negou novamente e de uma forma reiterada (no inquérito dos limites) o relacional/pulsional e, focalizando o vazio central como na resposta anterior, unificou o cartão desta vez com

uma imagem humana, carregando-a com objectivos narcísico e anti-depressivos (pessoa vitoriosa, orgulhosamente só, em contraste com a pessoa triste do cartão anterior, revelando o mecanismo da clivagem). As imagens são apreensões globais, incluem o vermelho, revelando, deste modo uma tentativa de controlo dos afectos através da representação.

c) O recurso à cinestesia: seis K-(cartões I, II, III, VI, VII e VIII) e uma kp- (cartão VIII). Todas elas são formalmente mal vistas. Veiculam uma ressonância íntima dominada pelo negativismo, que parece bloquear o processo identificatório. Assim, as cinestésias dos cartões I, II e VI dão conta de conteúdos humanos deprimidos e abandonados, expressivos da grande dor interna (pessoa triste, abatida, só...); as cinestésias dos cartões III e VIII veiculam conteúdos humanos poderosos ou onipotentes, numa tentativa de luta contra a dor, contra a depressão; e o cartão VII revela contrariedade pela perda de apoio anaclítico, aparecendo ainda uma expressão velada da necessidade de apoio anaclítico nos cartões II, VI através da ideia da alma gémea. A cinestesia parcial (kp-VIII), mal vista, veicula necessidades narcísicas e identificatórios (com intenções anaclíticas?): dá conta de um rosto com traços masculinos marcados (“uma cara com bigode e pêra, um sorriso”). Tendo em conta a informação clínica, faz lembrar o avó falecido que usava bigode e pêra, sugerindo uma alucinação. O sujeito referiu ter a percepção de que uma sombra o acompanhava e protegia, identificando-a com o avó.

d) O cartão V, cartão que parece dar conta da identidade e representação de si, dá conta de uma imagem de si despulsionalizada e desvitalizada. O sujeito parece “não-existir” nem “ser”. Tendo em conta as cinestésias presentes no protocolo e face a esta incapacidade de “ser” e “existir”, quase parece que o sujeito andou à

procura de um envelope especificamente humana que o pudesse conter no abandono hemorrágico, bem como na onnipotência orgulhosa.

e) Deve pôr-se em destaque a segunda resposta do cartão VIII: «armadura», tipicamente borderline. Dá conta da precariedade das fronteiras do continente ou envelope e da necessidade de as reforçar com uma segunda pele, de as couraçar tornando-as seguras. É consequência da acção perturbadora do negativismo na separação-diferenciação Eu/não Eu, interno/externo, sujeito/objecto, impedindo a realização desta.

Parafraseando o pensamento de Bion, o espaço psíquico resultante da acção do negativismo tem como paradigma a situação do bebé que, aquando da estruturação psíquica, se viu impossibilitado de desenvolver um aparelho de pensar por não ter tido capacidade para suportar as frustrações e/ou por não ter tido um objecto primário “suficientemente bom”, um continente caloroso e com capacidade de “rêverie” como auxílio e a que se identificar. Dá conta, por isso, da parte psicótica da personalidade. Neste sentido pode dizer-se que a acção do negativismo impediu o sujeito de construir um continente com fronteiras estáveis e seguras e de instalar ou usar a função alfa. Desta forma, pontifica a identificação projectiva massiva no espaço psíquico a fim de evacuar no Self as emoções frustrantes, vividas como “coisas-em-si” ou como objectos bizarros que para nada servem e só provocam sofrimento. Não tendo elementos alfa o sujeito não pode construir uma barreira de contacto e fica também impossibilitada de resolver a perda/ausência pela única via possível que a torna suportável e fonte de crescimento, isto é, pelo pensamento, restando-lhe apenas o mecanismo da fuga pela negação ou recusa em reconhecer a perda/ausência como forma de anular a dor psíquica do desamparo. Mas o preço a pagar é demasiado alto e,

afinal, com resultados negativos, pois o sujeito acaba por ficar enrolado num negativismo implacável que torna permanentemente presente o vazio doloroso, frio e reivindicativo do desamparo na realidade psíquica. Com efeito, só o símbolo colocado no lugar da ausência pode coser a ferida aberta pelo objecto faltante. O negativismo impede ou anula todas as iniciativas ligantes e objectaliantes promovidas pelas pulsões de vida e que conduziriam à simbolização, aparecendo, desta forma, como o promotor de um espaço psíquico, preenchido por objectos bizarros, habitado pelo ódio e pela culpabilidade e minado por mecanismo evacuativos.

Para terminar, deve dizer-se que as imagens que suportam quer o pólo conformista, quer as duas versões do negativismo, tendo em conta a linguagem kleiniana, dão conta que o negativismo impossibilitou o sujeito de internalizar um objecto total e ambivalente, tornando crónica a permanência do objecto parcial ou, como defende Brown (1987), do pré-objecto. Desta forma, o Eu não instalou as funções de síntese, ficando impedida a integração das pulsões e o acesso à genitalidade. Também os mecanismos de se tornaram crónicos, nomeadamente a clivagem, a negação e a identificação projectiva, sendo estes accionados de forma massiva face à frustração e à ameaça real ou imaginária de perda de objecto.

Neste sentido, defende Chabert (1998/2000) que o sujeito permaneceu no para-aquém da transitividade, ou às portas da posição depressiva, como sugere Brown (1987) ao falar de uma fixação na posição transitiva, ou que, na perspectiva de Kernberg (1975/2001), viu o desenvolvimento bloqueado na última fase de separação-individação. De facto, as dificuldades identificatórias são apenas uma consequência, bem como a instabilidade egoica e a dependência

objectal anaclítica. Sem um objecto interno, total e ambivalente, fonte de um narcisismo positivo e nutriente, o sujeito fica bloqueado em seu desenvolvimento psíquico e vê-se impossibilitado de elaborar de forma adequada e plena a perda/ausência. Mais, face à mínima frustração ou à ansiedade de perda de objecto o funcionamento psíquico fica dominado pelo negativismo e desorganiza-se, prejudicando o esforço adaptativo. Verifica-se, então, um funcionamento regrediente que dá conta do pólo agressivo-evacuativo, com possíveis passagens ao acto, ou do pólo retraído e deprimido, com imagens de conteúdo desvalorativo e/ou abandonónico. Quando não se verifica a presença de ansiedade de qualquer ordem o sujeito funciona de uma forma adaptativa e conformista, próximo do neurótico, no seu pólo mais progrediente.

Quadro resumo do protocolo discutido, pondo em realce os diversos factores envolvidos na definição do negativo e do negativismo resposta a resposta e cartão a cartão.

Cartão-resposta	Categoria do espaço	Qualidade do ♀	Função metabólica/evacuação	Vínculo dominante	Mecanismos de negação/negativismo	Qualidade da relação ♀♂	Qualidade do ♂	Natureza do espaço
I - 1	A2	GF+	α/ip	K!!	PS←D	$(\varphi \leftrightarrow \delta)$.	Assimb (A)	$[(\varphi \leftrightarrow \delta).K!!]$
- 2	B1	GblF-(kp)	β	+H	PS	$-(\varphi \leftarrow \uparrow \delta)$	O. biz (kp hd)	$[-(\varphi \leftarrow \uparrow \delta)+H]$
- 3	B2	GblF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O. biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
II - 4	B2	GF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O. biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
- 5	B2	GblF-	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O. biz (A)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
III - 6	B2	GblF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O. Biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
IV - 7	A2	GF+	α/ip	K!!	PS←D	$(\varphi \leftrightarrow \delta)$.	Assimb((A))	$[(\varphi \leftrightarrow \delta).K!!]$
V - 8	B2	GF-	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (Simb)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
VI - 9	B2	GF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
VII- 10	A2	GF+(K)	α/ip	K!!	PS←D	$(\varphi \leftrightarrow \delta)$.	Assimb (KH)	$[(\varphi \leftrightarrow \delta).K!!]$
- 11	B2	GF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
VIII- 12	B2	GF-(K)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (K H)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
- 13	B2	GF-	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (obj)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
- 14	B2	GF-(kp)	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (kp hd)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
IX - 15	A 2	G GF+	α/ip	K!!	PS←D	$(\varphi \leftrightarrow \delta)$.	Assimb(PI)	$[(\varphi \leftrightarrow \delta).K!!]$
- 16	B2	DF-	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O.biz (A)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$
X - 17	B2	DblF-	β	-L (+H)	PS	$-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)$	O. biz (Hd)	$[-(\varphi \leftarrow \downarrow \delta)-L]$

Conclusões

I

Este estudo teve como objectivo observar, através do Rorschach, o negativo na patologia borderline, a sua acção estruturante e destruturante. O Rorschach mostrou-se sensível às manifestações do negativo e do negativismo. De facto, o protocolo estudado dá conta de uma grande dificuldade do sujeito em elaborar a perda/ausência. Para aceder ao negativo foi modificada a técnica Rorschach, que se revelou um instrumento capaz de ser enriquecido com os novos conceitos em discussão e adequado ao problema em estudo. Para a compreensão do Rorschach foi tida como referência principal a linguagem da relação e da significação desenvolvida por E. Marques (1999). Foram também considerados os estudos de Chabert(1983/1998; 1998/2000).

O Rorschach permite o acesso à realidade íntima do sujeito. Na verdade, o paradigma psicanalítico que serve de base à sua compreensão permite olhar mais as «*dimensões internas, subjectivas e interpretativas do que (os) aspectos externos e objectivos*» (E. Marques, 1998, in Chabert, 1983/1998, p.XI). Desta forma, através de uma transposição conteúdo manifesto-conteúdo latente, torna-se possível observar o modo singular e único como o sujeito reconhece e aceita ou recusa a perda/ausência de objecto. Uma actividade mental de aceitação, que se revela pelo processo-resposta Rorschach, dá conta de um trabalho de transformação, ligação e recriação entre figura/fundo, projecção/percepção, interno/externo, dentro/fora, continente/conteúdo que conduz à produção de novos objectos, de novos símbolos. Estes, que dão conta da simbolização, são função de um trabalho do negativo bem conseguido, de um negativo estruturante. Quando se dá a recusa, função do negativismo, esse trabalho não se verifica devido ao ataque feito às ligações e vinculações.

Indo ao encontro dos estudos de Chabert (1998/2001), o sujeito por nós analisado, face à disruptividade da situação Rorschach, teve dificuldades em elaborar a perda/ausência e, por isso, o negativo estruturante, promotor de um espaço criativo, aberto ao infinito e tolerante à dúvida, revelou-se ausente no protocolo. A resolução do desamparo pela via do pensamento não fez parte dos seus recursos.

Revelou-se presente, porém, um negativo estruturante promotor de um espaço adaptativo e conformista (quatro em dezassete respostas: I, IV, VII e IX), que constitui o pólo mais evoluído do sujeito. Tendo diferenciado figura/fundo e formado um continente separado, o sujeito estabeleceu uma relação continente-conteúdo positiva, mas nesta o vínculo conhecimento foi dominado pela onisciência e os mecanismos integrativos pelos dispersivos, nomeadamente a clivagem, o desmentido e a identificação projectiva, resultando num bloqueamento ao nível da estruturação psíquica e uma perturbação da capacidade de simbolização. Neste sentido, A. Dias (2004) defende que o sujeito borderline é “assimbólico”. Por isso os objectos que produziu neste pólo mais evoluído não apresentaram uma qualidade simbólica franca, capaz de suportar a dúvida e de gerar expansão mental, mas revelaram uma natureza “assimbólica” (A. Dias, 2004) ou “pré-simbólica” (Brown, 1987), sendo, por isso, veículos de inquietações e/ou preocupações pré-genitais, indicativos de que as identificações secundárias não foram alcançadas. Como defende Chabert (1998/2000), ficaram no aquém da transitividade, apresentando uma natureza instável e permeável.

O negativo estruturante, tendo em conta o que ficou dito, revelou-se plural: apresentou um lado evoluído e criativo e um lado adaptativo conformista. Foi possível estabelecer que a distinção entre um e o outro lado da acção do

negativo estruturante se faz pela análise dos conteúdos, pela distinção entre a sua natureza simbólica ou “assimbólica”. Com efeito, o lado mais progrediente dá conta da capacidade de simbolização e, por isso, do acesso à genitalização e à noção de diferença e complementaridade; o lado menos progrediente, portador de bloqueamentos psíquicos que impedem a expansão mental, a criatividade e a aprendizagem pela experiência, leva a uma capacidade simbólica perturbada e, por isso, dá conta da presença das identificações primárias mas a ausência das secundárias, sendo portador de inquietações e preocupações pré-genitais.

O negativismo teve uma expressão predominante no protocolo (catorze das dezassete respostas), constituindo o pólo mais regrediente, desorganizado e inadaptado do sujeito. Este facto, para além de dar visibilidade à grande negatividade que atravessa o sujeito e de que falou Kaës (1987), dá conta da sensibilidade do Rorschach às dificuldades elaborativas do sujeito face ao disruptivo. O sujeito borderline, segundo Kernberg (1975/2001), desorganiza-se face ao material destruturado, como é o caso do Rorschach, levando à emergência do processo primário, à expressão da instabilidade egóica típica.

O negativismo deu conta da fuga psíquica face ao reconhecimento da perda/ausência. O sujeito recorreu aos mecanismos primários para anular a dor do desamparo, mas o resultado foi insuficiente, diga-se. O sofrimento transbordou verbalmente e foi depositado em conteúdos abandonicos (cartões I, II e VI). Outras respostas, induzidos pelo tom mais positivo da cor, deram conta da luta anti depressiva pelo recurso à defesa maníaca (III, VIII) ou por preocupações narcísicas (II e V). Também as preocupações identificatórias tiveram direito a expressão, aparecendo um masculino vincado (VIII e X) em oposição ao materno inquietante (I).

Verificou-se que o momento de diferenciação e separação figura/fundo constitui uma etapa crucial de separação entre o negativo estruturante e o negativismo. A diferenciação e separação figura/fundo por uma apreensão global ou parcial com boa qualidade formal (G,D, bl \rightarrow F+) levou à constituição de um continente separado e promoveu uma relação continente-conteúdo positiva e produtora de objectos simbólicos ou “assimbólicos”. Quando a diferenciação e separação figura/fundo não foi conseguida resultou um continente mal separado (G,D,bl \rightarrow F-) e uma relação continente-conteúdo negativa e produtora de objectos bizarros. O segundo momento esteve na qualidade do trabalho da relação continente-conteúdo. Verificou-se, então, que, tal como já foi referido em relação ao negativo estruturante, também no negativismo foi necessária a análise dos conteúdos para separar os dinamismos evacuativos dos dinamismos de retraimento.

O negativismo encontrou ainda nas cinestésias projectivas, grandes (K) e pequenas (kp), janelas para se mostrar. Por aí passaram conteúdos abandónicos, narcísicos e anaclíticos. O branco intermacular (Dbl) foi um palco excelente para a exibição das dificuldades de separação Eu/não-Eu, de elaboração da ausência. Porque implicavam a aceitação da perda/ausência, verificou-se também a anulação do relacional e do pulsional, sobretudo nos cartões bilaterais, o recurso a uma imagem de si desvitalizada no cartão V, bem como a preocupação com as fronteiras do envelope-continente (VIII «armadura»). A transição de resposta a resposta e cartão a cartão pôs em evidência, por vezes, os mecanismos dispersivos, nomeadamente a clivagem.

Pode dizer-se, portanto, que o sujeito apresentou dois modos de funcionamento: um adaptado e conformista, função de um negativo estruturante blo-

queado, e outro desorganizado e destruturado, função do negativismo. O primeiro manifestou-se quando a ansiedade ou a conflitualidade esteve ausente, e o segundo sempre que o sujeito se confrontou com a conflitualidade interna ou externa ou face à ansiedade. Este duplo funcionamento, longe de ser uma vantagem, dá conta da instabilidade que caracteriza a patologia egóica (Kernberg, 1975/2001) e revela o impasse que bloqueou o desenvolvimento psíquico antes de ter acedido à posição depressiva (Brown, 1987), ou à constância de objecto (Kernberg, 1975/2001), impedindo a internalização de um objecto total, e, por isso, a necessidade de um Eu auxiliar externo, anaclítico. Na verdade, a ausência de simbolização deixou o sujeito à mercê da frustração, da conflitualidade e da ansiedade de perda de objecto. O sujeito revelou-se, deste modo, incapaz de viver na ausência e deu conta das dificuldades em “ser” e “existir”.

II

A patologia borderline, fenómeno complexo e plural situado entre a neurose e a psicose, impôs-se pelos anos sessenta do século XX, mercê do insucesso terapêutico e de dificuldades na sua compreensão teórica. Dá conta, segundo alguns autores, de um impasse causado por uma grande pulsionalidade pré-genital e por fortes frustrações objectais, que, bloqueando o desenvolvimento, impediu o acesso à constância de objecto (Kernberg, 1975/2001), ou à posição depressiva (Brown, 1987) ou ao Édipo (Bergeret, 1991), e impossibilitou, por isso, a integração do Eu (instabilidade egóica), a síntese das pulsões e a internalização de um objecto total e ambivalente. Como consequência as defesas primárias foram perpetuadas de forma crónica e a capacidade de representabilidade não foi instalada. Deste modo, sem um objecto narcisicamente securisante, o sujeito é incapaz de empatia, vê-se impossibilitado de sentir culpa e de modelar

as relações objectais e é forçado a estabelecer relações objectais de natureza anaclítica, crispada e onnipotente. Dá conta, por isso, de um vazio ruidoso, de uma patologia do narcisismo, de uma doença do ideal e de uma constante conflitualidade com o meio, revelando uma intolerabilidade extrema à separação ou perda de objecto. Parece que uma negatividade, como defendeu Kaës (1987), cruza transversalmente o sujeito borderline, negatividade esta que se transmite inter subjectiva e transgeracionalmente.

Dificuldades clínicas, nomeadamente o insucesso terapêutico, e a insuficiência dos conceitos clássicos levaram um outro leque de autores (Guillaumin, Kaës, Green, Missenard, Rosalato, Bion, entre outros), a revisitarem Freud e propor uma nova linguagem. O negativo e da negatividade não constituem, por isso, uma nova teoria, mas uma nova linguagem que parece ser mais adequada para comportar o fenómeno borderline e a negatividade que o atravessa e, ao mesmo tempo, suportar novas abordagens terapêuticas. Assim surgiram conceitos como: vazio, desamparo, falta, perda, ausência, não-Eu, in-completude, sem-sentido, negatividade, nada, etc., sendo de realçar como conceitos abrangentes o negativo e o negativismo.

Na perspectiva pulsional de Green(1993), autor incontornável juntamente com Bion, o negativo e o negativismo revelaram-se associados à construção ou à destruturação do Eu e do objecto. Neste sentido, o desamparo é uma condição da espécie, um problema a resolver, podendo a sua resolução, se for positiva, conduzir à estruturação psíquica, mas se for negativa dá conta de uma fuga da realidade pela via desorganização ou destruturação psíquica (A. Dias, 2004).

Green (1993) enfatizou, no trabalho do negativo estruturante, que a acção ligante e vinculante do desejo, sob a influência de Eros, conduz à integração das pulsões e à representabilidade. Neste processo, porém, a pressão do desejo está submetida ao controlo dos mecanismos de defesa primários e secundários (mecanismos negativantes com função de ligar e desligar) que, em nome das exigências da realidade, impõem, no miolo psíquico, uma triagem silenciosa e implacável do aceitável ou não-aceitável, do permitido ou do interdito. Neste sentido, o recalçamento, herdeiro da evolução dos mecanismos primários, tem como finalidade, nas fases mais avançadas, dominar a violência pulsional e realizar a integração das pulsões, possibilitar a integração do Eu e promover as ligações, credibilizar o amor do objecto e sustentar o do Superego.

Este trabalho do negativo transforma-se, porém, em negativismo quando a pulsão de morte, devido a fragilidades constitucionais (intolerabilidade à frustração) e/ou objectais (uma “mãe suficientemente má”), encontra vias de passagem e coloniza os mecanismos de defesa primários, anulando, ao mesmo tempo o desejo. Invertendo a função das defesas primárias (proteger o Eu da pulsão de morte) e perpetuando de forma crónica a sua acção, coloca-as ao seu serviço e transforma-as em agentes infatigáveis na desligação e desobjectivação psíquica. Não atacam o Eu, mas, deformando-o, passam a destruir todas as funções de ligação e vinculação e bloqueiam os processos de integração do Eu e do objecto, o desenvolvimento psíquico, dando conta da acção implacável do negativismo. A ausência torna-se então um lugar vazio, frio e reivindicativo, um lugar-representação do abandono insuportável e promotor de um falso Self.

Bion enfatizou o processo de estruturação mental através da capacidade negativa do sujeito. Partiu da ideia de que a fundação do pensar e do pensamen-

to, da capacidade de simbolização, tem como ponto de partida a frustração provocada pela ausência de objecto, face à qual o sujeito tem duas saídas que manifestam o negativo ou o negativismo: modificar a frustração pela construção de um aparelho de pensar e do pensamento, ou a fuga pela negação da realidade para anular a dor insuportável do desamparo. Desta forma, o pensamento dá conta de uma realização negativa (acasalamento entre uma pré-concepção e uma frustração), que se estabelece como uma relação continente-conteúdo positiva e mutuamente proveitosa e tem como modelo e suporte inicial a relação mãe-bebé prazerosa, contentora e metabolizadora. O desamparo resolve-se, segundo este processo, pela via do pensamento. Modificar a frustração significa pensá-la, dar-lhe um significado, metabolizá-la num símbolo que passa a representar a “não-coisa” no lugar onde o objecto está ausente, tornando a ausência suportável. Neste sentido, o lugar do objecto interno evoca a ausência, é um lugar negativo por excelência, uma cicatriz do desamparo. O sujeito tem de aceitar perder o objecto fora para o poder ter dentro e resolver o vazio da ausência. No lugar do objecto perdido instala-se então uma comunicação simbólica que torna possível o pensamento como saída psíquica para a crise da ausência (A. Dias, 1999). Deste modo, a simbolização revela que o acesso à genitalização foi conseguido, que o interdito foi reconhecido e aceite; dá conta da capacidade de adiar e transferir a satisfação, da possibilidade de estabelecer relações objectais modeladas. A simbolização conduz, então, à ideia de um espaço mental criativo, aberto ao infinito e tolerante à dúvida, onde predomina o vínculo do conhecimento e os mecanismos integrativos, como foi referido nos procedimentos e que o Rorschach permite observar. Neste sentido, a acção do negativo estruturante

vai ao encontro da sugestão de A. Dias (1999), segundo o qual a capacidade de estruturar a ausência dá conta da capacidade de estruturar o psiquismo.

Bion, tendo em conta a acção do negativo estruturante, admitiu uma segunda via alternativa ao processo de simbolização que suporta a situação borderline em seu funcionamento mais adaptado. Esta situação, apesar da intolerância à frustração, surge fundamentalmente quando o sujeito não sofre o incomodo de qualquer conflitualidade ou ansiedade e tem subjacente o acesso à separação primária. Deste modo, a relação continente-conteúdo positiva estabelecida não cria um objecto simbólico, mas, revelando uma omnisciência no lugar do vínculo do conhecimento e a predominância dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos, produz um objecto “assimbólico” (A. Dias, 2004) ou pré-simbólico (Brown, 1987), portador de inquietações e preocupações pré-genitais e, por isso, incapaz de constituir um significado útil para a ausência. Segundo A. Dias (2004) isso deve-se a uma identificação incompleta e defeituosa ao continente materno, consequência de um objecto primário emocionalmente indisponível e possivelmente agressivo, e de uma função alfa deficiente devido à pressão exercida pela identificação projectiva. São condições que bloqueiam o processo de simbolização e revelam a presença de um espaço mental separado, adaptativo e conformista, descrito nos procedimentos. O Rorschach deu conta deste espaço mais evoluído e adaptativo do sujeito, como se pode verificar no protocolo analisado, revelador de ancoradouros psíquicos.

Bion admitiu, tendo em conta o negativo estruturante, uma segunda via alternativa ao processo de simbolização que dá conta da possibilidade de um negativo estruturante bloqueado e que suporta a situação borderline em seu funcionamento mais adaptado. Há sujeitos que estabelecem uma relação conti-

nente-conteúdo positiva que não conduz à simbolização, mas dá conta de uma omnisciência no lugar do vínculo do conhecimento e da predominância dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos (PS←D). Os objectos produzidos dão conta então de fragilidades, inquietações e preocupações que lhes dão uma natureza pré-simbólica (Brown, 1987) ou assimbólica (A. Dias, 2004). Tudo se deve, segundo A. Dias ao facto de o sujeito realizar uma identificação à função continente incompleta e defeituosa e apresentar uma função alfa deficiente e dominada pela identificação projectiva, estando na base destes processos identificatórios uma intolerabilidade à frustração e um objecto primário emocionalmente indisponível e possivelmente agressivo. São condições que prejudicam o processo de simbolização e, por isso, impedem uma elaboração adequada do desamparo, revelando uma acção bloqueada de um negativo estruturante e a promoção, como foi apontado nos procedimentos e a que o Rorschach foi sensível, de um espaço psíquico conformista.

Porém, quando a capacidade para suportar a frustração se revela insuficiente, em vez de um pensamento forma-se um objecto mau, bizarro, destinado a ser evacuado. Frente à frustração só resta a fuga psíquica para evitar a intolerabilidade da dor da perda/ausência, passando a ser atacados os vínculos e todas as funções de ligação pela mobilização dos mecanismos primários. Em vez de um aparelho de pensar, dá-se o desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva, ficando a psique dominada pelo negativismo cujo funcionamento segue uma lógica evacuativa. Esta modalidade negativista de resolução da perda/ausência conduz à construção de um espaço psíquico mal separado, defensivo, habitado por objectos bizarros, constituindo uma relação continente-conteúdo negativa e parasitária, fundada num continente permeável e

instável, associado e numa função beta em vez de uma função alfa. Desta forma, o sujeito vê-se incapaz de metabolizar os conteúdos dolorosos e frustrantes e, sem a função metabolizadora alfa, vive a frustração como uma “coisa-em-si” e transforma-se em elemento beta que nem serve o pensamento nem pode ser utilizada como barreira de contacto, servindo apenas para ser evacuada e ficando a via aberta para o pensamento secundário ser invadido pelo primário. O resultado é catastrófico, pois o sujeito, incapaz de dar um sentido à ausência, vive-a como um vazio doloroso e insuportável, recorrendo ao retraimento narcísico (situação verificada quase em exclusivo no protocolo através do pólo mais regrediente do sujeito) ou acusando sistematicamente o objecto externo como responsável do desamparo e reivindicando o seu dever de ser “prótese” para a ausência. Desta forma, o espaço psíquico, tal como foi descrito nos procedimentos, se é habitado pelo ódio e pela inveja, apresenta-se evacuativo para o exterior, agredindo e acusando; se é dominado pelo ódio e pela culpa, apresenta-se retraído e deprimido, agredindo o próprio Self e clamando por piedade. O Rorschach mostrou-se sensível a esta problemática negativista que percorre de forma expressiva o protocolo analisado, dando conta do poder destruturante da ansiedade provocada pela perda/ausência.

A linguagem do negativo e da negatividade parece ter a possibilidade de dar conta dos processos e bloqueios que se verificam no sujeito borderline. Permite compreender a sua (des)truturação de uma forma transversal, pondo em destaque os movimentos mais progredientes e os mais regredientes, a suas duas formas de funcionamento.

III

A modificação da técnica Rorschach para a observação do negativo e do negativismo não foi uma tarefa simples. Não se pode contar com a ajuda de literatura, pois esta parece ser inexistente nesta temática específica. Pensou-se inicialmente em construir uma grelha de análise, mas dadas as dificuldades optou-se por um caminho mais humilde. Neste sentido, foi seguida uma lógica descritiva pela observação da acção do negativo ou negativismo de resposta a resposta e cartão a cartão, tendo como base o processo-resposta Rorschach e em atenção a qualidade dos factores Rorschach.

Para a realização do trabalho de modificação da técnica, foi tido como ponto de partida a grande dificuldade do sujeito na elaboração da perda/ausência e a sensibilidade do Rorschach a esta problemática (Chabert, 1998/2000). Acreditou-se que lhe estava associado o vazio ruidoso provocado pela ausência de um objecto interno narcisicamente securisante, a natureza “assimbólica” (ou o sem sentido no funcionamento desorganizado) do pensamento (A. Dias, 2004), a presença crónica dos mecanismos de defesa primários, nomeadamente a clivagem e a identificação projectiva (Brown, 1987; Kernberg, 1974/2001; Bergeret, 1999), e o estabelecimento de relações objectais anaclíticas (Bergeret, 1999) onipotentes e crispadas.

Teve-se também em conta que a acção do negativo está associado ao tecer dos processos psíquicos, preside à integração das pulsões, influencia a construção dos objectos internos e suas relações, isto é, está presente aos processos que conduzem à elaboração da perda/ausência ou que a impedem, influenciando-os a partir dos bastidores psíquicos (Green, 1993). Neste sentido, a simbolização,

no seguimento de Bion, foi vista como a consequência de um trabalho do negativo estruturante e construtora de um espaço psíquico criativo, de uma elaboração eficaz da perda/ausência, da frustração. A ausência de simbolização e a produção de objectos bizarros, pelo contrário, surgiu como testemunho da acção destruturante e implacável do negativismo através de mecanismos de desligação e desobjectalização. O desejo, função ligante de Eros, foi por isso, negado ou anulado. O Rorschach, sendo uma situação disruptiva, tinha a possibilidade de dar conta do modo como o sujeito resolveu ou negou a perda/ausência.

O problema da perda/ausência, ao impor uma resolução pela elaboração ou pela fuga, constituiu, assim, um interface para compreender e interligar a acção do negativo e do negativismo, o trabalho psíquico e o processo-resposta Rorschach, dando este a possibilidade de aceder aqueles a partir do processo de produção de um “novo objecto”. Este processo, quando ligado ao negativo estruturante, dá conta de uma relação continente-conteúdo, através de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, entre subjectivação e objectivação, entre os objectos internos e o objecto externo-Rorschach (E. Marques, 1999). A relação continente-conteúdo, inscrita no processo-resposta Rorschach, surge então como um lugar por excelência de revelação do negativo e do negativismo, e tem em Bion (e em E. Marques para o Rorschach) o seu suporte teórico.

Podendo o Rorschach dar conta da elaboração ou da fuga do sujeito face à perda/ausência, compreendeu-se que o “novo objecto” Rorschach tinha a categoria de símbolo quando era originário de uma relação continente-conteúdo positiva e mutuamente proveitosa e dava conta da acção do negativo estruturante. Pelo contrário, quando o “novo objecto” era produto da identificação projec-

tiva (um “objecto bizarro”), estava-se frente ao negativismo. A literatura indicava ainda uma hipótese intermédia: o objecto produzido por uma relação continente-conteúdo positiva podia não ter a natureza de símbolo, nem de objecto bizarro, mas apresentar-se como um “pré-símbolo” (Brown, 1987) ou “assímbolo” (A. Dias, 2004), dando, neste caso, conta de inquietações ou preocupações pré-genitais. Seria testemunho de um negativo estruturante cuja acção se encontrava bloqueada.

Impôs-se, por isso, uma dissecação do processo-resposta Rorschach, no seguimento de E. Marques (1999), e uma análise dos mecanismos progredientes e/ou regredientes que lhe são inerentes, para tornar o mais visível possível a acção do negativo e do negativismo em momentos chave do processo. Para que os momentos significativos desta análise tivessem um suporte e dessem visibilidade ao negativo e ao negativismo, foi necessário ter em conta os factores Rorschach estudados por Chabert (1983/1998). Considerou-se ainda de interesse as características sensoriais, estruturais e simbólicas dos cartões, pois elas podiam pôr em jogo movimentos regredientes e progredientes, solicitar ou calar dinâmicas pulsionais, despertar o pensamento primário ou secundário, janelas abertas para o negativo e negativismo. Foi considerada também a transição de resposta a resposta e de cartão para cartão, pois podia fazer emergir os mecanismos dispersivos, nomeadamente da clivagem.

Na dissecação da relação continente-conteúdo, verificou-se que esta podia ser positiva, potencializadora da criação de símbolos, se tivesse como suporte uma função continente com fronteiras estáveis e seguras e a função metabolizadora alfa. Daria conta de um negativo estruturante criativo e promotor de um espaço mental tolerante à dúvida e aberto ao infinito. Caso contrário,

uma relação continente-conteúdo negativa, consequência de um continente poroso e instável e de uma função beta, produtora de objectos bizarros e evacuativa, apontaria para o negativismo e para a presença de um espaço mal separado, defensivo dominado pelos mecanismos dispersivos e habitado pelo ódio e pela inveja ou pela culpa. Na hipótese intermédia, função de um negativo estruturante bloqueado e promotor de um espaço mental conformista, os pré-símbolos resultariam de uma relação continente-conteúdo positiva, mas com dificuldades de metabolização devido a uma identificação à função continente incompleta e inadequada e uma função alfa fragilizada pela pressão da identificação projectiva. Obtinha-se, assim, uma associação entre uma relação continente-conteúdo positiva e o negativo estruturante, e uma ligação entre uma relação continente-conteúdo negativa e o negativismo.

Delimitaram-se depois os dois momentos ou etapas da formação da relação continente-conteúdo, momentos decisivos na revelação do negativo e do negativismo: a formação de um continente pela separação figura/fundo e a relação dinâmica (o trabalho de ligação, transformação, criação) continente-conteúdo. Acreditou-se que a análise dessas duas etapas, que geralmente são simultâneas, dariam conta das sutilezas da acção do negativo ou do negativismo.

Em relação ao primeiro momento, fundou-se a diferenciação entre o negativo e o negativismo sobre a qualidade da diferenciação-separação figura/fundo, isto é, da qualidade do continente. Assim, uma apreensão bem vista ($G, D, Dd, Dbl \rightarrow F+$) teria como corolário um continente separado, função do negativo estruturante, e uma apreensão mal vista ($G, D, Dd, Dbl \rightarrow F-, F_{\pm}$ ou F ausente), um continente mal separado, instável e permeável, função do negati-

vismo. O determinante formal, expresso directamente ou associado a outro determinante, constituiu-se, portanto, como o decisor fundamental na avaliação da qualidade positiva ou negativa do continente e conseqüentemente da qualidade positiva ou negativa da relação continente-conteúdo. Não se está frente a uma questão de pormenor. A diferenciação e separação figura/fundo, sendo conseguida, é função da separação Eu/não-Eu, dentro/fora, interno/externo, sujeito/objecto, tem conotações psíquicas. Dá conta da saída da fusão, do acesso às identificações primárias, da integração do casal parental combinado, primeiro patamar da estruturação psíquica. A indiferenciação figura/fundo, pelo contrário, dá conta das dificuldades de separação Eu/não-Eu, revela fusão sujeito/objecto. A literatura dá conta que o borderline atingiu o primeiro patamar e por isso beneficia da prova da realidade e não mergulha na psicose quando se desorganiza, mas não acedeu às identificações secundárias.

O segundo momento incidia sobre o trabalho de ligação, transformação e criação através do seu resultado: o conteúdo. Desta forma, a análise dos conteúdos permitia realizar uma subdivisão nos processos ao nível do negativo estruturante e ao nível do negativismo. Neste sentido, o trabalho de uma relação continente-conteúdo positiva, fruto de um continente separado, podia ter dois destinos: a criação de símbolos e promoção de um espaço mental criativo, se o vínculo do conhecimento (+K) estivesse presente, bem como a prevalência de mecanismos integrativos ($PS \leftrightarrow D$), ou a produção de pré-símbolos se verificasse um bloqueamento na capacidade de simbolização, a prevalência dos mecanismos dispersivos sobre os integrativos ($PS \leftarrow D$) e a onisciência (K!!) no lugar do vínculo do conhecimento, levando à manifestação de inquietações e preocupações pré-genitais. Do mesmo modo, uma relação continente-conteúdo negati-

va, consequência de um continente mal separado e permeável, de uma função beta e de mecanismos dispersivos (PS), produtora de objectos bizarros, podia ter dois destinos evacuativos: para o exterior, expulsando o mau objecto, ou no interior, no Self devido à acção do ódio contra si mesmo, da culpa, veiculando a dor do desamparo, insuficiência, incapacidade. O primeiro caso seria promotor de um espaço mental evacuativo e agressivo e o segundo de um espaço mental retraído e deprimido.

IV

A modificação da técnica não aumentou a capacidade diagnóstica do Rorschach. E, sob este ponto de vista, o presente estudo não trouxe nada de novo, o que pode ser considerado como uma fragilidade do mesmo. A preocupação, com efeito, não esteve em aumentar a capacidade diagnóstica do Rorschach. Este estudo não se inscreve num modelo experimental, nem segue uma lógica empírica e de experimentação. Trata-se de um estudo Rorschach que dá conta de uma perspectiva outra de aproximação à realidade íntima do sujeito a fim de enfatizar elementos da sua singularidade. Neste sentido, o Rorschach, como técnica projectiva que tem por referência interpretativa o modelo psicanalítico, permite aceder à verdade psicológica e destacar o modo único como o sujeito se organiza ou desorganiza, a qualidade dos seus objectos e suas relações. Deve dizer-se, no entanto, que o uso normal do Rorschach não é de menosprezar. Kernberg (1975/2001) dá conta da sua importância na determinação da patologia borderline, nomeadamente na identificação da perturbação egóica típica.

A preocupação esteve em torná-lo sensível ao negativo e ao negativismo, pelo enriquecimento com novos conceitos, a fim de observar o sujeito sob um novo ângulo: o modo como reconheceu e elaborou ou não a perda/ausência e, deste forma, como se fez a estruturação ou destruturação da realidade interna. Neste sentido, acreditou-se que a observação da verdade interna do sujeito, a partir da elaboração ou da negação do desamparo, poderia dar conta de potencialidades e ancoragens psíquicas, ou de fragilidades e lugares de bloqueio, podendo iluminar abismos e destacar ancoradouros onde a intervenção clínica pudesse lançar amarras e criar oportunidades de ligação e crescimento. Na verdade a patologia borderline revela-se resistente e refractária aos processos terapêuticos, provoca elevados custos económicos sem benefícios evidentes, invade e parasita nas instituições de saúde, absorvendo a disponibilidade dos técnicos sem se deixar domar de forma significativa, e exige disponibilidade às famílias sem que estas tenham grandes retornos por um reequilíbrio emocional duradouro.

Pode-se dizer que os resultados deste estudo não são tão expressivos como seria de esperar, nem de leitura tão simples e imediata. A elaboração dos parâmetros de observação para o Rorschach revestiu-se de alguma dificuldade. Ficou a evidência, no entanto, da capacidade do Rorschach para dar conta da acção do negativo e do negativismo, constituindo um desafio à realização de novos trabalhos futuros. Ficou a convicção, por isso, de que foi possível verificar, tendo em conta Green, por um lado, e Bion, por outro, a forma como os mecanismos dispersivos, nomeadamente a identificação projectiva, a negação e a clivagem, impediram a conclusão do primeiro e/ou do segundo momento da estruturação psíquica, impossibilitando a simbolização pelo estabelecimento de

uma relação continente-conteúdo positiva e criativa. Daí resultaram dois modos de funcionamento produtores de instabilidade. No pólo regrediente e destruturante, face à forte ansiedade provocada pela disruptividade da situação, à dor do desamparo, a acção massiva e desligante dos mecanismos dispersivos, agentes ao serviço do negativismo, minou o trabalho de diferenciação-separação figura/fundo, função da separação eu/não-Eu, e impediu a formação de um continente seguro, estável, aberto e promotor da metabolização. Desta forma, a realidade interna encontrou caminho aberto e invadiu a externa para anular a dor do desamparo e promover uma relação continente-conteúdo negativa e produtora de objectos sem qualquer significado útil e, por isso, agentes de sofrimento e destinados a ser evacuados. Sempre que a ansiedade ou a conflitualidade desaparecia, abrandava da pressão dos mecanismos dispersivos e deu-se o estabelecimento de um determinado nível de ligações que possibilitaram a formação de um continente separado, mas os mecanismos dispersivos acabaram por perturbar o trabalho de ligação, transformação e criação realizado pela relação continente-conteúdo positiva, resultando daí a formação de pré-símbolos em vez de símbolos. Os mecanismos dispersivos, parasitados pela pulsão de morte e bloqueados em sua evolução para mecanismos progredientes, bloquearam o desenvolvimento do sujeito à condição pré-genital, ficando, por isso, incapaz de significar a ausência e de a resolver. O Rorschach, através do processo-resposta Rorschach, permitiu dar conta do modo de acção e pressão dos mecanismos dispersivos, da sua função destruturante na relação continente-conteúdo, deixando ver a desorganização que provocaram. Mas também permitiram ver os ancoradoiros disponíveis para lançar ligações, lugares abertos à progressão, lugares a ser “usados” quando a pressão diminui substancialmente.

Ficou a convicção de que, se o Rorschach é um importante instrumento de avaliação, também o é ao nível da observação e da investigação clínica. Ao ser enriquecido com novos conceitos, permite novos ângulos da aproximação à realidade psíquica e abre a possibilidade de novas abordagens terapêuticas. Este facto dá conta, por um lado, da capacidade de expansão deste instrumento e, por outro, de que, tendo como paradigma de interpretação o modelo psicanalítico, tem a vantagem de falar a mesma linguagem que a clínica, proporcionando um acesso directo à construção da verdade íntima do sujeito. Aquando da discussão do protocolo foi referida essa vantagem dada pelo Rorschach em relação ao sujeito em estudo. Com efeito, em oposição às inquietações associadas ao objecto materno, o objecto paterno, apesar de despulsionalizado, constituiu um ancoradouro potencializador de um desenvolvimento possível. Isso foi aproveitado na clínica e, numa consulta de “follow-up”, o sujeito deu conta da transformação realizada ao adoptar um novo posicionamento na relação com os objectos materno e paterno e ao mundo.

Por último, este trabalho, inicialmente sentido como difícil e provocador do narcisismo pessoal, acabou sendo apaixonante e benéfico pelo aprofundamento teórico que proporcionou. É um pequeno e modesto contributo para o estudo do Rorschach. Dá conta da capacidade deste instrumento em suportar novos conceitos em função da clínica. Apesar das fragilidades que afectam este estudo, constitui um desafio a ser continuado a fim de constituir para o Rorschach parâmetros de análise mais pertinentes que permitam operacionalizar com mais eficácia a observação da negatividade que atravessa a patologia borderline e, deste modo, contribuir para abordagens terapêuticas mais profícuas.

BIBLIOGRAFIA

- Andronikof-Sanglade, A. (1990) – La représentation de soi: um concept fécond pour la psychologie clinique et projective. In *Bulletin de la Société du Rorschach et des Methodes Projectives de Langue Francaise*, 34, 9-15.
- Bergeret, J. (1991) – *Personalidade Normal e Patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brown, L. (1987) – Borderline personality organization and the transition to the depressive position. In Solomon, M., Lang, J. & Grotstein, J. (Edt.) - *The borderline patients*. vol.I, pp. 147-180.
- Bion, W. R. (1994) – *Estudos psicanalíticos revisados*. Brasil: Imago Editora, Lda.
- Chabert, C. (1983/1998) – *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1998/2000) – *A Psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dias, A. (1984) – Ayudas a la comprension del síndrome borderline en la adolescencia. In *Revista de Psicoterapia y Psicossomatica*, 8, pp.55-77.
- Dias, A. (1999) – *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de século Edições Lda.
- Dias, A. (2004) – *Costurando as linhas da psicopatologia borderland*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fairbairn, R. (1944/2000) – Estrutura endopsíquica considerada em termos de relações de objecto. In Fairbairn, R. (2000) - *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. pp.111-175; Lisboa:Veiga Editora.
- Fleming, M. (2003) – *Dor sem nome*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Gabbard, G. (1992) – *Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica*. Porto Alegre: A. Médicas.
- Giovacchini, P. L. (1987) – The borderline state, the transitional object, and the psychoanalytic paradox. In Solomon, M., Lang, J. & Grotstein, J. (Edt.) - *The borderline patients*. vol.I, pp. 181-204

- Green, A. (1986) – Le travail du négatif. In *Revue Française de Psychanalyse*, 1/1986, 489-493.
- Green, A. (1993) – *Le travail du négatif*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Green, A. (1988) – *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. S. Paulo: Editora Escuta.
- Grinberg, L., Sor, D. & Tabak de Bianchedi, E. (1991) – *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Tecnipublicaciones, S.A.
- Guillaumin, J. (1987) - *Entre blessure et cicatrice*. Seyssel: Editions du Champ Vallon.
- Guillaumin, J. (1989) – Étrange espèce d'espace ou la pensée du négatif dans le champ de la Psychanalyse. In (obra colectiva) – *Le négatif: figures et modalités*, pp.23-46. Paris: Dunod.
- Gunderson, J. G. (1987) – Interfaces between psychoanalytic and empirical studies of borderline personality. In In Solomon, M., Lang, J. & Grotstein, J. (Edt.) - *The borderline patients*. vol.I, pp. 37-59.
- Joan & Symington (1999) – *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- Laplanche, J. & Pontalis. J.B. (1990) – *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lang, A. J., Grotstein, J.S. & Solomon, M.F. (1987) – Convergence and controversy: I.Theory of the Borderline. In In Solomon, M., Lang, J. & Grotstein, J. (Edt.) - *The borderline patients*. vol.I, pp. 395-422.
- Lerner, P. M. (1991) – *Psychoanalytic Theory and the Rorschach*. Hillsdale/London: the Analytic Press.
- Kaës, R. (1988) – Destins du Négatif: Une metapsychologie transsubjective. In (obra colectiva): *Pouvoirs du négatif*, pp. 40-48. Seyssel: Editions Champ Vallon.
- Kernberg, O. (1986) – Borderline personality organization. In Stone & Mitchek (Edt.) – *Essential papers on borderline disorders*, pp.279-319.
- Kernberg, O. (1975/2001) – *Desordenes fronterizos y narcisismo patológico*. Barcelona: Ed. Paidós Iberica, SA.
- Kristeva, J. (1987) – Commentaires sur le texte de J. Guillaumin. In (obra colectiva) – *Le négatif: figures et modalités*, pp.47-56. Paris: Dunod.

- Masterson, J. F. (1987) – *Borderline and narcissistic disorders: an integrated developmental object-relations approach*. In In Solomon, M., Lang, J. & Grotstein, J. (Edt.) - *The borderline patients*. vol.I, pp. 205-217.
- Missenard, A. & Gutierrez, Y. (1989) - «Être ou ne pas être» em group. Essai clinique sur le negatif. In (obra colectiva) – *Le négatif: figures et modalités*, pp.57-77. Paris: Dunod.
- Missenard, A. (1987) – Introduction: Repérage du négatif aujourd’hui. In (obra colectiva) – *Le négatif: figures et modalités*, pp.1-8. Paris: Dunod.
- Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994) – O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. In *Análise Psicológica*, 4 (XII), 459-462.
- Marques, M. E. (1996) – Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 45-52.
- Marques, M. E. (1999) – *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Painchud, G. & Montgrain, N. (1991) – Limites e estados limite. In Bergeret, J. & Reid, W. – *Narcisismo e estados limite*, pp.43-51. Lisboa: Escher.
- Rosalato, G. (1987) – Le négatif et son lexique. In (obra colectiva) – *Análise Psicológica*, pp.8-22. Paris: Dunod.
- Rosenberg, B. (1988) – Pulsion de mort, négation et travail psychique: ou la pulsion de mort mise au service de la défendse contre la pulsion de mort. In (obra colectiva): *Pouvoirs du négatif*, pp. 65-73. Seyssel: Editions Champ Vallon.
- Traubenberg, N. R. (1970) – *La pratique du Rorschach*. Paris:PUF.
- Winnicott, D.W. (1962/1990) – A integração do Ego no desenvolvimento da criança. In Winnicott, D. W. – *O ambiente e os processos de maturação*. (3ª edição, pp.129-139. Porto Alegre. (Obra original publicada em 1960/1979).
- Zimerman, David E. (1995) – *Bion: da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anexo I

Protocolo do Pedro

Car	T.	Respostas	Inqu/Resp. Ad.	Cot.
I	2s	1- Parece um morcego 2- Cara um pouco esquisita, cara má	Em G-olhos- dbl sup, boca – dbl inf e negro/cinza Em G. Inclui os dbl	G F+ A/Ban G bl kp Hd
	50s	3- ↓ Pessoa triste, abatido.		G bl K H
II	15s	4- Parecem duas pessoas unidas É um espelho, dum lado faz igual ao outro	Cabeça- D ver; corpo- cinza; mãos –D central sup. Igual, cópia. É uma pessoa, está triste. Do outro lado igual. É uma imitação. Em G bl –Cabeça-Verm sup asas-cinza, garras-verm.inf.	G K H Com. Sim.
	65s	5- ↓ Assim parece uma águia		G bl F- A
III	12s 40s	6- ↓ Parece uma pessoa vitoriosa. Orgulho	Em G bl: braços –negro later Corpo todo o branco interior Inq. «Não te parecem 2 pessoas?» «Não»	G bl K H
IV	20s 45s	7- ↓ Parece um dragão. Não se consegue ver a cara .	De costas.	G Fclob (A)
V	10s 51s	8- Parece um símbolo ↓ ...A liberdade	Só me parece um símbolo Tem asas e garras	G F- Simb
VI	5s 51s	9 - Parece uma pessoa ↓ parece uma pessoa mas está só... Parece ter uma alma gémea (pôs a mão ao meio) Parece haver um espelho	Em G Cabeça-parte sup, mãos Dd lateral.	G K H
VII	5s	10- Duas raparigas	Em G- Estão de costas e as cabeças estão voltadas Cabeça –D inf, corpo-D médio, pernas –D sup. Ou seja, é um inversão do ante- rior, estão unidas e estas separadas.	G K H G K H
	55s	11- ↓ Pessoas que se separam contrariadas		
VIII	12s	12- Parece um homem de cabelos compridos, forte. É um guerreiro	Em G	G K H
	75s	13- Sei lá, uma armadura 14- ↓ Isto é uma cara com bigode e pêra. Parece um sorriso.	Em G bl- olhos-rosa, boca o bl entre rosa e verde	G F- Obj G bl kp Hd
IX	4s	15- Uma flor	Em G –Rsa-terra, verde- folhas, parte sup.pétalas.	G CF Plant
	52s	16- ↓ parece um leão em cada um dos lados	No verde.	D F- A
X	12s 20s 50s	Não reconheço. 17- Parece uma cara com olhos grandes, bigode, cabelo, uma pêra e um sorriso. Mais nada. ↓ Mais nada.	Olhos-azul interior; Nariz- Dd interior cinza (coelho), bigode –verde; cabelo-rosa. É uma salpicada, não se percebe.	Choque D bl F- Hd

Escolhas

- (+) – Pranchas V «*a liberdade*» e VIII «*um sorriso*»
 (-) - Pranchas I - «*solidão*»

Psicograma

<p>R: 17 T. Total: 9m T/R: 32s T. Lat. M. 10,5s</p> <p>TRI = 7K > 1C (Introversivo misto)</p> <p>F.C. = 2kp/0E</p>	<p>G: 15 [↑G%=88,2%]</p> <p>D: 2 [↓D%=11,8%]</p> <p>Dbl : 6</p>	<p>F=7 F+: 2 F- : 5 F%= 47,4%↓ F%A=89,5% F+% =69%↓ F+%A=50%</p> <p>K : 7 (K- =5) kp : 2 CF: 1</p> <p>→Clob: 1</p>	<p>H : 7 H%= 52% Hd: 3 A : 3 A% =16% (A): 1</p> <p>Plant: 1 Simb: 1 Obj: 1 Ban: 1 C. Sim. : 1 Choque: 1</p>
---	---	--	---

Anexo II

O conteúdo latente segundo Rausch

A partir da análise dos protocolos do Rorschach, segundo Chabert (1998), verifica-se que há temas que aparecem de uma forma frequente em certos cartões levando os autores a considerarem que os indivíduos são induzidos pelo material a abordar determinadas solicitações fantasmáticas, simbólicas ou afectivas. Desta forma, a referida autora, condensa na sua obra -“*O Rorschach na Clínica do Adulto*”- o contributo com que um importante grupo de autores foi enriquecendo a análise simbólica do conteúdo latente do Rorschach. Todos esses estudos são ricos em suas convergências e divergências, refere. No entanto, são de realçar, segundo a autora, as convergências existentes entre os eles.

De entre os diversos contributos, tomamos a proposta de análise do conteúdo latente dos cartões de Rausch de Trubenberg (1970/1997; ver tb. Chabert, 1998, p. 68-70). Rausch, considerando o Rorschach fora do contexto da aplicação, enfatiza as problemáticas específicas de cada cartão. Dá conta da descontinuidade e das rupturas existentes entre os diversos cartões, pois o seu valor simbólico não é unívoco. O material pode, desta forma, despertar um funcionamento mais evoluído, secundário e adaptativo ou um funcionamento mais regressivo.

Rausch apresenta a análise dos cartões em referência aos seus três aspectos fundamentais: «*as características perceptivas do estímulo, a tonalidade emocional geralmente suscitada e as significações simbólicas latentes privilegiadas*» (opus cit. p.191).

Limitar-nos-emos a uma resenha da tonalidade emocional e das características simbólicas (Rausch, 1970/1997, p.192-202; Chabert, 1998, 68-70)

Cartão I – A tonalidade emocional é frequentemente disfórica, marcada pela entrada numa situação desconhecida, e camuflada por referências formais banais geralmente em G.

- O valor simbólico está ligado à situação de entrada numa situação desconhecida, por um pôr à prova que força o sujeito a uma conduta socializada pela via passiva (uma

mancha neutra), ou a mobilizar activamente as defesas. A um nível menos evoluído, é reactivada a relação à mãe pré-genital, onnipotente, com os seus aspectos positivos ou negativos, imagens de segurança ou ameaça. O aspecto tripartido pode conduzir a cenas relacionais em que o perigo da pode estar presente.

Cartão II – A carga emocional é fortemente sentida através de um simples mal-estar, de uma excitação positiva ou de uma reacção negativa, de recusa.

- A solicitação simbólica é diferentemente sentida conforme provem do conjunto muito carregado (negro+vermelho+branco) ou de uma abordagem mais circunscrita ao vermelho, ao buraco branco ou ao negro. Superficialmente e de maneira geral, o vermelho reenvia às diferentes pulsões agressivas e/ou sexuais a um nível mais evoluído –luta e competição- ou a nível mais primário –destruição, explosão, dispersão. A problemática de castração é frequente, bem como angústia de castração e defesas afins. O cartão é bissexual nas suas formas e, por isso, pode desencadear respostas específicas, se tal é a problemática do sujeito. Apreendido globalmente, pode provocar fantasmas ligadas à problemática pré-genital de nascimento, de relações precoces com a mãe, simbióticas e/ou destrutivas.

Cartão III – A carga emocional é geralmente positiva. Com uma estrutura menos concentrada e pesada, o cartão permite descontração e causa prazer, salvo se a relação entre personagens é problemática, ou se elas pertencem a um mundo irreal maléfico, ou ainda se são desvitalizadas.

- A significação simbólica dominante resulta da disposição espacial das silhuetas humanas que, aqui, se impõem. A necessidade de representação d si face ao outro e o tipo de relação «convergente ou divergente» podem também ser expressos. A problemática da identificação está aqui presente. Os personagens geralmente vistos como sexualizados e em acção podem ser reduzidos a estátuas, coisas, desvitalizados ou transformados em imagens internas (de dentro) tomando a projecção o lugar do relacional. Em posição invertida (V) favorece a percepção de um ser irreal poderoso e ameaçador. A insistência no vermelho mediano pode constituir uma referência ao interior do corpo.

Cartão IV – A tonalidade emocional é quase sempre disfórica. A intensidade e a dispersão do preto provoca reacções de angústia, a sideração ou grande desconforto e mal-estar. A depressão pode estar subjacente a certas respostas.

- A solicitação simbólica é tributária do estímulo negro, grande, disperso, com a forma humana em filigrana. Imagem de potência, de força, de dominação, mesmo de autoridade, o cartão desperta tomadas de posição de domínio ou submissão, de actividade ou passividade, sendo considerado que o papel superegóico pode muito bem ser o de uma imagem paterna, a não ser que, no quadro de uma importante relação a dois, apareça uma imagem materna onnipotente. O carácter bissexual do cartão é de notar, mas a valorização fálica do D médio (“coroa”, “castelo”) é geralmente mais observada.

Cartão V – A tonalidade emocional é geralmente neutra uma vez que o cartão está (e é o mais) próximo da realidade objectiva. A persistência de uma situação ansiosa provocada pelo cartão anterior pode produzir uma situação disfórica. A euforia pode surgir com imagens de valorização narcísica, ou alívio, no reconhecimento de uma realidade objectiva.

- Pela sua estrutura unitária, o cartão força a adaptação à realidade e comporta um apelo ao sentimento de integridade, integridade física e somática que pode ser posta em causa por estados de sofrimento ou malformações fantasmáticas. O sentimento de integridade parece dar conta do sentimento de si, de unidade do Ego. A recusa da prancha faz supor uma luta massiva contra a desorganização das coisas e de si ou uma incapacidade para abordar a realidade. A introdução de uma oposição entre as duas metades um vivido de ambivalência e uma situação intra psíquica conflitual.

Cartão VI – A reacção emocional é geralmente mais negativa que positiva. O clima é muitas vezes semelhante ao do cartão IV. A prancha é muitas vezes rejeitada na escolha e mesmo recusada de forma espontânea, provavelmente devido ao impacto da sua significação.

- Este cartão está carregado de implicações sexuais. Apesar de bissexuado, a dimensão fálica é mais utilizada que a simbólica do corpo feminino. Pode haver um movimento de afirmação em kob sob o modo agressivo ou destruidor; mas este pode ser negado, evitado ou substituído por uma imagem passiva, favorecida pela estompagem e veiculando conotação anal. A dinâmica activo/passivo pode também dar conta da problemática de castração, através de imagens em movimento (K) ou passivas, independentemente das representações sexuais simbólicas ou não. Deve fazer-se uma comparação com o cartão IV.

Cartão VII – A tonalidade emocional reflecte o carácter frágil, inacabado e desarticulado, portanto instável e como que em desequilíbrio, do estímulo e a reacção é neutra ou francamente negativa. O prazer de uma relação calorosa ou lúdica pode ser igualmente sentido.

- A implicação simbólica é claramente feminina e/ou materna. O cartão impele o sujeito a situar-se frente ao sexo feminino, à imagem feminina ou à imagem materna em função da sua própria relação primitiva com a mãe, levando a imagens securizantes (qualquer que seja o conteúdo- jogos, animais, pessoas), ou imagens negativas podendo revelar um vivido abandonico (bloco de gelo, ruínas). As imagens em cinzento dão conta de um funcionamento secundarizado e a invasão ou atracção pelo branco ou vazio revela um funcionamento primário (corpo vazio, destruído). Pode ser comparado com o cartão II.

Cartão VIII – A tonalidade é emocional é, devido à introdução da cor, geralmente positiva. Mas isso por vezes é ignorado ou pouco explícito. A tonalidade disfórica surge raramente e é corolário de respostas de corpo deformado, devorado, destruído ou de interior do corpo.

- A solicitação simbólica está ligada à presença da cor que apela à troca, à comunicação; este elemento sensorial faz parte do mundo exterior e da afectividade, em função da hipótese que põe em relação cores e emoções. O essencial da significação vai depender da utilização franca da cor ou da sua recusa. As respostas podem ir numa direcção de valorização narcísica, numa preocupação somática, ou de um vivido destrutivo. Pode dar-se um isolamento dos afectos, ou então confusões entre o dentro e o fora com temáticas de destruição ou pela atracção ao branco visto como falta pode em destaque a fragilidade e a carência.

Cartão IX - A tonalidade emocional depende da aceitação ou da resistência ao apelo simbólico do cartão que suscita a ambivalência quanto a escolhas e rejeições. É um cartão difícil para uns e um estímulo à criação para outros. A ressonância é frequentemente intensa e quando é neutra, o que acontece raramente, revela ausência de elementos socializantes.

- O cartão é rico em significações possíveis. A solicitação à regressão é dominante, podendo as posições regressivas serem vividas positiva ou negativamente, mas reenviando sempre para um simbolismo materno pré-genital, associado ou não aos fantas-

mas de gravidez ou de nascimento. A elaboração mental fantasmas favorecem a construção criadora em k ou cor, mas a incapacidade de elaboração pode conduzir a respostas sexuais cruas ou de deterioração de corpo. O apelo à regressão pode ser substituído por um pólo pulsional cénico ou destruidor (fogo de artifício, explosão, fim do mundo).

Cartão X – A tonalidade emocional está ligada a dois factores: o facto de ser o último cartão que conduz ao fim da situação. A ruptura pode ser sentida como alívio ou como ferida. Em segundo lugar, a dispersão da mancha pode facilitar ou bloquear as associações. Os comentários são positivos (vida, alegria) ou negativos, podendo expressar agressividade (é pouco sério, é um desenho de crianças), denotando dificuldades na regressão. O mal-estar pode ser devido, também, aos grandes espaços brancos.

- A solicitação simbólica tem como referência o facto de ser o último cartão (cartão da transferência) e da dispersão de cores. E no que se refere à dispersão, a implicação simbólica é diferente consoante se centra nas cores, na dispersão, ou nos espaços brancos. É referido como um cartão de festa, revelando imaginação infantil através de uma regressão prazeroso provocada pela movimento e cor (carnaval, país das maravilhas), ou cartão de fragmentação traduzido em imagens mórbidas do interior do corpo, podendo passar pela manifestação de agressividade secundarizada (animais em luta) ou primária (caos). Os conteúdos permitam a distinção as diferentes problemáticas neuróticas e a precisar a experiência psicótica. Na sua dimensão de continente materno, o cartão pode evocar os cartões VII ou II.

A análise clássica do conteúdo latente proposta por Rausch, que acabamos de apresentar, dá conta da complexidade do Rorschach. Cada cartão revela um nível mais evoluído e um nível mais arcaico, não esquecendo as tonalidades que estes níveis podem apresentar. Cada cartão tem a potencialidade de suscitar representações, fantasmas e afectos em registos mais-ou menos evoluídos e numa linguagem homogénea que preserva a dialéctica própria a cada sujeito e que é necessário ter sempre em conta.